

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Vitor Tassinari Dornelles

**AS NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO
PODCAST PAUTA PÚBLICA: PROCEDIMENTOS DE CONTROLE E
AÇÕES DE RESISTÊNCIA NO DISCURSO DOS JORNALISTAS**

Santa Maria, RS
2023

Vitor Tassinari Dornelles

AS NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO PODCAST PAUTA
PÚBLICA: PROCEDIMENTOS DE CONTROLE E AÇÕES DE RESISTÊNCIA NO
DISCURSO DOS JORNALISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Comunicação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Franz Amaral

Santa Maria, RS
2023

Dornelles, Vitor Tassinari

As Narrativas sobre as Práticas Jornalísticas no Podcast Pauta Pública: Procedimentos de controle e ações de resistência no discurso dos jornalistas / Vitor Tassinari Dornelles.- 2023.

141 p.; 30 cm

Orientadora: Márcia Franz Amaral

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2023

1. Narrativa jornalística 2. Práticas jornalísticas 3. Podcast jornalístico I. Amaral, Márcia Franz II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, VITOR TASSINARI DORNELLES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Vitor Tassinari Dornelles

**AS NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO
PODCAST PAUTA PÚBLICA: PROCEDIMENTOS DE CONTROLE E
AÇÕES DE RESISTÊNCIA NO DISCURSO DOS JORNALISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação

Aprovado em 6 de abril de 2023.

Márcia Franz Amaral, Dra. (UFSM) (Presidente/Orientadora)

Débora Cristina Lopez, Dra. (UFOP - MG)

Mirian Redin de Quadros, Dra. (UFSM - RS)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

É provável que para todos nós a lembrança de qualquer atividade relevante realizada entre 2020 e 2022 seja marcada pelas consequências da pandemia de Covid-19. No meu caso, tive a sorte de ter enfrentado uma de suas consequências mais brandas: o isolamento social. Somou-se a esse isolamento a realização de um trabalho aparentemente tão solitário como é a escrita de uma dissertação.

Por outro lado, creio que um dos aprendizados mais profundos que podem ter vindo do período pandêmico é que não é preciso estar fisicamente junto para estar acompanhado. Nesse sentido, agradeço imensamente às várias pessoas que me ajudaram a redigir cada palavra desse trabalho:

À minha orientadora, a professora Márcia Franz Amaral. Sempre presente e extremamente atenciosa ao atender orientandos e alunos. Gentil nas leituras e nos conselhos. Poder me dizer orientando dela para ex-colegas da Facos sempre foi motivo de orgulho.

Às professoras que compõem a banca de avaliação desse trabalho, Mirian Quadros e Debora Lopez. A gentileza dos comentários e a acuidade das sugestões feitas durante a banca de qualificação foram fundamentais para a finalização desse trabalho.

Aos demais professores e servidores TAE do Poscom-UFSM. Aos primeiros, por todas as sugestões e incentivos durante as aulas. Aos segundos, pela presteza e facilitação na resolução de todas as questões burocráticas.

À minha namorada Kauane Müller. Mesmo de longe, foi incentivo fundamental para continuar a escrever nos períodos mais difíceis. Obrigado pelo carinho e pelas ajudas práticas desde a escrita do projeto de mestrado.

Às amigas Carol Bonoto, Carol Barin, Mari Martinuzzi e Amanda Levy. Nossos raríssimos encontros durante o período de isolamento ajudaram a manter a mente alegre e sã.

Aos amigos Eduardo Felipe e Priscila Fornazier. É irônico pensar que meus amigos mais distantes geograficamente foram com quem eu mais tempo estive. Aprendizado da pandemia. Obrigado pela companhia e pelas infinitas horas de lazer.

À minha família, pai, mãe e irmãos, por todos os incentivos e pelos momentos de descanso.

Ao Gato. A companhia gentil, atenta, silenciosa e cuidadosa do felino proporcionou o conforto necessário para a escrita desse trabalho nos períodos mais solitários.

RESUMO

AS NARRATIVAS SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO PODCAST PAUTA PÚBLICA: PROCEDIMENTOS DE CONTROLE E AÇÕES DE RESISTÊNCIA NO DISCURSO DOS JORNALISTAS

AUTOR: Vitor Tassinari Dornelles
ORIENTADORA: Márcia Franz Amaral

De maneira abrangente, entendemos o podcasting como a produção e a circulação assíncrona de programas em áudio através da internet. Apesar de sua ligação com a linguagem radiofônica, trata-se de um fenômeno recente e em ascensão, que tem sido apropriado cada vez mais por veículos jornalísticos. Um ponto notável a respeito dessas produções é a utilização de repórteres como fontes de informações. Nesse sentido, este trabalho investiga as narrativas sobre as práticas jornalísticas resultantes de entrevistas com repórteres no podcast Pauta Pública, produzido pela Agência Pública. A partir das contribuições de autores como Leal (2013) e Resende (2009), entendemos o jornalismo como conformador de narrativas sobre a contemporaneidade. O podcast analisado, ao trazer jornalistas para falar sobre suas reportagens, constrói narrativas sobre as práticas jornalísticas. Nosso entendimento das práticas jornalísticas se dá através dos trabalhos de Ryfe (2017) e Marocco (2021), para quem essas práticas são constituídas pelas ações dos indivíduos com base em um entendimento comum a respeito do que é para o que serve o jornalismo. Algumas dessas práticas são centrais e fazem do jornalismo o que ele é. Constituem, portanto, procedimentos de controle que limitam e definem a formação discursiva (FOUCAULT, 2009). Sendo assim, propomos compreender como os jornalistas integram suas práticas às suas narrativas e como elas se relacionam com os procedimentos de controle do discurso. Nossa análise se dá através da perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013). Esse olhar nos permitiu enxergar veículo, jornalistas apresentadores e repórteres entrevistados como narradores e personagens. Também foi possível desconstruir e compreender textos que refletem sobre o fazer jornalístico. Concluímos que os programas constroem narrativas em áudio através de entrevistas que podem ser consideradas dialogais (LAGE, 2002). Nesse espaço, os repórteres se constituem como fontes especialistas e testemunhais e relatam práticas que refletem e tensionam os procedimentos de controle do discurso jornalístico.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Práticas jornalísticas. Podcast jornalístico.

ABSTRACT

NARRATIVES ABOUT THE NEWS PRACTICES ON PAUTA PÚBLICA PODCAST: DISCURSIVE CONTROL PROCEEDINGS AND RESISTANCE ACTIONS IN JOURNALISTS' SPEECH

AUTHOR: Vitor Tassinari Dornelles
ADVISOR: Márcia Franz Amaral

In a wider sense, we understand podcasting as the production and the asynchronous circulation of audio shows on the internet. Despite its connection with radio language, it is a recent and a rising phenomenon, which has been increasingly appropriated by media outlets. An interesting point about these productions is the use of reporters as sources of information. Following these ideas, this work investigates the narratives about the news practices as a result of the interviews with reporters in the Pauta Pública podcast, produced by Agência Pública. Based on the contributions of authors such as Leal (2013) and Resende (2009), we understand journalism as a producer of narratives about the present time. The podcast analyzed in this work, by bringing journalists to talk about their news stories, builds narratives about the news practices. Our understanding of news practices is based on the work of Ryfe (2017) and Marocco (2021), for whom these practices are constituted by the actions of individuals based on a common sense about what journalism is and what it is for. Some of these practices are central to the discursive formation and make journalism as we see it. In this way, they constitute control proceedings that limit and define the discourse (FOUCAULT, 2009). We made our analysis through the theoretical-methodological perspective of the Narrative Critical Analysis, proposed by Motta (2013). This look allowed us to see the media outlet, the journalists hosts and the interviewed reporters as narrators and characters. It was also possible to deconstruct and understand texts that reflect on the journalistic work. We conclude that the programs build audio narratives through interviews that can be seen as dialogic (LAGE, 2002). In this space, journalists constitute themselves as expert and testimonial sources who reports practices that reflect and strain the journalistic discursive control proceedings.

Keywords: Journalistic narrative. News practices. News podcast.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Página geral do Pauta Pública no site da Agência Pública.....	86
FIGURA 2 – Página do oitavo episódio do Pauta Pública no site da Agência Pública.....	86
FIGURA 3 – Página do primeiro episódio do Pauta Pública no Spotify.....	87

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Mapeamento de episódios do podcast Pauta Pública.....	77
QUADRO 2 – Procedimentos metodológicos.....	84
QUADRO 3 – Elementos sonoros e parassonoros no Pauta Pública.....	95
QUADRO 4 – Narradores do podcast Pauta Pública.....	105
QUADRO 5 – Práticas jornalísticas narradas pelos repórteres.....	112

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O JORNALISMO COMO NARRATIVA	22
2.1 A NARRATIVA JORNALÍSTICA EM PROGRAMAS RADIOFÔNICOS E EM ENTREVISTAS	26
2.2 A ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA.....	31
2.2.1 O primeiro, o segundo e o terceiro narrador	34
3 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	37
3.1 OS PROCEDIMENTOS DE CONTROLE DISCURSIVO NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS.....	42
3.2 O COMENTÁRIO E A CRÍTICA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	47
3.2.1 Ações de resistência no jornalismo	49
4 A NARRATIVA EM PODCASTS JORNALÍSTICOS	53
4.1 O PODCASTING COMO FENÔMENO DA RADIOFONIA EXPANDIDA.....	58
4.2 PODCASTS JORNALÍSTICOS BASEADOS EM ENTREVISTAS	60
4.3 O REPÓRTER COMO FONTE EM PODCASTS JORNALÍSTICOS	67
5 O PODCAST PAUTA PÚBLICA E O PERCURSO METODOLÓGICO	74
5.1 O PODCAST PAUTA PÚBLICA.....	74
5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	79
6 A NARRATIVA SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO PODCAST PAUTA PÚBLICA	85
6.1 A LINGUAGEM DO PODCAST – ELEMENTOS SONOROS E PARASSONOROS... 85	
6.2 OS NARRADORES – OS JORNALISTAS COMO FONTE DE INFORMAÇÕES	95
6.3 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NARRADAS PELOS REPÓRTERES	106
6.4 AS AÇÕES DE RESISTÊNCIA DOS JORNALISTAS.....	118
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	129

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO INDIVIDUAL DOS EPISÓDIOS NARRATIVOS NOS PROGRAMAS ANALISADOS.....	136
---	------------

1 INTRODUÇÃO

O termo podcasting¹ foi cunhado pela primeira vez em 2005, em artigo do jornal inglês *The Guardian*. Seu surgimento está ligado à produção amadora e à distribuição de forma independente de arquivos pela rede mundial de computadores. Antes visto como um produto de nicho, o podcasting passou a receber maior atenção da mídia tradicional em 2014, com o lançamento do *Serial*, produzido pela rádio pública norte-americana NPR. O programa pode ser brevemente definido como uma série jornalística episódica sobre um crime ocorrido nos Estados Unidos. Obteve notoriedade pelos altos índices de audiência, pela sua linguagem e pelo seu tema, que influenciaram outras produções. A exemplo do *Serial*, os podcasts são programas distribuídos pela internet, normalmente em áudio e de forma assíncrona.

Com a crescente notoriedade dos podcasts, a partir de 2019 veículos da imprensa tradicional, como o jornal Folha de S.Paulo e o portal de notícias G1, começaram a investir no formato². Também começaram a surgir produtoras especializadas em podcasting que lançaram programas independentes e em parceria com veículos tradicionais. Estes programas têm se mostrado cada vez mais como um espaço de produção e circulação de informações jornalísticas. Autores como Eduardo Vicente (2018 e 2021) e Tiziano Bonini (2020) defendem que a produção de podcasts estaria entrando em uma nova fase, tornando-se um meio massivo e profissionalizado e apresentando características distintas.

A intensa produção de podcasts por veículos jornalísticos e produtores independentes já possibilita a identificação de programas que apresentam características em comum entre si. Os programas de entrevistas ou de mesa-redonda se popularizam cada vez mais e se constituem como um tipo específico de produção, pautando até mesmo o noticiário tradicional. Na esteira da popularidade do *Serial*, se estabiliza uma outra forma de se fazer podcasts, focados na narrativa e baseados na apuração e investigação aprofundada. Inspirado no programa da rádio NPR que citamos anteriormente, o Projeto Humanos foi um dos grandes responsáveis pela popularização do podcasting no Brasil.

O Projeto Humanos é um podcast que, em sua descrição oficial, estabelece como objetivo utilizar um formato que considera ainda pouco explorado no Brasil: o *storytelling*. O

¹ Neste trabalho, seguimos a sugestão de Vicente (2018), que utiliza o termo podcasting para referir-se ao fenômeno e ao ato de produzir os programas, e podcast aos programas.

² Um relatório produzido pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism* (NEWMANN e GALLO, 2020) indicou que a produção de podcasts e a audiência desses programas tiveram aumento durante a pandemia de Covid-19. O documento também demonstra a influência do podcast *The Daily*, produzido pelo jornal *The New York Times*, sobre outras produções jornalísticas. Os principais podcasts produzidos pela Folha de S.Paulo e pelo G1, o Café da Manhã e O Assunto, têm formato semelhante ao programa do periódico estadunidense.

próprio programa oferece uma explicação para o termo: “é como se fosse um documentário em formato de áudio e distribuído na internet. Aproxima-se de práticas conhecidas no país como jornalismo narrativo e/ou literário”³. O *Serial* é citado como uma das influências do Projeto Humanos. Foi durante sua quarta temporada, publicada a partir de outubro de 2018, que o programa obteve seu pico de notoriedade. Assim como o programa norte-americano, a temporada tratava de um crime real e obteve elevados números de audiência, chegando a uma média de 500 mil downloads de episódios por mês⁴. Acabou se expandindo para outro formato: em 2020, a Globoplay, o serviço de *streaming* de vídeos da Rede Globo, produziu uma série documental baseada no podcast.

Podcasts jornalísticos ligados a jornais e portais de notícias também são produzidos em grande número e apresentam uma estrutura parecida, sob forte influência do *The Daily*, produzido pelo periódico estadunidense *The New York Times*. Estes programas têm como característica marcante a presença de jornalistas da própria redação como fontes de informações. Ao entrevistar repórteres, os veículos parecem buscar credibilidade nas informações prestadas e conveniência na produção dos seus programas. Com isso, também se tornam um espaço de aproximação e transparência com a audiência.

Além dos jornalistas serem produtores e apresentadores de muitos podcasts, também se tornaram fontes recorrentes em programas ligados a veículos jornalísticos⁵. Algumas das razões pelas quais os repórteres tornaram-se fontes majoritárias desses programas podem ser relacionadas à experiência e a proximidade que eles possuem com certos temas. Estes repórteres já realizaram o trabalho de apuração e consultaram diversas fontes sobre o assunto a ser tratado. Com isso, tornaram-se especialistas no tema, trazendo diversidade de pontos de vista e informações já verificadas para o podcast. Nestas entrevistas, os jornalistas explicam, contextualizam e comentam os fatos noticiados. Em algumas ocasiões, falam sobre as próprias práticas profissionais, abordando o processo de produção de reportagem e relatando percepções e informações de bastidores.

Além disso, tornar o repórter fonte de informações permite ao veículo pôr novamente em circulação um conteúdo já produzido e publicado em outros espaços. Estas reportagens não são apenas transpostas para um novo formato. Ao serem recontadas pelos próprios jornalistas

³ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/sobre/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/15/podcast-que-counta-a-historia-do-caso-evandro-bate-4-milhoes-de-downloads-e-vai-virar-serie.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2023.

⁵ Baseado no trabalho de Motta (2013) a respeito da narrativa jornalística, inscrevemos o veículo, os jornalistas apresentadores e os repórteres entrevistados na categoria de narradores. Nesta pesquisa, propomos a análise da voz desses três narradores, com foco na narrativa elaborada pelos entrevistados. Assim, chamaremos de apresentadores os jornalistas que conduzem as entrevistas e de personagens os entrevistados.

que as produziram, estas narrativas vão acumulando novas camadas aos produtos anteriores, dando origem a um novo produto com características distintas. Entre estas marcas distintivas destes programas podemos destacar o próprio papel de fonte conferida aos jornalistas e a linguagem em áudio que traz semelhanças com produtos radiofônicos. Este último ponto é notável tendo em vista que alguns dos podcasts mais relevantes na atualidade não estão ligados a rádios tradicionais.

Transformados em personagens da própria narrativa, os repórteres, em diálogo com os apresentadores do programa, também jornalistas, revelam uma reflexão sobre a produção jornalística. Esta narrativa mais ampliada transcende o acontecimento em si e passa a narrar as idas e vindas de um jornalista em busca de sua matéria. Essa nova camada narrativa se soma ao relato do acontecimento, de forma intrincada. É possível, portanto, que a narração da experiência do repórter em relação ao conteúdo produzido se dê de forma a imprimir novos efeitos na história original, seja de proximidade com a audiência, de autenticação da informação já repassada no texto original, ou de forma a tensionar ou legitimar as práticas jornalísticas recorrentes.

Alguns exemplos de programas brasileiros que utilizam essa estrutura são os podcasts *Café da Manhã*, produzido pelo jornal Folha de S.Paulo em parceria com a plataforma de *streaming* Spotify, e o *Ao Ponto*, produzido pelo jornal O Globo. Nesses programas, os repórteres entrevistados, transformados em fontes, agem, na maior parte das vezes, como especialistas de um determinado tema sobre o qual trabalham continuamente.

O podcast *Pauta Pública*, produzido pela Agência Pública, um site independente de jornalismo investigativo, tem uma proposta parecida. Este programa, contudo, evidencia ainda mais o trabalho dos repórteres ao referir-se sempre a produtos já publicados em outros locais. Tornam-se, assim, um espaço propício para o jornalista refletir sobre suas práticas profissionais e sobre questões mais gerais ligadas ao jornalismo.

Entendemos o podcasting como mais um espaço possível em que jornalistas podem refletir sobre suas práticas a partir de gestos autorreferenciais e de apresentação de informações de bastidores. Discutir o próprio fazer jornalístico seria mais uma forma dos veículos estabelecerem proximidade com as audiências. A transparência, nesse caso, permite ao jornalismo se autoafirmar, estabelecendo também uma relação de confiança com os seus públicos.

Essas características são identificadas com frequência nas grandes reportagens televisivas e em espaços específicos, como o *Profissão Repórter*, transmitido pela Rede Globo. A proposta do programa é justamente exibir o processo de produção das reportagens articulado

ao relato do acontecimento. O canal de notícias Globonews, pertencente ao mesmo grupo, também lançou recentemente o podcast *As Histórias na Globonews*, que se dedica a entrevistar jornalistas. Neste programa, os repórteres contam suas experiências em coberturas que marcaram a história do canal. Em outros espaços, o jornalismo se dedica a discutir seu próprio desempenho de forma crítica, como nas colunas de *ombudsman* e nas cartas aos leitores presentes em alguns periódicos brasileiros.

Considerando que os podcasts têm se tornado um espaço crescente que possibilita o diálogo entre jornalistas apresentadores e repórteres fontes de informações, passamos a nos perguntar de que forma os acontecimentos são narrados nesses programas. Ao recontar uma história já publicada em outros locais, quais são as particularidades da narrativa apresentada no podcast? Será possível que, ao articular o relato do acontecimento com os processos de apuração os jornalistas criem narrativas sobre o fazer jornalístico? Essas narrativas podem revelar concordância ou rejeição a práticas profissionais dominantes?

As características do formato podcast, muitas delas oriundas do jornalismo radiofônico, permitem, entre outras coisas, maior intimidade com os ouvintes e um espaço mais livre para a expressão dos jornalistas. Por se tratarem muitas vezes de entrevistas que se constituem como conversas informais entre entrevistadores e entrevistados, tornam-se um lugar propício para que os repórteres comentem e opinem sobre os acontecimentos. Além disso, ao narrar seu processo de produção, o jornalista acaba se colocando na própria história, tornando-se também um personagem dela. Nesse processo, ao referir-se a um material já publicado, o jornalista evidencia marcas do processo de produção jornalístico, discutindo práticas e o papel do jornalismo de forma geral.

Encontramos na primeira temporada do podcast *Pauta Pública* um espaço específico onde jornalistas são chamados para falar a respeito de trabalhos já publicados em outros locais. Além disso, esses repórteres podem ser profissionais da Agência Pública, de outros veículos, ou autores independentes de outros materiais jornalísticos, como livros, documentários e podcasts.

Com base nessas ideias, estabelecemos como problema de pesquisa a seguinte pergunta: de que forma jornalistas entrevistados pelo podcast *Pauta Pública* narram e tensionam suas próprias práticas jornalísticas? A partir desta pergunta, estabelecemos como objetivo geral *compreender de que forma as narrativas configuradas em podcasts por jornalistas sobre suas práticas refletem e tensionam o modo de fazer jornalismo*.

Para cumprir com o objetivo geral, elencamos quatro objetivos específicos que nos ajudam a compreender as práticas jornalísticas mencionadas neste podcast:

- Compreender o podcast Pauta Pública como narrativas em áudio construídas a partir de entrevistas com jornalistas;
- Identificar como os jornalistas entrevistados são caracterizados nas narrativas dos podcasts;
- Relacionar as práticas jornalísticas narradas pelos jornalistas entrevistados aos procedimentos de controle discursivo;
- Identificar se essas práticas jornalísticas podem ser relacionadas à noção de ações de resistência realizadas por jornalistas.

Além do interesse pessoal do pesquisador em problemáticas envolvendo o jornalismo na contemporaneidade de forma geral, e nos podcasts que tratam desses temas, justificamos a realização desta pesquisa com base na inserção deste trabalho no contexto do nosso grupo de pesquisa, na relevância do fenômeno do podcasting, tanto em termos de produção quanto de audiência, e em dados encontrados em uma pesquisa de estado da arte sobre o tema.

O Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo do Programa de Pós-Graduação da UFSM desenvolveu algumas pesquisas envolvendo o jornalismo como narrativa. Destes trabalhos, destacamos a dissertação de mestrado *A narrativa jornalística imediata e tardia do desastre socioambiental na região serrana do Rio de Janeiro*, de autoria de Daniela Huberty, e as teses de doutorado *Crime no Cartão Postal: narrativas sobre punição e injustiça em O Globo e Extra*, de autoria de Lara Nasi, e *O papel da participação nos modos de narrar do jornalismo radiofônico*, de autoria de Mirian Redin de Quadros.

Essa última pesquisa é especialmente relevante para o nosso trabalho. A autora utilizou a metodologia da Análise Crítica da Narrativa para a análise de conteúdo radiofônico, tema que se aproxima do nosso objeto de pesquisa. Para esse fim, Mirian Redin de Quadros desenvolveu adaptações na metodologia proposta por Motta (2013) que foram importantes para pensarmos formas de observar a nossa problemática.

Pesquisas de audiência sobre o podcasting indicam sua relevância em termos de consumo no cenário brasileiro. Os números mostram o crescimento da audiência nos últimos anos, inclusive durante a pandemia de Covid-19⁶. Um levantamento realizado pelo Ibope em parceria com o Grupo Globo indica que o Brasil ocupa o quinto lugar entre os países que mais

⁶ A pandemia de Covid-19 refere-se ao espalhamento mundial da doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. A pandemia teve seu pico entre os anos de 2020 e 2021.

consomem o formato⁷. A pesquisa do Ibope divulgada em 2019⁸, revelou que 40% dos usuários brasileiros de internet já ouviram um podcast. Este número representa um total de 50 milhões de pessoas.

Em 2020, durante a pandemia, o público ouvinte de podcasts cresceu 10%, sendo que 7% dos entrevistados consumiram o formato pela primeira vez⁹. A pesquisa divulgada em 2021¹⁰ revelou que 31% dos ouvintes de rádio costumam ouvir regularmente esses programas. O número representa um aumento de 32% em relação ao ano anterior. Isso significa que o número de ouvintes regulares de podcasts saltou de 21 milhões em 2019 para 28 milhões em 2020.

Em relação à produção de podcasts, a pesquisa do Ibope em parceria com o Grupo Globo indica que o Brasil foi o país que mais teve crescimento na produção de novos programas em 2020¹¹. Diversas empresas midiáticas tradicionais investem no podcasting. Podemos citar como exemplo o Grupo Globo, que passou a investir em programas exclusivos, como o Projeto Humanos e o República das Milícias. Jornais tradicionais também investem em programas diários e produções especiais, como a Folha de S.Paulo, que, em julho de 2022, tinha 15 programas em seu catálogo.

Em uma pesquisa de estado da arte realizada em novembro de 2021, buscamos os termos podcast, podcasting e podcast jornalístico nos seguintes locais: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e portal Oásis do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); sites da Compós e do Intercom; as revistas científicas Radiofonias, Radio-leituras e Contracampo; e as páginas dos programas de pós-graduação em comunicação da UFRJ, UFMG, UFRGS, UFSM e UFF.

Encontramos um total de 10 dissertações, publicadas desde 2013, e 24 artigos, publicados desde 2017. Destacamos que a nossa seleção de artigos compreendeu apenas aqueles que tivessem ligação com o jornalismo ou que tratassem o podcasting de forma abrangente. Muitos artigos tratam o podcasting do ponto de vista educacional, por exemplo. Trabalhos como esse, que fugiam ao nosso tema de pesquisa, foram desconsiderados. Acrescentamos a esta

⁷ Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/audiencia-de-pocasts-no-brasil-dispara-na-pandemia/>. Acesso em 17 abr. 2022.

⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>. Acesso em 17 jan. 2021.

⁹ Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2020/09/INSIDE-RADIO-2020_Kantar-IBOPE-Media.pdf. Acesso em 17 abr. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://negociossc.com.br/blog/dados-sobre-o-consumo-de-audio-em-2021-radio-e-podcast/#:~:text=Em%20pesquisa%20para%20a%20Globo,a%20tend%C3%AAncia%20%C3%A9%20continuar%20crescendo>. Acesso em 17 abr. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://gente.globo.com/o-futuro-proximo-dos-podcasts/>. Acesso em 17 abr. 2022.

pesquisa um dossiê publicado no final de 2021 pela revista portuguesa Comunicação Pública, da Escola Superior de Comunicação Social, composto por 14 artigos sobre podcasting.

Identificamos um crescente interesse dos estudos acadêmicos da comunicação envolvendo a temática dos podcasts, especialmente nos últimos anos. Das 10 dissertações encontradas, sete foram produzidas a partir de 2017. Além disso, entre os artigos, encontramos duas revistas que publicaram dossiês temáticos sobre podcasts. Além da já citada revista portuguesa, a revista *Radiofonias*, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, publicou uma edição com o tema Podcasting e Remediação da Linguagem Radiofônica, em julho de 2020.

De forma geral, as dissertações mostram a ligação entre podcasting e a comunicação radiofônica. Destacam o áudio como linguagem principal dos podcasts e os diferenciam da rádio em seus aspectos de distribuição na internet, consumo sob demanda, facilidade e baixo custo de produção e as diferentes possibilidades de interação nas redes sociais digitais. Em relação às reportagens, destacam a investigação aprofundada, a construção narrativa distinta de outros meios e a utilização de linguagens diversas que não apenas o áudio, como textos e imagens em sites e páginas de redes sociais.

Em relação aos artigos, percebemos que muitos deles tratam dos aspectos ditos narrativos dos podcasts e a maior parte busca definir o objeto ou mapear estudos realizados sobre o tema. Os artigos investigaram o uso de técnicas de *storytelling*, a influência do jornalismo literário e o papel do narrador. De forma geral, todos eles enxergaram no podcast uma ferramenta profícua para a elaboração de narrativas imersivas. Também percebemos um destaque para a presença do narrador jornalista, demonstrando como o podcasting tem sido visto como um espaço privilegiado para a expressão dos repórteres.

Oito dos artigos observados se dedicam a definir o objeto de pesquisa a partir do levantamento de características gerais, de programas produzidos e de mapeamento de estudos. Dois trabalhos, ao fazerem levantamentos de estado da arte, foram especialmente interessantes para o desenvolvimento do nosso trabalho.

O artigo intitulado *Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora*, de autoria de Luana Viana (2020), destaca contribuições teórico-metodológicas de pesquisas realizadas na área. Nos 34 trabalhos investigados, a autora identificou, de forma semelhante a que concluímos em nosso próprio levantamento de estado da arte, a consolidação do enquadramento dos estudos do podcast nas áreas de rádio e mídia sonora. Não há, porém, uma definição única do objeto nos trabalhos observados e nem um autor chave para a sua compreensão.

Assim como o dado encontrado em nossa pesquisa referente às dissertações, Viana (2020) encontrou um predomínio de referenciais teóricos ligados ao rádio e, em menor número, ligado a cibercultura e mídias digitais. Também condizente com nossas descobertas, a maior parte dos trabalhos observados pela autora utilizou como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica e o estudo de caso. Não há características definidoras da mídia, embora muitos trabalhos citem a autonomia em relação à produção, e a recepção assíncrona. Viana (2020) concluiu também que há uma pluralidade de olhares a respeito do podcast.

O artigo intitulado *Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017)*, de autoria de Ana Luíza Couto e Luís Mauro Sá Martino (2018) chegou a conclusões parecidas dois anos antes. O trabalho investigou 35 teses e dissertações sobre *podcasts* nos estudos da comunicação focalizando a definição do objeto, a construção teórico-metodológica e a bibliografia utilizada.

Os autores concluíram que não há consenso sobre o conceito de podcast, a predominância da utilização de entrevistas com produtores e Análise de Conteúdo como opções metodológicas e a utilização de bibliografia sobre rádio e mídias digitais. Em relação ao referencial teórico, Couto e Martino (2018) chegaram a conclusões diferentes das encontradas em nossa pesquisa de estado da arte. A razão provável para isso é a diferença de tempo no recorte dos trabalhos observados. Enquanto em nosso trabalho encontramos o predomínio dos estudos de rádio de Marcelo Kischinhevsky e de podcasts e mídias digitais de Alex Primo, os autores do artigo encontraram mais citações de autores como Ferraretto e Meditsch.

Também fizemos importantes descobertas de informações sobre o podcasting em artigos e trabalhos encontrados através da ferramenta Google Acadêmico e da participação em dois eventos específicos sobre o tema. Na pesquisa realizada no Google, incluímos na busca artigos publicados na língua inglesa. Entre os achados nesse idioma, destacamos o relatório produzido por Newmann e Gallo (2020) intitulado *News Podcasts and the Opportunities for Publishers*. O documento mostra, em números, o crescimento exponencial na produção de podcasts jornalísticos em três países da Europa, nos Estados Unidos e na Austrália. Também propõe uma classificação para os diferentes formatos de podcasts jornalísticos publicados nesses locais.

Durante o período de realização dessa pesquisa, participamos de dois eventos que se dedicaram ao podcasting, trazendo falas de jornalistas produtores dos programas mais populares no país. O webinar *Dicas para um podcast de sucesso* (2021), promovido pelo *The International Journalists' Network*, teve a participação de Magê Flores, editora de podcasts da Folha de S.Paulo e apresentadora do podcast Café da Manhã. O evento promovido pelo Núcleo de Estudos do Rádio da UFRGS, intitulado *O aprofundamento de notícias no podcast diário*

(2021) trouxe como convidados, entre outros, os jornalistas que apresentam os podcasts *Durma com Essa*, do *Nexo Jornal* e o *Ao Ponto*, do jornal *O Globo*. Em suas falas, os jornalistas listaram características distintivas dos podcast que apresentam e que foram úteis para compreendermos o fenômeno de maneira geral.

Nossa pesquisa de estado da arte demonstra, portanto, que este trabalho se encaixa no panorama geral de estudos relacionados na área da comunicação e que pode colaborar para a ampliação do conhecimento a respeito deste tema. Conforme demonstrado nos trabalhos estudados, o podcasting é um fenômeno relativamente recente e que demonstra ser um espaço privilegiado para a atuação dos jornalistas, de forma mais livre e mais próxima aos ouvintes. Torna-se, nesse sentido, um objeto apropriado para a observação das práticas jornalísticas na contemporaneidade.

Por fim, achamos interessante trazer aqui uma reflexão de Resende (2009) como mais um elemento que justifica a realização desta pesquisa. Para o autor, refletir sobre as narrativas jornalísticas é um modo de conhecer o jornalismo e seus modos de fazer. Nessa perspectiva, as análises podem se dar sobre o texto em si, sobre seu processo de produção e sobre quem os produziu. Resende (2009) argumenta que a maior parte das pesquisas até então se dedicavam a refletir sobre os textos, deixando de lado os outros elementos. Entendemos que a nossa pesquisa se dá justamente sobre esses dois últimos aspectos, isto é, sobre os modos como os jornalistas atuam a fim de produzir narrativas jornalísticas.

Construímos a fundamentação teórica deste trabalho a partir de três pontos chaves: o jornalismo como narrativa, as práticas jornalísticas e o podcast jornalístico. Dessa forma, além dessa introdução e das considerações finais, esse trabalho é composto por cinco capítulos.

No segundo capítulo deste trabalho vamos falar do jornalismo como conformador de narrativas sobre a contemporaneidade. A partir de ideias de autores como Leal (2011 e 2013), Motta (2005 e 2013) e Resende (2005 e 2009), entendemos que o jornalismo confere sentidos à realidade através da elaboração de histórias com início, meio e fim. Através destas narrativas, o jornalismo constrói representações sobre o mundo.

Considerando que nosso objeto de estudo é um programa em áudio construído através da realização de entrevistas, achamos importante abordar a forma como esses elementos conformam narrativas específicas. De acordo com os autores citados nesse trabalho, a linguagem dos podcasts remonta à linguagem radiofônica. Para explorar os elementos que compõem a linguagem sonora desses programas, nos baseamos no trabalho de Quadros (2018), que por sua vez se apoiou no trabalho de Armand Balsebre, e Mario Kaplún (2017) para descrever os diferentes elementos que integram a mensagem radiofônica. Para discorrer sobre

as narrativas elaboradas em entrevistas, recorreremos a diversos artigos reunidos no livro *Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*, organizado por Beatriz Marocco.

Neste mesmo capítulo, também abordaremos a metodologia utilizada neste trabalho, a Análise Crítica da Narrativa. O método proposto por Motta (2013) nos permite analisar os textos jornalísticos como narrativas, desconstruindo-os gradualmente através de uma série de procedimentos que nos possibilitam isolar e analisar os elementos que nos interessam. É através das ideias deste autor que também discorreremos sobre os jornalistas apresentadores e entrevistados como narradores destas histórias.

Uma das ideias que motiva nosso trabalho é que, ao narrar o trabalho de jornalistas em busca de uma reportagem, o Pauta Pública produz uma narrativa sobre as práticas jornalísticas. Além de recontar o acontecimento já publicado em outros formatos, o podcast também produz um texto sobre o modo como o material foi produzido. Os repórteres, tomados em nosso trabalho como narradores e personagens, descrevem procedimentos utilizados para a apuração de informações, refletem sobre suas escolhas e falam sobre o papel do jornalismo.

Nesse sentido, nosso terceiro capítulo discorre sobre as práticas jornalísticas na perspectiva de autores como Marocco (2021) e Ryfe (2017). Para esses pesquisadores, as práticas jornalísticas são constituídas por um conjunto de ações performadas por indivíduos e quem tem por base um entendimento comum a respeito do que é para que serve o jornalismo. Analisar essas práticas, conforme proposto neste trabalho, ajuda a entender o funcionamento do jornalismo enquanto formação discursiva.

Dessa forma, também nos será útil abordar os procedimentos de controle discursivo elaborados por Foucault (2009) e relacionados ao jornalismo por Dent (2008). Esses procedimentos seriam práticas centrais a determinadas formações discursivas que asseguram que ela se dê de uma forma e não de outra. Analisar as narrativas elaboradas por repórteres no podcast Pauta Pública levando em conta esses procedimentos de controle nos ajudará a entender práticas centrais do jornalismo. Através desses conceitos, também poderemos ver como as ações desses profissionais se dão em relação de resistência frente às práticas estabelecidas.

Para finalizar esse capítulo, abordaremos o comentário e a crítica das práticas jornalísticas. O comentário é também um dos procedimentos de controle discursivo descritos por Foucault (2009), entendido como um discurso que se constrói sobre um outro. Trabalhos como os de Zamin (2021) e Marocco (2021) mostram como repórteres utilizam espaços diversos, como livros e postagens em redes sociais, para comentar e criticar as práticas jornalísticas. Neste capítulo também discorreremos sobre a noção de ações de resistência praticadas por jornalistas de acordo com o trabalho de Marocco (2016).

No quarto capítulo, trataremos especificamente dos podcasts jornalísticos. Nesta seção do trabalho, vamos definir o fenômeno do podcasting e traçar um breve histórico de seu surgimento, a partir de textos de autores como Bonini (2020) e Vicente (2018 e 2021). Olhar para esses elementos nos leva a entender o podcasting também como uma continuidade da linguagem radiofônica na internet. Assim, com base nos trabalhos de Ferraretto (2007) e Kischinhevsky (2012, 2015 e 2021), propomos entender o podcasting como uma modalidade da radiofonia expandida.

Como dissemos anteriormente, o podcasting se caracteriza por uma diversidade de programas em áudio publicados na internet desde pelo menos 2004. Nem todos eles caracterizam-se como produções jornalísticas. Mesmo dentre aqueles ligados ao jornalismo, ainda há uma diversidade em relação a gêneros e formatos. Sendo assim, nesse capítulo também trataremos das características dos podcasts que se aproximam do nosso objeto de estudo.

Por último, com base em textos como os de Chagas (2019) e de Santa Cruz e Barsotti (2021), vamos explorar a utilização de jornalistas como fontes em podcasts. Com isso, tentaremos mostrar como esses programas se tornam um espaço propício para que o jornalismo fale sobre si mesmo. Tal ocorrência não é exclusiva dos podcasts. Na verdade, esse processo já é observado por diversos autores em outros locais, como nas grandes reportagens, nas narrativas audiovisuais e em espaços específicos de jornais diários.

No quinto capítulo deste trabalho, vamos apresentar o nosso objeto de pesquisa, o podcast Pauta Pública, e nossos procedimentos de análise, construídos com base na Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013) e na proposta de elementos sonoros auditáveis (MEDITSCH e BETTI, 2019).

No sexto capítulo, apresentaremos os resultados de nossa análise. Ela foi dividida em quatro partes. Na primeira, demonstramos quais são os elementos sonoros e parassonoros utilizados pelo Pauta Pública e como eles conformam as narrativas produzidas pelo programa. Na segunda, descreveremos as funções dos narradores que integram o podcast, com foco na análise de seus personagens. Na terceira parte, nos deteremos especificamente sobre as práticas jornalísticas citadas pelos repórteres entrevistados. Por fim, relacionaremos algumas dessas práticas à noção de ações de resistência dos jornalistas.

2 O JORNALISMO COMO NARRATIVA

Neste trabalho, adotamos como perspectiva teórico-metodológica o jornalismo como conformador de narrativas sobre a contemporaneidade. Nossa análise centra-se na narrativa construída sobre a prática jornalística em podcasts. Mais especificamente, vamos observar como as menções às práticas profissionais se articulam às histórias contadas por repórteres entrevistados no podcast Pauta Pública. Neste capítulo, abordaremos o jornalismo como narrativa e as particularidades das narrativas elaboradas através da linguagem radiofônica e da entrevista jornalística. Por fim, apresentaremos nossa metodologia utilizada para a análise: a Análise Crítica da Narrativa.

Elton Antunes (2014, p. 191), em um curto verbete sobre o termo, propõe uma definição basilar da narrativa: “a operação de articular, reunir e dispor, de estabelecer uma história que combine acontecimentos e ações numa dada organização temporal produzindo uma unidade significativa”. No âmbito dos estudos na área da comunicação, essa perspectiva da narrativa tem sido alargada para além de um gênero textual. Ela é tida como a própria maneira pela qual os seres humanos criam e apreendem sentidos, organizando a dispersividade dos acontecimentos cotidianos em unidades inteligíveis.

A narrativa tem, portanto, um aspecto de ordenação da realidade percebida. Para compreendê-la desta forma, diversas pesquisas brasileiras realizadas na área da comunicação recorrem ao trabalho de Ricoeur (1994). O filósofo francês parte das reflexões de Santo Agostinho, a respeito do tempo, e de Aristóteles, sobre a composição da intriga, e propõe compreender a narrativa como uma “síntese do heterogêneo”. Para Ricoeur (1994, p 12), a narrativa consiste na composição de uma intriga, ou enredo, através da qual “reconfiguramos nossa experiência temporal”.

Podemos compreender a narrativa, portanto, como uma ação de configuração, de organização e de ordenação da realidade na forma de enredos cronologicamente ordenados. Ricoeur (1994) propõe um modelo de configuração narrativa em três fases, as quais ele chama de mimeses. O termo mimese tem origem nos textos de filósofos gregos clássicos, como Aristóteles, e pode significar tanto imitação quanto representação. Esse último significado serve melhor para entendermos a atividade mimética como um processo de apreensão da realidade percebida através da criação de representações.

Através dessas três fases, Ricoeur (1994, p. 87) estabelece “o papel mediador da tessitura da intriga entre um estágio da experiência prática que a precede e um estágio que a sucede”. A descrição da configuração narrativa através das três mimeses nos soa especialmente

interessante por considerar os processos de apreensão dos acontecimentos, de elaboração do texto e de leitura, considerando ainda o contexto no qual se dão as trocas comunicacionais.

A mimese 1 corresponde a um estágio anterior à composição da intriga. Para que uma ação possa ser narrada, explica Ricoeur (1994), é necessário que ela já esteja articulada em signos, regras e normas compartilhadas por indivíduos imersos no que o autor chama de uma “relação de intersignificação”. A mimese 2 diz respeito a configuração da narrativa. É nesse momento que os acontecimentos são articulados em forma de textos (compreendidos aqui em seu sentido amplo, não apenas como material escrito). Esta fase corresponde ainda a uma mediação entre a mimese 1 e a mimese 3, que é o momento em que os textos são recebidos, lidos e compreendidos.

Apesar de Ricoeur (1994) referir-se especificamente às narrativas ficcionais e históricas, autores como Bruno Leal (2013) trazem suas reflexões para o jornalismo. O pesquisador explica que “narrar é ‘compôr intrigas’ e isso se dá quando os fatos são ditos, lembrados, mencionados e articulados entre si” (LEAL, 2013, p. 34). A narrativa não pretende encerrar um acontecimento em si, mas ela constrói um todo com início, meio e fim, solucionando relações, problemas e situações complexas. Ela é, para o autor, um modo como lidamos com aquilo que desafia nosso entendimento.

Ao propor uma narrativa sobre um acontecimento, portanto, o jornalismo não apenas traduz um fato, mas oferece histórias que se configuram como construções de realidades. Para Bruno Leal (2011), o jornalismo produz textos narrativos apoiados em convenções e recursos estratégicos para que os receptores leiam os acontecimentos relatados como credíveis, válidos e legítimos. Nesse sentido, podemos entender a objetividade jornalística como um conjunto de práticas através das quais os jornalistas conferem credibilidade aos seus textos, e não como forma de espelhar a realidade.

Tomar o jornalismo como conformador de narrativas implica, portanto, refutar a ideia de notícias como espelho ou distorção da realidade. Este viés aproxima-se das abordagens teóricas construcionistas a respeito do jornalismo. Miquel Alsina (2009) entende que, na história das teorias da comunicação, deixou-se de enxergar a comunicação como um meio de transmissão de informação e passou-se a defini-la como um processo de construção de sentido.

Nessa perspectiva, Alsina (2009), assim como Leal (2011), entende a notícia como a construção da realidade social, sendo o jornalista, conseqüentemente, um dos produtores dessa realidade. O jornalismo constituiria, enfim, “uma atividade socialmente legitimada para gerar construções da realidade publicamente relevantes” (ALSINA, 2009, p. 20).

Esse processo de construção da realidade social pelo jornalismo se dá através da transformação de um acontecimento em notícia. Alsina (2009, p. 45) explica que “o acontecimento é um fenômeno de percepção do sistema, enquanto a notícia é um fenômeno de geração do sistema”. Essa descrição da construção da notícia ecoa o processo mimético proposto por Ricoeur (1994), especialmente em relação à primeira e segunda fases, em que a realidade é percebida e configurada na forma de narrativa.

Alsina (2009) também explica esse processo referindo-se à notícia como uma narrativa. Ao fazê-lo, o autor ressalta que o acontecimento não corresponde a uma realidade objetiva externa.

A notícia é uma narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si ou da notícia. [...] No entanto, devemos destacar que um acontecimento não é uma realidade objetiva externa nem alheia ao sujeito que percebe esse acontecimento (ALSINA, 2009, p. 12-13).

As narrativas elaboradas pelos jornalistas constituem, portanto, “estórias” sobre a ‘realidade’”, e se aproximam dos mitos, de acordo com Bird e Dardenne (1999, p. 264, aspas dos autores). Os autores explicam que considerar as notícias como narrativa não significa desconectá-las da realidade exterior, ignorar que elas afetam e são afetadas pela sociedade, ou, ainda, desconsiderar o peso organizacional sobre a produção jornalística. Pensar as notícias como narrativas implica, sim, considerar que elas fazem mais do que fornecerem informações e explicações ao público.

Escrever e publicar notícias equipara-se ao ato de contar histórias, uma prática cultural antiga. As notícias não só informam, mas, como os mitos, orientam e ensinam. Como narrativas, dotam acontecimentos dispersos no tempo de fronteiras artificiais, construindo realidades através de totalidades significativas. As histórias contadas por jornalistas têm menos a ver com uma correspondência com a realidade externa e constituem-se mais com uma ordenação humana dos fatos (BIRD e DARDENNE, 1999).

Ainda de acordo com Bird e Dardenne (1999), a construção de sentidos gerada tanto pelos mitos quanto pelas notícias se dá através da repetição. Os jornalistas contam várias vezes as mesmas histórias, de formas semelhantes e sobre temas repetidos. Essa ressonância nos dá a sensação de familiaridade e revelam configurações culturais específicas de determinada cultura, como a jornalística. Observar as narrativas criadas pelos jornalistas sobre suas próprias práticas, como os entrevistados no podcast Pauta Pública, pode nos revelar algumas das características dessa cultura.

As histórias que os jornalistas contam, no entanto, são construções específicas que diferem de outros modos de narrar. São histórias que se apoiam na realidade, ainda que o espelhamento perfeito dessa realidade constitua um ideal impossível. O jornalista utiliza, portanto, um conjunto de práticas que aproximam suas histórias de registros factíveis. Bird e Dardenne (1999, p. 273, aspas dos autores) argumentam que os jornalistas se colocam, assim, “repartidos entre o que eles consideram dois ideais impossíveis – as exigências da ‘realidade’, que consideram alcançável através de estratégias objectivas, e as exigências da narratividade”.

Fernando Resende (2009) reflete sobre a objetividade como valor fundamental do jornalismo. O autor analisa reportagens publicadas em jornais impressos que desafiam este valor, colocando o jornalista no centro da narrativa. O jornalista, enquanto protagonista do ato, cria possibilidades de encontro com a audiência. O autor chama essas narrativas de “textos vivos” ou “ruidosos”, abertos a outras significações e que se opõem aos textos que derivam do olhar de um “jornalista-deus”.

O que os podcasts jornalísticos que convidam repórteres a narrarem os seus trabalhos, como o Pauta Pública, fazem é justamente evidenciar o olhar do repórter sobre o conteúdo produzido, colocando-o na história contada, mostrando seus dilemas e suas escolhas e refletindo sobre o próprio fazer. O programa permite, dessa forma, a construção de uma narrativa sobre as práticas jornalísticas.

Refletir sobre as narrativas jornalísticas é um caminho para conhecer o jornalismo e seus modos de fazer. Resende (2009) argumenta que, ao refletir sobre as narrativas jornalísticas, três níveis devem ser considerados: o como, o quê e o quem. O “como” seria a questão nodal, a forma como são narrados os acontecimentos. O “quê” seria a narrativa em si. Já o “quem”, diz respeito ao sujeito que narra a história. O autor considera que os estudos sobre o jornalismo se detiveram com maior frequência no segundo nível e que é necessário considerar os demais para que se compreenda o discurso jornalístico enquanto narrativa.

Bruno Leal (2011) também chama a atenção para a importância de se observar as estéticas do jornalismo. De acordo com o autor, num cenário de transformações tecnológicas e de audiências cada vez mais fragmentadas, o jornalismo passa por mudanças em seus mais variados aspectos, entre eles a forma como produz e distribui as notícias. Essas transformações, que, inclusive, possibilitam novos modos de narrar, desafiam as formas tradicionais de compreender o jornalismo.

Observar as estéticas do jornalismo implica, portanto, considerar os seus modos de fazer e narrar. Através de suas estéticas narrativas, o jornalismo busca a adesão dos indivíduos e a manutenção de seu status institucional. Refletir sobre esses elementos seria uma forma de

compreender criticamente a relação do jornalismo com os acontecimentos e com os seus receptores. O podcast jornalístico, considerado como um fenômeno midiático recente, pode ser entendido como uma estética diferenciada, que combina técnicas já presentes em outros modos de se fazer jornalismo, como o jornalismo radiofônico e a entrevista.

2.1 A NARRATIVA JORNALÍSTICA EM PROGRAMAS RADIOFÔNICOS E EM ENTREVISTAS

Tradicionalmente, os estudos da narrativa fundamentaram-se na linguagem escrita. Por essa razão, de acordo com Mirian Quadros (2018), transpor essas ideias para o estudo de uma mídia sonora é um grande desafio. A autora identificou que o conceito de narrativa em relação ao rádio é normalmente visto sob um ponto de vista estrutural. Quadros (2018, p. 61) argumenta que “a narrativa radiofônica, nestas obras, de modo geral, designa o *formato* do texto radiofônico, enfatizando as técnicas de locução, redação e emprego de recursos sonoros”.

Nesse sentido, Quadros (2018) discute algumas das especificidades do rádio que definem a produção das narrativas jornalísticas nesse meio: a emissão continuada, a transmissão em tempo real e a linguagem radiofônica. A emissão continuada refere-se ao modo como o conteúdo do rádio é organizado na forma de uma programação, articulando diversos relatos de modo contínuo. A transmissão em tempo real é uma das características distintivas do meio e refere-se à capacidade do rádio em transmitir os fatos ao vivo, no instante em que eles ocorrem.

Como discutiremos mais adiante neste trabalho, essas duas primeiras características da narrativa radiofônica citadas por Quadros (2018) normalmente não se aplicam aos podcasts. Esses programas muitas vezes são gravados e consumidos de forma assíncrona pela audiência, como é o caso do Pauta Pública. Também em razão de sua forma de distribuição e consumo, constituem produções independentes de uma programação fixa, como nas emissoras de rádio tradicionais. Por tratar-se de uma mídia sonora, consideramos que a proximidade entre o rádio e o podcast se dá principalmente por semelhanças entre suas linguagens.

Quadros (2018) descreve a linguagem radiofônica através de conceitos desenvolvidos por Armand Balsebre, para quem essa linguagem compreende um sistema complexo composto por formas sonoras e não sonoras. Ela é constituída por *palavras, efeitos sonoros, silêncio e música*. O autor também leva em consideração a percepção do ouvinte, ou seja, a suposição de um ouvinte imaginado tem papel fundamental na articulação desses elementos. Quadros (2018) lembra também que não é possível separar cada um dos elementos que compõem a linguagem radiofônica.

É por isso que, diferente dos meios impressos, por exemplo, a narrativa do rádio envolve diversas “camadas”: o texto falado, a entonação da voz do locutor, a trilha de fundo, os efeitos sonoros, os ruídos da transmissão e até mesmo os silêncios, colaboram para a construção da mensagem radiofônica. Na ponta final, todos esses elementos adquirem significação pela percepção criativa do ouvinte (QUADROS, 2018, p. 63).

A *palavra* está ligada a elementos que dizem respeito ao texto jornalístico em si, à sua estrutura e à locução desse conteúdo. Quadros (2018) explica que a premissa básica do texto radiofônico é que ele será ouvido pelos seus receptores. Apesar de parecer uma colocação óbvia, o fato de a linguagem radiofônica se dar na forma de áudio conforma uma série de técnicas que distinguem essa prática das demais. Uma das consequências mais diretas da linguagem sonora é o fato de, diferente da linguagem impressa, por exemplo, não haver a possibilidade do ouvinte voltar no texto e retomar informações ditas anteriormente.

Mario Kaplún (2017) também destaca a necessidade de a linguagem do rádio ser redundante. Ele atribui essa exigência como uma característica inerente à comunicação oral.

O comunicador radiofônico se vê obrigado a reiterar os conceitos e as noções intencionadas pela emissão, a fim de assegurar sua captação e retenção por um destinatário invisível, cujas reações e velocidade de assimilação não podem, portanto, ser medidas; e a quem não é permitido, devido à efemeridade do meio, voltar atrás para repassar algo que não ficou claro, como pode acontecer em um texto escrito (KAPLÚN, 2017, p. 105).

A informação radiofônica precisa, portanto, ser clara e reiterada. Para isso, no rádio, a mensagem demanda uma linguagem simples e concisa, e uma estrutura que permita a repetição e a ordenação das informações. A forma mais comum de apresentação de conteúdo é a da tradicional pirâmide invertida, em que as informações mais importantes, aquelas que respondem às perguntas que, quem, onde, quando e por que, precedem o restante do conteúdo. A locução também deve colaborar para a clareza do texto. Normalmente se dá em tom coloquial, reproduzindo a naturalidade de uma conversa, e a expressividade da voz deve acompanhar o sentido geral da mensagem.

Assim como Quadros (2018), Kaplún (2017, p. 152) lembra que, “o rádio – ainda que falado – não é apenas palavra”. A linguagem radiofônica também é constituída pelos sons e pela música. Os sons formam o que o autor chama de cenário radiofônico. Possuem quatro funções: ambiental, quando compõem e descrevem cenas; expressiva, quando criam uma atmosfera emocional; narrativa, quando são utilizados para ligar uma cena à outra; e ornamental, quando adquirem um sentido acessório, “dando vida e sabor à cena” (KAPLÚN, 2017, p. 166).

Podemos relacionar os sons descritos anteriormente ao que Quadros (2018) chama de *efeitos sonoros*. Esse elemento da linguagem radiofônica pode ter origem natural ou não natural e contribui para a produção de efeitos de verossimilhança e ambientação. A autora cita barulhos de chuva, apitos de trem e até mesmo sinais eletrônicos como exemplos desses efeitos sonoros. Ainda de acordo com a autora, esse elemento é reservado para grandes reportagens ou documentários. Isso porque a inserção de efeitos de fontes não naturais pode causar uma impressão de manipulação da realidade. Mais comuns são os sons advindos da própria captação, como o barulho do trânsito em uma entrada ao vivo de um repórter. Tais efeitos também podem ser considerados como ruídos e contribuem para a construção de um efeito de veracidade (QUADROS, 2018).

O *silêncio*, considerado como um elemento da linguagem radiofônica, pode ser entendido como um período de ausência de som que tenha algum significado ou alguma intenção expressiva na mensagem. Quadros (2018) explica que esse elemento é pouco utilizado no jornalismo, mas pode ter funções importantes, em especial para a entrevista jornalística. Nessa situação, o silêncio pode significar um constrangimento do entrevistado durante uma resposta, ou um sinal do entrevistador para que ele continue a sua elaboração.

Também pouco presente no jornalismo radiofônico, a *música* normalmente é utilizada para a produção de vinhetas, caracterizando um programa ou quadros dentro desse programa, indicando passagens entre diferentes conteúdos e como fundo musical. Quadros (2018) explica que a música funciona como elemento de encadeamento da programação radiofônica, ajudando a organizar o conteúdo e impondo ritmo ao conteúdo sonoro. No jornalismo, a música também pode ter função descritiva, ambiental e temporal, ajudando a situar o ouvinte.

De maneira semelhante, Kaplún (2017, p. 152-155) atribui cinco funções para a música na linguagem radiofônica. Entre elas estão as funções gramatical, isto é, quando ela é utilizada como um “signo de pontuação”, separando diferentes seções ou partes do programa; expressiva, quando ela “comenta o que é falado”, criando uma atmosfera sonora emocional; e descritiva, quando ela ambienta e descreve lugares e paisagens. As outras funções da música descritas pelo autor – a reflexiva e a ambiental – podem ser vistas como desdobramentos das três primeiras.

Além da linguagem em áudio, própria dos podcasts, consideramos que a narrativa elaborada pelo Pauta Pública também é caracterizada pelo fato deste se dar na forma de entrevistas. A entrevista é um dos elementos centrais no jornalismo. De acordo com Luiz Cláudio Cunha (2012), a atividade jornalística depende fundamentalmente da pergunta. E a pergunta, “encadeada de forma sucessiva e inteligente”, é justamente o elemento central da

entrevista jornalística (CUNHA, 2012, p. 55). Ela une, em um único evento, aquele que busca a informação – o jornalista – e aquele que a detém – a fonte.

A entrevista é a base do jornalismo, é o fundamento do repórter. Não importa o veículo, o lugar, o suporte, a tecnologia, o estilo, a hierarquia, o espaço, o tamanho, a importância. Em qualquer circunstância, a função básica de um jornalista envolve uma pergunta e sua resposta, uma questão e uma resolução, uma proposição e uma contestação. (CUNHA, 2012, p. 59)

Nilson Lage (2002, p. 73) também vê a centralidade da entrevista no jornalismo, sendo ela o seu “procedimento clássico de apuração de informações”. De acordo com o autor, a palavra entrevista refere-se ao procedimento de apuração do repórter junto a uma fonte capaz de diálogo, a uma conversa com um personagem notável que detém conhecimentos relevantes para o público e a matéria publicada a partir das informações obtidas pelo repórter através dessa apuração. A entrevista jornalística pode ser vista, portanto, tanto como um procedimento utilizado por repórteres para a obtenção de informações, quanto como uma forma de apresentação do conteúdo jornalístico.

Clóvis Reis (2010) estuda os gêneros jornalísticos no rádio e identifica a entrevista como um deles. Para o autor, ele se caracteriza como um diálogo ou conversa “em que o entrevistador colhe informações, interpretações e opiniões do entrevistado” (REIS, 2010, p. 64). No rádio, ela pode se dar de forma ao vivo ou gravada, no estúdio, por telefone ou no local onde se dão os acontecimentos. Pode, ainda, ser individual ou coletiva. Em relação ao conteúdo, essas entrevistas podem ser biográficas ou de declarações.

Afirmar que a entrevista é uma das formas pelas quais um repórter apura informações não quer dizer que este seja apenas um processo de coleta de dados. Daisi Vogel (2012) diz que, na entrevista, são essenciais pelo menos dois interlocutores: o entrevistador, que conduz os temas, e o entrevistado, que possui a autoridade por ter algo a dizer. Ainda de acordo com a autora, neste espaço compartilhado criado pela situação da entrevista, cada um dos participantes pode se movimentar com relativa autonomia.

Por se tratar de uma conversa entre pelo menos duas pessoas, o resultado da entrevista é uma narrativa “coconstruída”, como explica Fábio Henrique Pereira (2012, p. 36), ao discorrer sobre o uso da entrevista como método de pesquisa:

Considero que o ato de entrevistar uma pessoa pode ser visto como uma interação simbólica. [...] Entrevistar alguém não deve ser considerado como um incidente neutro de coleta de dados, mas um processo de negociação em torno da narrativa que será produzida nessa situação.

Ao se envolverem nesse processo de troca, entrevistador e entrevistado constroem, juntos, uma narrativa negociada sobre determinado tema. “Ao falar, o entrevistado ordena e reconstrói sua experiência, buscando criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos” (PEREIRA, 2012, p. 37). O entrevistador, por seu lado, também assume um papel ativo na conversão das experiências do entrevistado em narrativas, através de perguntas e intervenções que constituem um conjunto de técnicas capazes de “fazer a pessoa falar”.

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (2012, p. 85) afirma que “a atitude e a interpretação do entrevistador em relação à narrativa do entrevistado fazem com que este as balance, reordenando e reconfigurando o que fala”. A entrevista jornalística constitui, portanto, um espaço interativo de construção de significados em que, através da troca, ou do diálogo, jornalista e fonte reordenam experiências e acontecimentos em narrativas coerentes.

Além do entrevistador e do entrevistado, consideramos neste trabalho que o próprio podcast faz parte da narrativa elaborada pelo programa. Como veremos adiante neste capítulo, esses três elementos configuram-se como narradores. Porém, sem desconsiderar completamente os outros dois narradores, o foco de nossa análise se dá na narrativa elaborada pelo repórter entrevistado, que, na nossa perspectiva teórico-metodológica, configura-se como personagem.

Lage (2002) propõe algumas classificações para a entrevista que são úteis para pensarmos as relações que podem se dar entre entrevistador e entrevistado e a narrativa resultante deste diálogo no podcast Pauta Pública, nosso objeto de análise. Em relação aos objetivos, as entrevistas podem ser rituais, temáticas, testemunhais ou em profundidade. A entrevista ritual é definida como uma conversa breve, em que o interesse recai mais na exposição do entrevistado do que no que ele tem a dizer. Entendemos que essa definição não se aplica aos programas de entrevistas que propusemos analisar neste trabalho.

A narrativa construída no Pauta Pública parece se relacionar a uma mescla dos objetivos temático, testemunhal e em profundidade conforme apresentados por Lage (2002). A entrevista temática consiste na exposição de um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado tem autoridade para discorrer. Geralmente, ela expõe versões e interpretações de acontecimentos. Ao recontarem suas reportagens, os jornalistas entrevistados no Pauta Pública agem como especialistas no tema sobre o qual discorreram anteriormente. Também demonstram autoridade sobre a produção jornalística, ao falarem sobre as suas práticas na elaboração dos conteúdos aos quais se referem.

A entrevista testemunhal se define como o relato do entrevistado sobre um acontecimento em que teve participação ou assistiu. Essas conversas podem se referir a episódios em que o entrevistado se envolveu diretamente, mas também inclui impressões

subjetivas sobre os acontecimentos. No podcast Pauta Pública, os jornalistas entrevistados podem agir como testemunha não só dos fatos que narram, mas do próprio processo de produção do conteúdo jornalístico.

Por fim, a entrevista em profundidade pode ser vista como aquela que tem como objetivo a exposição da figura do entrevistado e a representação que ele constrói a respeito de uma atividade que desenvolve. Embora, para Lage (2002, p. 74), essas entrevistas procurem construir uma “novela ou um ensaio sobre o personagem”, o que não pode ser verificado no podcast Pauta Pública, neste programa, os jornalistas acabam por expor episódios de suas vidas que se relacionam com suas práticas jornalísticas.

Em relação às circunstâncias, Lage (2002, p. 75) explica que as entrevistas podem ser ocasionais, isto é, não programadas, de confronto, em que “o repórter assume o papel de inquisidor” ou coletivas, em que o entrevistado é submetido a questionamentos de vários repórteres ao mesmo tempo. A entrevista pode ser ainda dialogal, o que identificamos como a circunstância que mais se aproxima daquelas que ocorrem no Pauta Pública. A entrevista dialogal reúne entrevistador e entrevistado em um ambiente controlado, em que ambos constroem o tom da conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo repórter. Esse tipo de entrevista também permite o aprofundamento de assuntos.

2.2 A ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA

Motta (2013) argumenta que a narrativa é uma forma de expressão universal pela qual os seres humanos constroem e dão sentido ao mundo. As narrativas são elaboradas por narradores interessados que criam e negociam sentidos com outros atores dentro da própria história (os personagens) e fora dela (a audiência). A análise desses relatos seria uma forma de compreender não o texto em si, mas as relações que se dão nas ações comunicativas de construção da realidade. O autor propõe então uma metodologia para compreender esses textos: a Análise Crítica da Narrativa.

Essa perspectiva teórico-metodológica nos interessa por oferecer caminhos para analisar nosso objeto de estudo. Motta (2013) adverte que seu método é uma sugestão, e que todo analista deve ser inventivo com relação à forma de observar o seu objeto e responder à sua pergunta de pesquisa. Consideramos, então, a metodologia da Análise Crítica da Narrativa um ponto de partida por meio do qual podemos construir uma forma própria de observar o que repórteres entrevistados revelam sobre o jornalismo e sua prática profissional nas narrativas do podcast Pauta Pública.

Motta (2013) considera a narrativa um modo de expressão universal, que atravessa diversas mídias e linguagens, incluindo o jornalismo. Analisá-la é um modo de interpretar criticamente alguns de seus elementos, como enredos e intrigas, estratégias de uso da linguagem, intencionalidade das vozes e efeitos de sentido gerados. Por trás das narrativas jornalísticas, também é possível entrever ideologias e metanarrativas.

O autor deixa claro, portanto, que seu interesse, diferente do que poderia ser considerado uma visão mais literária, ou mesmo estrutural (QUADROS, 2018), está nos processos de narração ou enunciação narrativa. Considerando a ênfase na comunicação, e não no texto, Motta (2013) propõe uma metodologia que adapta procedimentos da narratologia tradicional, voltada prioritariamente para o enunciado, a uma outra perspectiva, voltada para a enunciação.

Na análise da mídia precisamos colocar o foco no processo de comunicação narrativa, na atitude e na posição do narrador, em suas intencionalidades e estratégias, seu papel mediador, nos dêiticos e implicaturas, nos efeitos de sentido possíveis e em outros aspectos do processo integral de comunicação narrativa – e não apenas com o produto, como faz a narratologia literária cujo foco permanece ainda na obra e nas suas estruturas imanentes (MOTTA, 2013, p. 92).

A narrativa, sob este ponto de vista, é encarada não como uma forma textual, mas como um modo pelo qual os seres humanos dão ordem à experiência cotidiana, contribuindo para consolidar normas e valores sociais, de acordo com Quadros (2017). Para a autora, as histórias relatadas pelo jornalismo podem ser vistas também como narrativas na medida em que realizam essa função ordenadora da realidade, atribuindo sentidos a elementos e sujeitos aparentemente dispersos.

Narrar é, portanto, estabelecer coerência entre os acontecimentos e organizar uma intriga, através de recursos próprios do discurso narrativo, como *flashbacks*, suspenses, clímaxes etc. O ato narrativo também considera correlações de poder, interesses dos participantes e o contexto sociocultural. Narrar não é apenas uma interpretação do mundo, mas uma forma de criá-lo.

Não por acaso, Motta (2013) chama o método proposto de Análise *Crítica* da Narrativa. É uma observação crítica porque se propõe a investigar os usos intencionais da linguagem, dos efeitos pretendidos, das vozes acionadas ou silenciadas. É um instrumento interpretativo que revela processos de representação e constituição da realidade historicamente situada. Seu foco está no ato comunicativo e não no texto em si. Consideramos estes pontos fundamentais, uma vez que nosso interesse de pesquisa está nas práticas profissionais mencionadas pelos repórteres, e não no conteúdo da reportagem. Ao recontar suas reportagens no podcast Pauta

Pública, os jornalistas acabam mencionando seus processos produtivos, possivelmente produzindo um outro texto que fala sobre a forma como o jornalismo é e deveria ser feito na visão desses repórteres.

Quadros (2017) utilizou o método para a análise do radiojornalismo. Para a autora, a Análise Crítica da Narrativa aplicada aos estudos de rádio possibilita “expandir o olhar analítico para além das estruturas, formatos e práticas produtivas, estimulando uma reflexão sobre o caráter simbólico da mensagem radiofônica” (QUADROS, 2017, p. 95). A metodologia permite responder algumas perguntas sobre as narrativas jornalísticas transmitidas pelo rádio. Entre elas destacamos algumas que têm relação com nossa pesquisa: que normas ou padrões as narrativas transmitem? Que conflitos são evidenciados ou escondidos? A quais atores é concedida voz e quais são silenciados? O que dizem sobre a realidade que vivemos?

Motta (2013) cita alguns motivos para o estudo das narrativas, alguns dos quais pensamos ser úteis para refletir sobre esta pesquisa. Estudar as narrativas para entender *quem nós somos* é um dos motivos elencados. Para o autor, construímos nossas próprias identidades através das narrativas. Referimo-nos a nós mesmos através de relatos com início, meio, fim, causas e consequências. Através dos relatos de narradores e personagens jornalistas, pensamos ser possível ter um vislumbre de como eles se veem como repórteres a partir de suas próprias experiências.

De forma parecida, Motta (2013) também defende o estudo das narrativas para entender como os seres humanos *criam representações do mundo*. Mais do que representar, as narrativas organizam o mundo e ajudam as pessoas a construir a realidade. O estudo das narrativas, portanto, pode servir para compreender como construímos essas representações e como atuamos uns em relação aos outros. No podcast Pauta Pública, além de criarem representações de si mesmo, ao discorrer sobre suas práticas profissionais, os jornalistas também estariam criando representações do próprio jornalismo, de como deve ser feito, de como deve se relacionar com fontes e audiência e, de maneira mais geral, de suas funções na sociedade.

Motta (2013, p. 62) conclui que:

É preciso analisar as narrativas porque cada um de nós (e nossa sociedade inteira) está recoberto por mantos superpostos de narrativas que refletem e condicionam nossas crenças e valores, nossa história e costumes, nossas leis e cultura. É preciso estudá-las, porque contá-las e recontá-las dá sentido à vida humana.

Consideramos a Análise Crítica da Narrativa um método pertinente de ser utilizado nesta pesquisa. Entre as razões, está o fato de ele nos possibilitar enxergar o texto jornalístico como

uma narrativa composta por diferentes partes que são coerentes entre si, ainda que dispersas ao longo do conteúdo. O método nos permite, por exemplo, desconstruir essas narrativas e olhar para as suas diferentes partes, destacando aquelas que interessam aos objetivos propostos nesse trabalho. É possível, assim, reconstruir os textos a partir de suas unidades temáticas, identificando movimentos de causas e consequências que estabelecem um fio condutor para diferentes narrativas dentro de cada programa analisado.

Além disso, a metodologia nos permite elaborar passos adaptados ao nosso problema de pesquisa. Isso é importante principalmente quando levamos em conta que o nosso objeto de estudo é um produto sonoro. Como afirma Quadros (2018b), considerando que o foco dos estudos sobre a narrativa jornalística recai sobre as mídias impressas, olhar para o rádio sob essa perspectiva exige adaptações metodológicas. O *podcasting*, entendido como uma continuidade da linguagem radiofônica na internet, também traz desafios parecidos.

Entendemos, portanto, não ser possível desconsiderar que essas narrativas são construídas através do áudio. Em nossa análise vamos observar os elementos da linguagem radiofônica descritos nesse capítulo através de técnicas de observação propostas por Eduardo Medistch e Juliana Betti (2019). Esse movimento não chega a constituir a abordagem multimétodo recomendada por Kischinhevsky *et al* (2015) nos estudos radiofônicos. Pensamos, contudo, ser possível com isso investigar de que forma a linguagem radiofônica define as narrativas construídas nesses programas, ainda que o foco de nossa análise esteja no texto elaborado pelos repórteres entrevistados.

2.2.1 O primeiro, o segundo e o terceiro narrador

Esta pesquisa centra-se na narrativa sobre as práticas jornalísticas produzidas por jornalistas entrevistados, tidos aqui como personagens nos textos elaborados por podcasts jornalísticos. Estamos interessados, portanto, nos modos como essas histórias são produzidas, e não nos acontecimentos relatados. Motta (2013, p. 211) explica que “a narrativa é um dispositivo discursivo que visa seduzir e envolver sujeitos interlocutores na criação de uma representação dramática do mundo”. Sendo o texto jornalístico o produto de uma negociação de sentidos entre os interlocutores, a análise da narrativa centra-se então na performance desses sujeitos.

Para Motta (2013), os sujeitos constituem-se enquanto vozes dentro do texto. A narrativa jornalística é composta por três vozes principais: o primeiro narrador, que seria o veículo jornalístico, o segundo narrador, que seria o jornalista, e os personagens, que também se tornam

narradores dentro da história contada. Entre essas vozes, há uma relação de poder que flui, majoritariamente, do primeiro para o último narrador. Motta (2013) adverte que este poder também pode fluir de dentro para fora. O jornalista precisa a todo momento negociar sentidos com as fontes e com o veículo jornalístico. A fonte, por sua vez, também tem interesse em imprimir sentidos na representação criada pela narrativa.

O *primeiro narrador*, constituído pelo veículo jornalístico, tem o papel de atrair a audiência. No jornalismo impresso, está presente nas manchetes, títulos, chapéus e chamadas. O leitor só realiza a leitura se o narrador-jornal consegue persuadi-lo a querer ler. Nos podcasts, podemos encontrar a presença desse narrador principalmente nos elementos complementares que constituem esses programas: no título, na imagem e no texto descritivo que acompanha cada episódio. Também se faz presente dentro dos próprios programas, através de trilha e efeitos sonoros característicos e vinhetas.

O *segundo narrador*, constituído pelo jornalista que elabora o conteúdo noticioso, é a voz que enuncia a narração propriamente dita. Seu poder está em organizar a intriga e selecionar e posicionar os atores sociais envolvidos no relato. Ele precisa, porém, como dito anteriormente, negociar este poder com o próprio jornal, que tem, por exemplo, um conjunto de normas institucionais e posições ideológicas. O poder também é negociado com os personagens, que têm interesse em mostrar certos aspectos na história relatada. O jornalista, de acordo com Motta (2013), é movido pelo seu interesse em contar uma boa história. No podcast Pauta Pública, o segundo narrador é representado pelos dois apresentadores do programa.

O *terceiro narrador* é constituído pelas fontes da matéria jornalística. Para Motta (2013), tomando o texto jornalístico como uma narrativa, as fontes se tornam personagens. Eles estão hierarquicamente submetidos aos dois primeiros narradores. Esta submissão é, porém, relativa. As fontes possuem interesses próprios e o jornalista não tem escolha senão acatar a alguns desses interesses, sob pena de deslegitimar sua narrativa.

No podcast Pauta Pública, o terceiro narrador, que interessa a este trabalho, é constituído pelos repórteres entrevistados, que se tornam personagens nas narrativas. Diferente do jornalismo tradicional, principalmente em reportagens escritas, onde os personagens normalmente só têm voz quando citados pelos repórteres - mesmo que diretamente, com utilização de aspas -, no podcast analisado, o terceiro narrador tem mais liberdade para narrar sua própria história. Isso se dá pelas próprias características do produto, por ser um programa em áudio, por permitir maior informalidade e improviso, e se dar no formato de entrevista.

Nesse sentido, é interessante observar como o podcast e os apresentadores identificam e posicionam os repórteres e como conduzem a narrativa a partir de caracterizações,

questionamentos e comentários sobre suas falas. Nossa análise prévia demonstrou, contudo, que os apresentadores fazem poucas intervenções na fala do entrevistado, deixando-o mais livre para conduzir sua narrativa. Assim, decidimos focar nossa análise na narrativa elaborada pelos personagens do programa. Pensamos que, ao construírem narrativas sobre reportagens e coberturas jornalísticas realizadas previamente, os repórteres adicionam uma nova camada de sentido ao texto original. Este novo texto é constituído pelo relato de suas idas e vindas para a elaboração de uma ou mais reportagens e podem conter menções a práticas profissionais e valorações sobre o jornalismo, de maneira geral.

3 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

Como já dissemos no capítulo anterior, tomamos o jornalismo como construtor de narrativas sobre o tempo presente. Ao considerar jornalismo como narrativa, também o equiparamos ao ato de contar histórias. O jornalismo, contudo, constitui-se em um modo particular de contar histórias. Essa particularidade se dá, de acordo com o que defenderemos nesse capítulo, através de um conjunto de práticas específicas, que fazem do jornalismo um discurso reconhecível e diferente dos demais. Ressaltamos que nosso objetivo não é, contudo, estudar essas práticas em si, mas a forma como os repórteres entrevistados referem-se a elas e as integram em suas narrativas.

Assim sendo, faz-se necessário primeiro definirmos o que entendemos por práticas jornalísticas. Algumas dessas práticas constituem-se como procedimentos de controle discursivo, pois definem e limitam determinadas práticas discursivas, como o jornalismo, tornando-as particulares e reconhecíveis. Na sequência, abordaremos em mais detalhes um desses procedimentos que consideramos importante para o estudo do nosso objeto: o comentário. É possível que, ao retomar um texto já publicado anteriormente, os autores dessas reportagens acabem por tecer narrativas através de comentários sobre suas próprias práticas. Também é possível que, ao fazer isso, esses jornalistas acabem por manifestar críticas e ações de resistência em relação às práticas dominantes, questão sobre o qual nos dedicaremos ao final do capítulo.

Nosso entendimento das práticas jornalísticas parte dos trabalhos de David Ryfe e Beatriz Marocco, que as compreendem a partir do conceito de prática discursiva. Para Marocco (2021a) estudar a prática jornalística implica analisar a ação dos sujeitos considerando quatro elementos: *a prática e a consciência discursiva dos agentes*, *os procedimentos de controle discursivo*, *a resistência* e *a crítica das práticas jornalísticas*.

Marocco (2021a) apoia-se no trabalho desenvolvido por David Ryfe (2017a; 2017b) e aborda as práticas jornalísticas a partir da revisão de três vertentes. Inicia pela perspectiva funcionalista, que tentava entender as práticas jornalísticas através das rotinas, ou seja, daquilo que era comum e repetido dentro de diferentes redações. Sob este ponto de vista, “as questões postas se referem à função prática das instituições, em um sistema social basicamente benigno e tendente à estabilidade” (MAROCCO, 2021a, p. 3). Em contraposição ao marxismo, os estudos funcionalistas não consideravam a natureza exploratória do capitalismo e as possibilidades de desestabilização e mudança das práticas vigentes.

A perspectiva dos teóricos associados à corrente de pensamento funcionalista vinculava a atuação dos jornalistas a diferentes formas de coerção. Ryfe (2017a) explica que por cerca de 50 anos os estudiosos observaram o trabalho dos repórteres em diversos contextos de produção, com especial atenção para as rotinas jornalísticas. Os estudos realizados nos anos 1960 e 70 mostravam que os jornalistas sofriam pressões organizacionais e econômicas. Eles respondiam a isso adotando rotinas produtivas similares, gerando um conteúdo mais ou menos homogêneo. Mais tarde, pesquisadores dos anos 1980 e 90 atribuíram aos jornalistas maior autonomia. Para eles, os repórteres tinham alguma margem para interpretar as rotinas, ainda assim vistas como resultado de pressões externas.

A segunda e a terceira vertentes citadas por Marocco (2021a) referem-se à teoria da prática e a posterior aplicação destes conceitos ao estudo da produção das notícias. Para a autora, o desafio dessas pesquisas foi superar a perspectiva funcionalista vinculada à coerção dos sujeitos. A teoria da prática tem origem nas análises de sociólogos como Bourdieu, Giddens e Latour, que estudavam a ordem social relacionada à prática dos sujeitos. Para Ryfe (2017a), através dessa teoria, as rotinas jornalísticas já não são mais entendidas como resultado de pressões externas, mas como recursos culturais que unem os repórteres em torno de um entendimento comum do que é e para que serve o jornalismo. Deste ponto de vista, “o estudo das rotinas jornalísticas abre uma janela para questionar o que é o jornalismo, como ele é performado e também para uma questão maior sobre como ele é integrado na vida pública” (RYFE, 2017a, p. 128-129, tradução nossa).

Ryfe (2017b) propõe uma abordagem prática para o estudo da produção das notícias a partir de quatro elementos: a *prática*, o *desempenho/performance*, o *ambiente* e a *ordem/mudança*. O autor descreve a *prática social* como um conjunto de ações ligadas de forma lógica, formando blocos de atividades. Essas práticas funcionam de acordo com convenções, regras e estratégias que se estendem no tempo, tornando-as reconhecidas como conjuntos de ações específicas. Exemplos dessas práticas incluem atividades diversas, como cozinhar, limpar, rezar, fazer compras, ensinar e produzir notícias. A definição de Ryfe (2017b) parte de pontos em comum das ideias de Bourdieu e Giddens, que nem sempre viam a prática precisamente da mesma forma.

Para Bourdieu, o conceito refere-se a ideias como o senso prático, ou a uma disposição. Marocco (2021d, p. 4) relaciona essas disposições ao conceito de *habitus*, e explica que elas “são incorporadas por sujeitos sociais ao longo do seu processo de socialização; integram experiências passadas, atuam como matrizes de percepções, apreciações, de ações”. Giddens diz que as práticas são compostas por procedimentos generalizados, ou conhecimentos tácitos,

que integram uma consciência prática individual. Essas práticas são continuamente recriadas pelos atores sociais em suas atividades.

É a prática que permite aos indivíduos agirem de forma coesa e inteligível em determinadas situações. Eles precisam ter acesso a um entendimento comum a respeito de determinada prática para que suas ações se tornem significativas para os outros. Ryfe (2017b, p. 3, tradução nossa) explica que “é apenas no contexto da prática que uma ação se torna significativa, ou que um indivíduo se torna um ator”. A prática preexiste, portanto, à ação, na forma de um entendimento comum a respeito do que fazer e dizer.

O segundo elemento descrito por Ryfe (2017b) é a *performance*. Para o autor, as práticas não existem de forma separada aos indivíduos. A vida social é organizada em torno das práticas, isto é, de regras, estratégias e convenções. No entanto, essas práticas se mostram através da ação dos indivíduos. Nesse sentido, Ryfe (2017b) chama a atenção para o papel de alguns atores que desenvolvem uma certa aptidão ou habilidade, ajudando a definir entendimentos a respeito de uma determinada prática.

Assim como conjuntos de ações, que ocorrem através da performance dos indivíduos, dão origem às práticas sociais, as próprias práticas em conjunto formam o que Ryfe (2017b) identifica como campos, setores, redes, sistemas ou domínios. Este seria, para o autor, o *ambiente*, o terceiro elemento que deve ser considerado para uma abordagem prática nos estudos do jornalismo.

Frente a uma diversidade de termos que os teóricos da prática utilizam para se referir ao que Ryfe (2017b) chama de ambiente, o autor prefere utilizar o termo ‘campo’. O autor explica o conceito a partir da ideia de um campo gravitacional, em torno do qual as práticas se unem em arranjos particulares. Marocco (2021d, p. 5) explica que a noção de ‘campo’, para Bourdieu, descreve “um espaço de relações objetivas, regido por uma lógica e uma necessidade específica e irreduzíveis àquelas que regem outros campos”. Dentro desses campos, os atores compartilham propósitos em comum que servem como uma “cola social” que ligam as práticas de forma relativamente consistente (RYFE, 2017b). É esse arranjo lógico de práticas dentro de um campo que dá à sociedade uma aparência de ordem e estabilidade.

O último elemento descrito por Ryfe (2017b) diz respeito aos processos de *ordem e mudança*. Os teóricos da prática desenvolveram as ferramentas descritas acima para explicar a presença ou ausência de ordem na sociedade. Eles estavam interessados em entender como as práticas se tornam regulares na vida social. Essas explicações têm em comum a ideia de que as práticas acabam por se tornar naturalizadas ou legítimas. Agindo de uma forma regular no interior dos campos sociais, os indivíduos tendem a reproduzir as práticas sociais, fazendo-as

durar ao longo do tempo. Marocco (2021d, p. 6) explica que a existência da ordem social “está ligada à presença do conhecimento compartilhado que constitui práticas ordinárias e consensuadas”.

O processo de naturalização dessas práticas não é inocente. Alguns grupos ou classes de pessoas têm interesse em impor seus pontos de vista sobre o que é permitido dizer e fazer no interior dos campos sociais. Para Ryfe (2017b), a continuidade das práticas se torna possível por uma série de razões, entre elas pela ação de indivíduos que detém maior poder material e simbólico.

Ao agir de acordo com práticas sociais estabelecidas, portanto, os indivíduos ajudam a consolidá-las, trazendo ordem ao mundo social. Por outro lado, justamente por serem construídas através da ação dos indivíduos, as práticas sociais estão sujeitas a mudanças. Ryfe (2017b) cita algumas das formas pelas quais essas mudanças podem ocorrer. No interior das práticas sociais, os indivíduos agem por regras e convenções que são constantemente recriadas através de suas performances. Há, portanto, um espaço para que os indivíduos interpretem essas regras e tomem decisões relacionadas à sua forma de agir. Como resultado dessas escolhas, as práticas estão constantemente sujeitas a mudanças.

Outras fontes de mudança se dão pela natureza temporal e espacial dessas práticas sociais. É possível que diferentes campos, como a política e o jornalismo, por exemplo, se sobreponham, fazendo com que indivíduos transportem ideias sobre o que é apropriado em um contexto para outro. Isso faz com que as ideias circulem entre campos sociais diversos e causem, ao longo do tempo, mudanças nas práticas estabelecidas. Uma última fonte de mudança citada por Ryfe (2017b) diz respeito à motivação de alguns grupos de se manterem dominantes dentro de uma determinada prática social. Ao longo do tempo, diferentes grupos podem disputar essa posição, o que pode introduzir ações e práticas totalmente novas.

Ryfe (2017b, p. 7-8, tradução nossa) resume o seu entendimento de prática social da seguinte maneira:

Esses são, então, os rudimentos de uma perspectiva prática: a vida social é organizada em aglomerados de ações unidas por regras/convenções que persistem ao longo do tempo. Essas práticas se tornam visíveis na vida social através dos ‘corpos expressivos’ dos indivíduos que interpretam as situações que enfrentam e fazem escolhas sobre cursos de ação apropriados. Com o tempo, um entendimento comum de propósito pode ligar práticas sociais em arenas abrangentes de atividade social, o que os teóricos da prática chamam de ‘campos sociais’. Especialmente em razão da existência de atores dominantes dentro desses campos, eles se tornam mais organizados e coesos. Entretanto, a possibilidade de mudança existe em toda a parte, do núcleo das práticas às relações entre campos sociais. A ordem social nunca é dada, mas constantemente negociada.

A partir das ideias expostas acima, podemos entender o jornalismo como um campo social que integra práticas mais ou menos coesas. Essas práticas podem refletir diferentes formas de se fazer jornalismo, como o das grandes empresas e o dos veículos independentes, por exemplo, ou a grande reportagem e o jornalismo de serviço baseado em *hard news*. Embora cada uma dessas práticas seja integrada por conjuntos de ações distintos, que resultam em produtos diversos, há um entendimento comum sobre o que é e para o que serve o jornalismo¹².

Também é possível entender que essas práticas jornalísticas condicionam e são constantemente atualizadas pela ação dos repórteres. Há, nesse sentido, uma relação de duplo sentido entre as práticas estabelecidas e as ações dos indivíduos. Regras e convenções condicionam a atuação dos jornalistas. Esses, por sua vez, atualizam a prática profissional ao interpretar e tomar decisões em suas rotinas profissionais. Isso abre possibilidades para renovações nos modos de se fazer e entender o jornalismo.

Adotar a teoria da prática para a compreensão do jornalismo traz, portanto, a atuação dos repórteres para o centro da análise. É no trabalho cotidiano dos indivíduos, em suas rotinas estabelecidas e em suas possibilidades de mudanças, que se constroem as práticas jornalísticas como as conhecemos. Marocco (2021d), ao discorrer sobre a validade de uma teoria da prática jornalística, afirma que é no âmbito da prática que o jornalismo se mostra organizado e materializado. Estudar as práticas é uma forma de compreender como o jornalismo se constitui a partir das ações dos repórteres.

Analisar as narrativas elaboradas pelos repórteres sobre o processo de produção de produtos jornalísticos no podcast Pauta Pública nos permitirá compreender algumas das práticas jornalísticas que se dão na contemporaneidade. Essa análise é possível porque, de acordo com Marocco (2021d), os atores sociais, no nosso caso, os repórteres entrevistados, são capazes de explicar o que fazem e por que o fazem, desde que sejam questionados sobre isso. Embora no trabalho cotidiano essas explicações nem sempre sejam dadas à audiência, encontramos no nosso objeto de estudo um espaço em que descrições sobre o fazer jornalístico constituem uma outra camada narrativa, junto do relato do fato propriamente dito.

¹² Podemos relacionar essa identidade da prática jornalística ao conceito de *ethos*, que, para Maingueneau (1998), refere-se à imagem que o enunciador constrói de si através do discurso. Para Bertasso (2014), o *ethos* jornalístico refere-se à identidade profissional do jornalismo, construída socialmente por profissionais, pesquisadores e audiência. É por isso que “independente das empresas ou dos conglomerados midiáticos de onde se originam as mídias jornalísticas, há uma identidade profissional compartilhada” (BERTASSO, 2014, p. 33).

3.1 OS PROCEDIMENTOS DE CONTROLE DISCURSIVO NAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

As práticas jornalísticas definem o horizonte de ações possíveis dos repórteres. Ao mesmo tempo, elas são constantemente atualizadas pelas ações desses mesmos indivíduos que, em seu trabalho cotidiano, optam por determinados cursos de ação. De acordo com Dent (2008), analisar as práticas de uma dada formação discursiva¹³ pode auxiliar na compreensão do funcionamento dos sujeitos discursivos – os repórteres – e da natureza da própria formação discursiva – o jornalismo, de maneira geral.

Qualquer ação pode ser vista como uma prática discursiva. Algumas, como aquelas relacionadas à escrita, por exemplo, são comuns a diversas atividades. Os procedimentos de controle discursivo descritos por Foucault (2009) constituem um subgrupo de práticas que compõem e perpetuam determinada formação discursiva. Dent (2008) explica que se o jornalismo é tomado como uma formação discursiva, então deve haver um conjunto de práticas que asseguram que ele se dê de uma forma e não de outra. Analisar as práticas narradas pelos repórteres no Pauta Pública, relacionando-as aos procedimentos de controle discursivo, pode nos ajudar a identificar práticas centrais que definem o jornalismo e a ação desses jornalistas.

Foucault (2009, p. 9) explica que em toda sociedade o discurso é controlado, selecionado, organizado e redistribuído por procedimentos que têm por função “dominar seu acontecimento aleatório”. Esses procedimentos regulam o que é considerado legítimo dentro de uma formação discursiva: o que pode ou deve ser dito, de que forma e por quem. Foucault (2009) apresenta esses procedimentos em três grupos distintos: aqueles que são externos ao discurso, outros que são internos e procedimentos que não são nem totalmente externos, nem internos.

Os procedimentos externos dizem respeito à capacidade dos membros da formação discursiva de assegurar o seu direito à fala, negando a palavra aos indivíduos não iniciados, ou, nas palavras de Dent (2008), aos *outsiders*. São, portanto, procedimentos de exclusão. Foucault (2009) descreve três maneiras pelas quais o controle é exercido pelo exterior: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade.

As duas primeiras formas de exclusão estão relacionadas a procedimentos de interdição, separação e rejeição. No interior de determinada formação discursiva, nem tudo pode ser dito.

¹³ Marocco (2016, p. 80) define a prática discursiva a partir de Foucault, como “um conjunto discursivo em que se pode descrever um sistema de dispersão entre um certo número de enunciados e uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas”.

Algumas coisas são proibidas, interditas, seja por constituírem tabus ou “direito privilegiado ao sujeito que fala” (FOUCAULT, 2009, p. 9). Outras, são desconsideradas tão logo proferidas. Foucault (2009) ilustra essa rejeição a partir do exemplo da palavra do louco durante a idade média, que era aquele que não tinha o direito de ser ouvido.

Dent (2008) resume esses procedimentos como formas pelas quais indivíduos que detêm poder dentro da formação discursiva excluem os outros. Isso pode se dar porque o que eles dizem é proibido ou porque lhes falta conhecimento a respeito do discurso tido como verdadeiro. Em sua pesquisa, Dent (2008) identificou que os jornalistas têm noção de que há práticas que não pertencem ao discurso jornalístico. Determinadas práticas “poderiam excluir o locutor da ‘proteção’ da profissão” (DENT, 2008, p. 207, tradução nossa).

O terceiro sistema de exclusão descrito por Foucault (2009), a vontade de verdade, tem a ver com o modo como o saber é valorizado, distribuído e atribuído em determinado período histórico. Ela se apoia sobre um suporte institucional e é reforçada por práticas como o ensino e a edição de livros. A vontade de verdade separa o conhecimento verdadeiro de tudo aquilo que é considerado falso pela formação discursiva. Foucault (2009) exemplifica esse procedimento de controle do discurso através do conhecimento científico. Para se inscrever nessa ordem do discurso, os conhecimentos devem ser verificáveis, mensuráveis e classificáveis.

No discurso jornalístico, esse procedimento de controle pode ser observado na busca dos repórteres pela verdade dos acontecimentos. Dent (2008, p. 207, tradução nossa) identificou que os repórteres entrevistados em sua pesquisa veem o seu papel “como um trabalho na direção da separação do verdadeiro e do falso dentro do jornalismo”. Essa conclusão vem de afirmações como “[ser jornalista] é estar em uma missão” e “os melhores jornalistas são aqueles que questionam tudo”.

Destacamos aqui a reflexão de Sacramento (2020) sobre uma mudança no regime de verdade na contemporaneidade. O autor explica que, na perspectiva foucaultiana, cada sociedade tem seu regime de verdade. Ela é entendida como “um sistema de procedimentos ordenados para a produção, regulação, distribuição, circulação e operação de discursos” (SACRAMENTO, 2020, p. 95). Ao refletir sobre a questão da pós-verdade e das notícias falsas, Sacramento (2020) entende que o regime de verdade, antes baseado na confiança nas instituições, estaria se deslocando para outro, regulado pela experiência pessoal.

Nesse contexto, a experiência tem legitimado o conhecimento sobre a verdade. É intensamente valorizado outro tipo de autoridade: a autoridade experiencial. Ela enfatiza o caráter testemunhal: eu vivi, eu sei. Produz na primeira pessoa (naquele que

viu, viveu, sentiu) da experiência e da narrativa de um determinado acontecimento a origem da verdade ou um documento de que o narrado realmente existiu (SACRAMENTO, 2020, p. 96).

Essa reflexão é útil para pensarmos o podcast Pauta Pública. O programa produz narrativas que recontam acontecimentos já publicados em outros formatos, dessa vez sob o ponto de vista dos jornalistas que as produziram. Narrativas como essas podem estar deslocando a credibilidade do fato narrado da instituição jornalística para o repórter que presenciou os acontecimentos. A verdade nesse programa pode estar se dando através da descrição de práticas jornalísticas e de opiniões e sensações do repórter em relação ao fato apurado.

Dent (2008) explica que sua pesquisa não identificou muitas valorações a respeito do discurso jornalístico, mas exibiu o suficiente para concluir que os jornalistas reconhecem que há coisas que não podem ser ditas. Podemos concluir que os procedimentos de controle externos se relacionam com uma certa consciência discursiva compartilhada pelos repórteres a respeito do que é e para que serve o jornalismo. Essa consciência garante a esses indivíduos o direito de falarem e serem ouvidos dentro dessa formação discursiva.

Os procedimentos internos dizem respeito a formas de controle que são exercidas pelo próprio discurso. Funcionam como princípios de classificação, ordenação e distribuição, exercendo funções coercitivas e restritivas sobre os textos. Foucault (2009) identifica três deles: o comentário, o autor e a disciplina. Os dois primeiros relacionam-se com textos que são privilegiados pela formação discursiva, enquanto a disciplina regula a própria produção de novos textos (DENT, 2008).

O comentário é um segundo texto construído sobre um primeiro. Foucault (2009, p. 22) explica que há aqueles discursos “que se dizem no correr dos dias” e outros “que os retomam, os transformam ou falam deles”. Esse desnível entre os textos gera dois efeitos, que, de acordo com Foucault (2009, p. 25), são solidários: permite, por um lado, a construção infinita de novos discursos, por outro, o comentário não tem outra função “senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro”. Ainda de acordo com Foucault (2009, p.26), o novo, no comentário, “não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

Dent (2008) não identificou a ocorrência do comentário na fala dos jornalistas entrevistados em sua pesquisa, mas indicou algumas hipóteses. A dificuldade, para o autor, está em identificar textos primários do jornalismo com autoridade semelhante aos que são encontrados na área jurídica, como exemplificado por Foucault (2009). No entanto, ele levanta a possibilidade de que as próprias notícias possam funcionar como textos primários para comentários que seriam realizados através de textos acadêmicos.

Pensamos que o podcast Pauta Pública, ao recontar acontecimentos que já foram publicados em outros espaços, pode se caracterizar justamente como um comentário das práticas jornalísticas. O próprio programa, ao eleger trabalhos jornalísticos para serem novamente expostos, confere autoridade a esses textos.

A autoria, de acordo com Foucault (2009), é outra forma pela qual o acaso do discurso é limitado. Não mais pela repetição, como o comentário, mas por uma identidade. Para se tornar autor, portanto, não basta que o indivíduo profira um discurso. É necessário que ele exerça autoridade sobre os textos, que lhes dê coerência, e que os diferencie de outros dentro da mesma formação discursiva.

Para Dent (2008), o simples fato de os repórteres produzirem textos não lhes garante o status de autor. No caso do jornalismo, a autoria estaria mais ligada aos veículos de comunicação. Seriam eles, através de suas linhas editoriais e identidade constituída ao longo do tempo que imprimiriam autoridade aos textos escritos pelos jornalistas. Dent (2008) deixa aberta a possibilidade, contudo, de que haja jornalistas que exerçam esse tipo de autoridade sobre o discurso jornalístico. Essa possibilidade foi mais bem explorada por Marocco (2016), como veremos no fim deste capítulo.

A disciplina constitui-se num conjunto de métodos, regras, técnicas e instrumentos que permite a construção de novas proposições. Opera como um procedimento de limitação do discurso na medida em que ela diferencia proposições verdadeiras e falsas. De acordo com Foucault (2009, p. 34) “uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina”. É preciso, portanto, obedecer a certas regras e reativá-las em cada um dos discursos.

O conteúdo produzido por repórteres pode ser visto, de acordo com Dent (2008), como proposições do jornalismo como uma formação discursiva. Essas proposições são reguladas por um conjunto de práticas específicas relacionadas à disciplina. As práticas identificadas por Dent (2008) que se relacionam com a disciplina são a classificação das fontes e os critérios de noticiabilidade. Esse último aspecto relaciona-se à noção de informações públicas e privadas. Essas práticas constituem-se em regras e técnicas que possibilitam e limitam a construção de novas proposições.

O conjunto de procedimentos de controle que são internos ao discurso são aqueles que se referem mais especificamente à prática profissional. Eles possibilitam que o discurso se limite e se perpetue, seja através da identidade e autoridade do autor, da repetição dos comentários ou das possibilidades geradas pelo conjunto de regras e técnicas da disciplina. Pensamos que o podcast Pauta Pública, ao elaborar narrativas sobre o processo de produção

jornalístico, constitui-se num espaço relevante para que observemos essas práticas que seriam centrais ao jornalismo enquanto formação discursiva.

O último grupo de procedimentos de controle descritos por Foucault (2009) são aqueles que não são nem totalmente externos nem internos aos discursos. Trata-se de um processo de rarefação dos sujeitos que falam. É um controle externo, porque nem todos os indivíduos são qualificados para acessar os discursos. Também é interno porque, mesmo dentro da formação discursiva, os sujeitos só têm acesso a determinadas regiões do discurso.

Dent (2008) relaciona esse conjunto de procedimentos à hierarquia profissional. Os profissionais ligados à prática jornalística, o que inclui repórteres, mas também editores e profissionais da área jurídica, por exemplo, detêm responsabilidades diferenciadas dependendo da posição que ocupam. Considerando que, no jornalismo, a autoria pode ser relacionada ao veículo jornalístico, Dent (2008) também vê um processo de rarefação relacionado a certos programas ou jornais. Uns têm mais autoridade que outros, tanto sob o olhar dos repórteres quanto da audiência.

A pesquisa realizada por Dent (2008) o leva a concluir que há dois temas principais que permeiam a fala dos jornalistas entrevistados: o poder e o discurso. A combinação dessas duas ideias, de acordo com o autor, conforma o que seria o regime de verdade central do discurso jornalístico. Esse regime de verdade é o elemento que define o jornalismo enquanto formação discursiva, isto é, que faz com que ele seja uma coisa e não outra. Estaria relacionado, para o autor, à “facilitação do discurso público”, ou, em outros termos, da “confissão pública”. Em outra parte do texto, o autor também se refere ao regime de verdade central do jornalismo como o “discurso público das fontes” (DENT, 2008, p. 213, tradução nossa).

Há dois temas que parecem permear as respostas [dos jornalistas entrevistados]. Eles são o poder (não é surpreendente que isso seja destacado em uma análise foucaultiana) e o discurso. Pode-se argumentar que a combinação dessas duas ideias produz o regime de verdade central da formação discursiva jornalística – a facilitação do discurso público ou da confissão pública (DENT, 2008, p. 213, tradução nossa).

A questão do poder pode ser vista nas relações que permeiam os procedimentos de controle do discurso, como aquelas entre veículos, editores e jornalistas, entre fontes e repórteres e no papel das práticas incorporadas pelos repórteres à sua experiência jornalística. Considerando o papel do jornalismo, o discurso, ou, mais especificamente para Dent (2008), as palavras, conformam o aspecto principal do jornalismo enquanto formação discursiva. As práticas relacionadas aos procedimentos de controle internos do discurso jornalístico – os

valores notícia, as fontes e o interesse público – estariam todas associadas à facilitação de um “discurso público apropriado” (DENT, 2008, p. 213, tradução nossa).

Dent (2008) utiliza o termo “confissão” em um sentido foucaultiano. Nesse sentido, o discurso público ao qual o autor se refere pode ser melhor entendido como “confissões dadas ao público orientadas a manter a saúde do público” (DENT, 2008, p. 213, tradução nossa). Ainda para o autor, se obter confissões do público é central à prática jornalística, isso exige que os jornalistas assumam o papel de ouvintes. Com isso, os repórteres assumem a autoridade de “julgar, punir, perdoar, consolar e reconciliar” o discurso público das fontes (DENT, 2008, p. 213, tradução nossa). A fala dos jornalistas ouvidos na pesquisa do autor também demonstra que as confissões ouvidas e reportadas pelos repórteres precisam ter consequências no mundo.

De acordo com Dent (2008), portanto, os procedimentos de controle do discurso jornalístico estão relacionados ao poder e ao discurso, e estão orientados para permitir, ou para fazer com que o jornalismo cumpra a sua função principal. Essa função é materializada no que Dent (2008) chama de regime de verdade central do discurso jornalístico, que podemos entender como o papel do jornalismo de dar voz ao público com o objetivo de obter certas consequências para o bem-estar da sociedade.

A partir das ideias expostas acima, entendemos o jornalismo como um discurso que possui regularidade em sua materialização. Essa regularidade se mostra nas ações dos indivíduos. Essas ações constituem práticas mais ou menos coesas e podem ser vistas como formas de controle da atividade jornalística. Ainda, para Dent (2008), essas formas de controle estão orientadas a fazer com que o jornalismo cumpra o seu papel principal. Dessa forma, pensamos que os procedimentos de controle discursivo podem nos ajudar a observar práticas centrais, que definem o jornalismo enquanto discurso, a partir da atuação dos repórteres.

3.2 O COMENTÁRIO E A CRÍTICA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

O comentário, como dito anteriormente, é um texto que se constrói sobre um outro texto e constitui-se como um dos procedimentos internos de controle discursivo. No espaço dos jornais tradicionais, o comentário pode ser visto em lugares como a coluna do *ombudsman*, publicada semanalmente pela Folha de S.Paulo. Estes textos servem para discorrer sobre notícias, reportagens e colunas já publicadas pelo jornal. Uma das funções dessa coluna é oferecer aos leitores uma outra compreensão a respeito do que foi dito, com base nos valores do próprio veículo, ou seja, no que para ele deveria ser o jornalismo. Por estarem apoiados em valores e práticas profissionais estabelecidas pela própria empresa, seja através de princípios

editoriais ou manuais de redação, estes comentários não se voltam aos “alicerces do jornalismo” (MAROCCO, 2021c).

Marocco (2021c) identificou a ocorrência do comentário sobre o jornalismo em livros escritos por repórteres. Nestes espaços, os jornalistas, além de produzirem reportagens aprofundadas como resultado de um trabalho intenso de apuração, também discorrem sobre a própria atividade. São textos que funcionam como comentários, portanto, na medida em que tratam do próprio jornalismo, elaborando outros textos que desvendam certos modos de praticá-lo. Esses comentários podem se dar de forma crítica, como resultado de um movimento reflexivo do repórter, em que ele questiona aquilo que é considerado norma no jornalismo.

Zamin e Schwaab (2017, p. 164) definem a crítica de modo semelhante ao comentário: “considera-se a crítica como um discurso sobre um discurso; uma linguagem segunda; uma metalinguagem, exercida sobre uma linguagem primeira”. Para os autores, é no exercício cotidiano de suas atividades, em meio a valores profissionais e políticas editoriais das organizações, que os jornalistas se forjam enquanto tal. Se o trabalho do repórter é marcado por estas práticas, então é possível observar o seu funcionamento no interior das narrativas, como aquelas elaboradas nos livros de repórteres.

Zamin *et al* (2015, p. 241) identificaram diferentes modos de crítica das práticas jornalísticas em livros escritos por repórteres. Entre elas, foram encontradas críticas ao jornalismo e uma autocrítica a respeito do próprio trabalho realizado pelas autoras dos livros. Estas críticas foram motivadas por reflexões sobre as lógicas empresariais das organizações jornalísticas, a ação de outros repórteres, o próprio fazer jornalístico, como a necessidade de estar próximo do quê e de quem se narra, o tratamento de questões delicadas para os entrevistados e o estatuto das fontes, como a substituição de fontes oficiais por aquelas mais capacitadas para descrever os acontecimentos.

Além das colunas de *ombudsman* e dos livros de repórteres, já citados aqui, críticas e comentários sobre o jornalismo também podem se dar em outros espaços. Zamin (2021) tomou publicações de um repórter em redes sociais como um espaço de reflexão sobre a atividade jornalística. Essa ação reflexiva é baseada na própria experiência do jornalista na cobertura dos acontecimentos. Assim, seus comentários são direcionados a certas práticas jornalísticas, como as rotinas produtivas (especialmente a apuração e a edição), as negociações nas redações, a constrangimentos enfrentados por jornalistas e a preferência pelas versões das agências.

Zamin (2021) conclui que o peso da ação jornalística está nas escolhas realizadas pelos repórteres em meio aos processos de produção da informação. Esses processos não costumam ser evidenciados pelo jornalismo. Constituem-se, assim, como zonas de silêncio. Os

comentários e as críticas analisadas pela autora permitem a exploração desses temas, dando a ver um “conjunto de procedimentos que possibilitam ao jornalismo ser como aparenta ser” (ZAMIN, 2021, p. 168). Essa ação constitui ainda uma decisão do próprio jornalista em dar a ver a si mesmo e às práticas jornalísticas, em textos marcados pela autorreferencialidade.

Através dos comentários realizados em livros e publicações em redes sociais, os repórteres acabam por atualizar os textos que regulam o jornalismo. Auxiliam, dessa forma, a compreender a formação discursiva, ao desvendarem sentidos que estavam articulados “silenciosamente” nos textos primeiros (MAROCCO, 2021c). Esses comentários se dão sobre práticas jornalísticas consideradas como estabelecidas e muitas vezes silenciadas e aquelas que são desempenhadas pelo próprio repórter. Esses textos também servem para informar e orientar a audiência em direção a conteúdos já publicados, pondo-os novamente em circulação (ZAMIN, 2021).

Verificamos certa semelhança entre os textos mencionados acima e as narrativas produzidas pelo podcast Pauta Pública, objeto de estudo deste trabalho. Ao discorrer sobre trabalhos já publicados em forma de reportagens ou livros, por exemplo, os jornalistas acabam por elaborar um segundo texto sobre um texto primeiro. Os textos originais sobre os quais os jornalistas tecem seus comentários, portanto, referem-se aos materiais jornalísticos já publicados e que são diretamente referenciados nos programas. Além disso, entendendo o texto em um sentido amplo, não apenas como um material escrito e publicado, a própria prática jornalística pode constituir o material original sobre o qual os repórteres comentam. No espaço proporcionado pelo Pauta Pública, os repórteres podem acabar por tecer comentários que remetem, ainda que não diretamente, aos textos fundadores que conformam o jornalismo e a valores e princípios defendidos pela própria Agência Pública.

3.2.1 Ações de resistência no jornalismo

Ao lado do comentário e da crítica, as narrativas dos jornalistas entrevistados no podcast Pauta Pública também podem dar a ver como esses profissionais tensionam sua atuação com práticas recorrentes no jornalismo, estabelecendo relações de resistência ou assujeitamento. Marocco (2016) entende essas ações de resistência como resultado de um tensionamento entre os controles discursivos que definem a formação discursiva e a autonomia dos jornalistas. A autora verificou que a resistência dos repórteres se manifesta ao longo da história do jornalismo, “primeiro com táticas de ‘contrabando’ para driblar a censura política, depois [...] voltada à censura econômica da empresa” (MAROCCO, 2016, p. 164).

Os procedimentos de controle discursivo blindaram a disciplina, que cristalizou as fronteiras do jornalístico: em suas formas, no entanto, as resistências vêm à tona e é nelas, segundo a experiência de nossos entrevistados, que pode germinar a individualização dos repórteres e o seu deslocamento da autoria coletiva para uma autoralidade individual, quer seja vinculada ao jornalismo, quer seja à ficção literária (MAROCCO, 2016, p. 164-165).

Desse ponto de vista, os procedimentos de controle discursivo coagem a ação subjetiva dos jornalistas, prescrevendo um “código” que circula, de acordo com Marocco (2016), informal e formalmente nos espaços de produção. A resistência dos jornalistas estaria vinculada, para a autora, a um crescente processo de individualização/subjetivação e afastamento dos espaços tradicionais de produção jornalística. Ou seja, ao driblarem as normas estabelecidas, esses repórteres cada vez mais aproximam-se da figura do autor – sendo a autoria entendida como um dos procedimentos de controle discursivos. O repórter-autor, para Marocco (2016 p. 165), “é resultado de um conjunto de estratégias individuais que se deslocam do modo de objetivação jornalístico”.

Marocco (2016) analisou o tensionamento entre os procedimentos de controle e as práticas jornalísticas a partir de entrevistas com repórteres. A pesquisa identificou quatro figuras discursivas de jornalistas: o normativo, a exceção, o ambivalente e o autor de livros. Essas figuras demonstram um processo crescente de autonomia experimentado pelos repórteres – a autora também se refere a elas como “níveis de resistência”. Em um trabalho posterior, Marocco (2021a) reduziu essas quatro figuras a apenas duas. Na configuração mais recente, a segunda figura equivale às três últimas da descrição anterior.

A primeira refere-se aos repórteres que aprenderam e que transmitem normas e procedimentos de controle em vigor na sua redação. Foi identificada entre jornalistas que fizeram carreiras em empresas, alcançando funções superiores na hierarquia profissional, como editores ou diretores de redação. Nesta condição, estes profissionais repassam o conhecimento adquirido às novas gerações. Desse modo, podem ser associados ao que Ryfe (2017b) identificou como atores aptos ou habilidosos, que ajudam a definir as práticas sociais. Entre as características profissionais citadas por estes jornalistas estão a percepção aguçada da política empresarial, autodidatismo, domínio em situações de estresse, envolvimento com as coisas do trabalho, obsessão pelo furo jornalístico e sensibilidade para identificar pautas relevantes.

A segunda figura discursiva emerge às margens, no que é descrito por Marocco (2021a) como um outro espaço, que pode se dar tanto dentro, quanto fora das mídias e que confere novas possibilidades. Essa figura resiste aos procedimentos de controle e ao regime de verdade

dominante do jornalismo, caracterizado pela objetividade e pelo distanciamento em relação ao fato narrado, reproduzindo práticas próprias e alcançando o estatuto de autor.

Marocco (2021a, p. 437-438) identificou seis características ligadas a essa figura discursiva: 1) presença do corpo e exposição às sensações na relação dialógica com o outro, o que contraria a racionalidade jornalística dominante em relação à neutralidade do repórter; 2) governamentalidade dos sujeitos do jornalismo para fazer sua liberdade de sujeito; 3) desenvolvimento de um trabalho intelectual que aproxima jornalista e filósofo; 4) crítica das práticas jornalísticas, o que exige um trabalho de reflexão sobre os fundamentos da profissão; 5) função diferenciada para a fonte jornalística, que se constituem como sujeitos do próprio discurso; e 6) associação entre produção de reportagem e autoria de outros materiais, como documentários e livros.

A autora exemplifica algumas ações de jornalistas que podem ser vistas como formas de resistência aos procedimentos de controle. Eliane Brum, uma das jornalistas entrevistadas na pesquisa, elaborou táticas de controle ainda dentro da redação. Mesmo identificando que suas pautas com moradores de rua tinham baixo acesso nas suas colunas publicadas na internet, a repórter decidiu insistir ainda mais no tema. A repórter Alexandra Lucas Coelho é outro exemplo citado por Marocco (2016). De forma semelhante ao que ocorreu com Eliane Brum, Lucas Coelho resistiu a prática recorrente de enquadrar as fontes em tipos preestabelecidos.

Posteriormente, essas jornalistas afastaram-se das redações e passaram a atuar de forma autônoma, como autoras de livros de repórteres. Nesse espaço, “a diferença se dá em relação ao processo de produção, ao espaço e tempo jornalístico e à elaboração das técnicas e procedimentos” (MAROCCO, 2016, p. 93). Outro ponto interessante a ser destacado na pesquisa de Marocco (2016) é que as ações de resistência dos jornalistas citados parecem se dar em relação a uma leitura que eles mesmos fazem das práticas jornalísticas dominantes.

Desde as práticas dos agentes, que configuram objetos e procedimentos, face as normas, controles e subjetividades, o conjunto de jornalistas de nossa amostra possibilitou estabelecer um conceito errante e aberto de jornalismo, à medida em que a prática de cada um, além do vínculo com uma história recente do jornalismo, e das regularidades a uma época, os jornalistas formaram um solo heterogêneo em sua dispersão, ou seja, eles reconheceram o que se pode considerar os jornalismo, que colocam em tensão o “bom” e o “mau” jornalismo (MAROCCO, 2016, p. 35).

Seguindo essa ideia em nosso trabalho, procuraremos identificar práticas de resistência aos procedimentos de controle nas narrativas elaboradas pelos repórteres entrevistados no podcast Pauta Pública. Não é nosso objetivo, porém, contrapor essas possíveis práticas de resistência com aquelas que seriam usuais, ou pertencentes a um suposto padrão jornalístico

dominante, determinando se elas realmente configuram-se como ações diferenciadas segundo referenciais teóricos. Nosso interesse está na possibilidade de identificar ações de resistência segundo às próprias falas dos repórteres entrevistados, se eles tensionam suas ações com o que eles entendem que seria a norma jornalística.

4 A NARRATIVA EM PODCASTS JORNALÍSTICOS

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que forma as narrativas configuradas por jornalistas sobre suas práticas no podcast Pauta Pública refletem e tensionam o modo de fazer jornalismo. Como afirma Bruno Leal (2011), o jornalismo passa por mudanças na forma como produz e distribui notícias, possibilitando novos modos de narrar. O jornalismo utiliza, assim, diferentes estéticas buscando a adesão dos indivíduos. Sendo o podcast uma linguagem relativamente recente, torna-se necessário discutir quais são os elementos que tornam particular a narrativa elaborada nesses programas.

Neste capítulo, portanto, primeiro vamos abordar as origens e a definição dos podcasts. Como vimos no capítulo 2 dessa dissertação, consideramos o podcast como uma continuidade da linguagem radiofônica na internet. Assim, além de suas particularidades em termos de linguagem, outros elementos devem ser levados em conta para que possamos considerar estas narrativas jornalísticas particulares em relação a tantas outras, como sua forma de distribuição e consumo. Também identificamos que muitos desses programas são produzidos por veículos jornalísticos que não estão necessariamente ligados ao rádio, como o Pauta Pública. O conceito de *continuum* jornalístico nos auxiliará a investigarmos essa relação.

Na sequência, vamos discutir as particularidades dos podcasts jornalísticos baseados em entrevistas. Em meio à multiplicação de programas dessa natureza, torna-se necessário investigarmos as características dos formatos que os diferenciam entre si. Por fim, falaremos especificamente do jornalista enquanto fonte de informações nesses programas. Para além de seus diferentes gêneros e formatos, percebemos que muitos podcasts tendem a destacar em suas narrativas os sujeitos e, especialmente, os jornalistas, seja enquanto narradores ou personagens. Também por conta disso, esses programas acabam se tornando espaços propícios para que se fale sobre o jornalismo e suas práticas, tema que também será abordado nesse capítulo.

A origem do podcasting remonta ao começo dos anos 2000. O termo surgiu pela primeira vez em 2004, num artigo publicado pelo jornal inglês *The Guardian*¹⁴. O texto fala sobre a popularização do “rádio online” graças aos iPods (tocadores portáteis de arquivos de áudio da Apple populares nas duas primeiras décadas dos anos 2000), aos softwares de áudio baratos ou gratuitos e aos blogs. Os programas são descritos como uma combinação da intimidade da voz, da interatividade dos blogs, e da conveniência e portabilidade dos arquivos de áudio MP3. O termo podcasting é uma junção dos termos iPod e *broadcasting*.

¹⁴ Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>. Acesso em 01 ago. 2022.

Os podcasts frequentemente são definidos pelo seu formato em áudio e pela sua forma de distribuição e consumo. Tiziano Bonini (2020, p. 14) define o podcasting como “uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro”. Estes conteúdos são produzidos por editores tradicionais, como rádios e jornalistas, por instituições educacionais ou por produtores independentes.

De forma semelhante à definição de Bonini (2020), Eduardo Vicente (2018, p. 88, grifo nosso) também define o podcasting como “uma prática de distribuição de conteúdos digitais *tradicionalmente* associada a produções sonoras”. O que é interessante ressaltar nessa definição, é a relativização que o autor faz da linguagem sonora enquanto definidora dessas produções. Enquanto realizávamos esta pesquisa de dissertação, no segundo semestre de 2022, dois podcasts obtiveram recordes de audiência no Brasil durante entrevistas com candidatos à presidência da república¹⁵. O detalhe é que essa audiência foi medida durante as transmissões ao vivo em vídeo desses programas na plataforma de *streaming* de vídeos Youtube. Esses programas também foram disponibilizados posteriormente em formato exclusivo de áudio.

Continuamos a entender, de acordo com os autores citados neste trabalho, que os podcasts se caracterizam principalmente pela sua linguagem e pelo formato em áudio e pela distribuição assíncrona. O Pauta Pública, objeto de estudo deste trabalho, inclusive, é distribuído apenas em áudio. Em relação ao podcasting, Vicente (2018, p. 94) observa que “o fato de que a distribuição de áudio se tornou, efetivamente, sua utilização quase exclusiva, representa uma primeira determinação de seu uso com base nas práticas”.

Registramos essa observação somente para ressaltar que os podcasts nem sempre se dão exclusivamente na linguagem sonora e para sugerir que, considerando a popularidade de podcasts com vídeo¹⁶, essa discussão deva ser cada vez mais considerada em trabalhos que discutam o podcasting. As transmissões ao vivo e em vídeo de podcasts, inclusive, implicam em outras formas de distribuição e consumo, como os “cortes”, isto é, trechos editados do programa distribuídos através de sites de redes sociais.

Por ora, podemos sugerir que a utilização do vídeo em podcasts relaciona-se com o ambiente multimídia proporcionado pela internet e que também ecoa práticas do jornalismo radiofônico, que desde um certo tempo vem transmitindo alguns de seus programas em vídeos

¹⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/10/bolsonaro-bate-14-milhao-de-espectadores-simultaneos-em-podcast-e-supera-recorde-de-lula-no-flow.ghtml>. Acesso em 25 out. 2022.

¹⁶ Como exemplo da utilização do termo “podcast com vídeo”, citamos a plataforma de streaming Spotify, que disponibiliza conteúdos neste formato e com essa nomenclatura.

ao vivo pelo Youtube. Esse último aspecto, inclusive, sugere uma aproximação ainda maior entre as práticas radiofônicas e o podcasting.

Além de sua linguagem em áudio, outro aspecto definidor do podcasting diz respeito às suas formas de distribuição e consumo. Vicente (2021) entende que a possibilidade de um rádio de uso pessoal e o conceito de assincronia, em oposição a instantaneidade e ao imediatismo, elementos característicos do rádio, são fundamentais para a discussão do podcasting. Em relação ao uso pessoal, o autor argumenta que o podcasting tem “permitido a criação de programas que, superada a limitação geográfica das transmissões, podem se dirigir a um público agora delineado a partir de demandas identitárias e interesses específicos” (VICENTE, 2021, p. 290).

O conceito de assincronia diz respeito ao fato de os programas poderem ser ouvidos sob demanda, isto é, estão desvinculados de uma programação radiofônica e permitem aos ouvintes acessarem os conteúdos que lhes interessam quando desejarem.

Nesses termos, a prática do podcasting teria um equivalente aproximado de um serviço como o Netflix, que fornece séries, documentários e filmes – originais ou não – para exibição sob demanda e desvinculados da grade de programação de uma emissora (VICENTE, 2018, p. 97).

O podcasting foi notado inicialmente por sua característica libertadora ao permitir que amadores pudessem produzir seus próprios programas e distribuir o conteúdo pela internet, de forma semelhante aos blogs. Bonini (2020) defende que é apenas a partir de 2012, quase dez anos após o seu surgimento, que os podcasts passam por uma transformação, a qual chama de “segunda era do podcasting”. De um meio de nicho e amador, o podcast estaria se tornando um meio massivo e profissionalizado.

Enquanto pesquisadores de mídia enfocavam o aspecto potencialmente libertador como ferramenta para comunicação independente, acessível mesmo para os não-profissionais, o podcasting foi imediatamente adotado pela mídia pública tradicional, pela mídia corporativa (rádio, TV, jornais) e por produtores profissionais com fins comerciais (BONINI, 2020, p. 19).

Os primeiros podcasts foram produzidos por amadores, mas adquiriram maior expressividade enquanto fenômeno quando editores de mídias tradicionais entraram em cena e ajudaram a profissionalizar essa prática. Ainda em 2005, por exemplo, o britânico *Daily Telegraph* foi o primeiro jornal a lançar um podcast diário. No entanto, Bonini (2020, p. 24) destaca o papel das tradicionais rádios públicas norte-americanas e europeias na consolidação

do podcasting, pois foram elas que formaram “uma geração de produtores de formatos radiofônicos baseados na contação de histórias”.

Posteriormente, alguns desses produtores se afastaram das emissoras tradicionais e passaram a investir em produções distribuídas exclusivamente no formato podcast. A consolidação do podcasting enquanto prática cultural específica (BONINI, 2020) também se deve a adoção de novos modelos de negócios, que permitiram que os programas se tornassem lucrativos.

O *Serial* é um podcast que exemplifica essa transição entre produtos derivados de programas radiofônicos e produções feitas para circular especificamente na internet. O programa foi lançado em 2014, exclusivamente como podcast. *Serial* é, no entanto, derivado de um tradicional programa da rádio pública estadunidense, o *This American Life*. Produzido e narrado pela jornalista Sarah Koenig, *Serial* é um podcast jornalístico que conta a história de um crime ocorrido nos Estados Unidos. De acordo com os produtores do podcast, no final de 2014, a audiência média de cada um de seus 12 episódios era de 1,5 milhão de ouvintes¹⁷.

Bonini (2020) conclui que a profissionalização, a popularidade e a consolidação dos podcasts, que caracterizam sua segunda era, deve-se ao aumento da qualidade dos programas disponíveis, à expansão do uso de smartphones, à adoção de novos modelos de negócio, como o financiamento coletivo, e ao surgimento de redes sociais de base sonora.

Vicente (2018, p. 97) demonstra que a difusão de programas de emissoras de rádio convencionais no formato de podcast convive com “uma efetiva autonomização do podcasting em termos de linguagem e uso social”. Ou seja, embora Bonini (2020) destaque a criação de programas independentes como característica de uma nova e mais consolidada fase do podcasting, essa prática ainda é permeada por uma diversidade de produções.

Sérgio Pinheiro da Silva e Régis Tavares dos Santos (2020) fizeram um levantamento com os 20 podcasts mais populares no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. Derivações de programas radiofônicos, como o próprio *This American Life* e o Pretinho Básico, da Rádio Gaúcha, apareceram na lista junto de produções que já nasceram como podcasts, como o *The Joe Rogan Experience* e o brasileiro Nerdcast.

O tipo de programa que mais nos interessa nessa dissertação, no entanto, parece mesclar essas duas vertentes. São programas que foram concebidos para circularem exclusivamente como podcast, mas são ligados a veículos de comunicação consolidados. Na lista de Silva e Santos (2020), por exemplo, apareceram dez programas dessa natureza, como o *The Daily*,

¹⁷ Disponível em: <https://www.b9.com.br/53772/serial-e-o-novo-breaking-bad/>. Acesso em: 25 out. 2022.

produzido pelo jornal estadunidense *The New York Times*, o Café da Manhã, produzido pelo jornal Folha de S. Paulo e O Assunto, produzido pelo site de notícias G1. Destacamos ainda a presença na lista do Durma Com Essa que, assim, como o Pauta Pública, também é um programa ligado a um site de notícias que se define como independente, o Nexo Jornal.

O surgimento de podcasts ligados a veículos jornalísticos se dá num contexto amplo em que estas empresas buscam se inserir cada vez mais nos novos espaços possibilitados pela internet. Para Vicente (2021), esses programas, produzidos tanto pela imprensa alternativa quanto por veículos tradicionais, servem como canais adicionais de informação e fidelização de seus públicos. Além disso, também percebemos uma aproximação entre esse fenômeno e o conceito de *continuum* multimídia, proposto por Suzana Barbosa (2013). De acordo com esta ideia, podemos enxergar a criação destes programas também como mais uma etapa no desenvolvimento do jornalismo nos ambientes digitais.

Barbosa (2013, p. 38) explica que a ideia de *continuum* multimídia é um dos traços característicos do que seria “um novo estágio de evolução do jornalismo em redes digitais”. Ela está ligada ao conceito de convergência jornalística, visto como um processo de integração entre meios de comunicação tradicionalmente separados. O *continuum* multimídia diz respeito à circulação e recirculação do conteúdo de um mesmo jornal em diferentes plataformas.

No contexto atual, estes processos se dão de forma integrada. Os conteúdos distribuídos em espaços diversos não concorrem entre si, mas complementam uns aos outros, num processo horizontal que resulta num “*continuum* multimídia de cariz dinâmico” (BARBOSA, 2013, p. 36). O conceito abrange, portanto, tanto aspectos relacionados ao desenvolvimento tecnológico, quanto aos novos fluxos de produção das empresas jornalísticas, caracterizadas por modelos como os de redações integradas. Neste cenário, repórteres de um mesmo veículo produzem conteúdos em diversos formatos para diferentes formas de distribuição.

A tecnologia móvel, representada principalmente pelos *smartphones*, desempenha um papel fundamental neste novo estágio do jornalismo digital. São eles que “reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas” (BARBOSA, 2013, p. 42). Em relação aos conteúdos, ganham destaque o que a autora chama de produtos autóctones. Estes produtos são desenvolvidos especificamente para as redes, com características próprias e materiais exclusivos. Se opõem, portanto, ao que poderia ser uma simples transposição de um conteúdo já existente para um novo meio.

Apesar de Suzana Barbosa (2013) direcionar o seu olhar para aplicativos de jornais para tablets, entendemos que essa visão também pode ser dirigida aos podcasts. Estes programas são

produzidos por veículos de comunicação que já produzem material em outros meios e se constituem em mais um espaço de veiculação de informações. Podemos considerá-los também autóctones, já que, apesar de aproveitar conteúdos publicados anteriormente, possuem formato e conteúdo diferenciados em relação aos materiais originais e uma forma de distribuição própria. Além disso, como apontam diversos autores, a popularização dos podcasts está estreitamente ligada ao desenvolvimento das tecnologias móveis.

4.1 O PODCASTING COMO FENÔMENO DA RADIOFONIA EXPANDIDA

Desde que o termo podcasting foi utilizado pela primeira vez, em 2004, diversos autores estudaram o tema em âmbito acadêmico. Kischinhevsky, Lopez e Benzecry (2020) explicam que uma discussão frequente encontrada nestes trabalhos diz respeito ao fato de o podcast ser ou não um produto radiofônico. Os autores que negam esta ligação, o fazem considerando a sua forma de distribuição, que se dá pela internet e não através de ondas eletromagnéticas, como o rádio comum.

Encontramos no trabalho de Ferraretto (2007) uma resposta interessante para este debate. O autor propõe que, considerando as novas formas de distribuição e consumo possibilitadas pela internet, a compreensão do que é rádio deve ser ampliada. Escuta-se rádio, diz o autor, em aparelhos comuns, através de ondas eletromagnéticas, mas também através da internet e de canais de televisão por assinatura, por exemplo.

Vicente (2021) explica que há atualmente um certo consenso na definição do rádio mais enquanto linguagem do que como veículo. Embora o autor não desconsidere o seu suporte tecnológico, defende que o que há de mais específico no rádio é a sua linguagem. Para o autor, adotar a perspectiva do rádio enquanto linguagem é fundamental “para que se possa assumir um olhar renovado sobre as múltiplas potencialidades da linguagem radiofônica e de seus possíveis usos sociais na atualidade” (VICENTE, 2021, p. 286).

O que define a linguagem radiofônica é, para Ferraretto (2007) a integração de elementos como a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Para ser considerado rádio, também é necessário pressupor alguma estratégia de “sintonia”. Com esse termo, o autor refere-se às formas de distribuição e de acesso ao conteúdo. O podcast, por exemplo, teve o seu desenvolvimento inicial ligado à possibilidade de distribuição e acesso aos programas por meio de sistemas automatizados.

Diversos autores ligam o desenvolvimento inicial do podcasting à tecnologia RSS (sigla em inglês para *Really Simple Syndication*). Essa tecnologia permite que usuários façam uma

inscrição e recebam atualizações automáticas cada vez que um novo conteúdo for publicado, através do uso de um software específico. De acordo com Vicente (2018), foi essa prática de assinatura de conteúdos que inicialmente recebeu a denominação de podcasting. Atualmente, no entanto, o RSS deixou de ser decisivo para o consumo dos podcasts, que podem ser acessados através de plataformas de *streaming* de áudio e vídeo como o Spotify¹⁸ e o Youtube.

Compreender o rádio enquanto linguagem nos permite introduzir o conceito de radiofonia expandida, proposto por Marcelo Kischinhevsky (2012, 2015, 2021). O autor entende o podcast como uma nova modalidade da radiofonia. A distribuição de conteúdo radiofônico pela internet inaugura o desenvolvimento de novas práticas interacionais e de novas modalidades de recepção. O autor enxerga, contudo, “mais continuidades do que rupturas no processo comunicacional” (KISCHINHEVSKY, 2012, p. 429). Isso nos permite ver os podcasts como um desdobramento da radiofonia no contexto da internet.

Para Kischinhevsky (2015, p. 3), além da radiofonia ter superado “as fronteiras das ondas hertzianas”, estando agora articulado com portais de internet e as mídias sociais, por exemplo, ela também incorporou elementos parassonoros, como textos e imagens. Dessa forma, o rádio configura-se hoje como um meio de comunicação expandido. O conceito de rádio expandido opera então como um pano de fundo para os estudos radiofônicos (KISCHINHEVSKY, 2021). O podcasting é um dos novos usos do rádio na atualidade, assim como a webradio, o rádio por satélite e a transmissão digital.

Apesar de sua ligação com a rádio, o podcast hoje, de acordo com Vicente (2018, p. 104), possui uma tradição própria, configurando-se como “uma cultura singular de produção e consumo midiáticos”. O autor ressalta a ligação fundamental que a tradição do rádio, principalmente de emissoras públicas estadunidenses e europeias, tem com a definição da identidade desses programas. No entanto, há elementos que os diferenciam das produções tradicionais da rádio ao operar em outra relação com o tempo e com o ouvinte e atender a demandas distintas.

Enquanto no rádio terrestre, especialmente nas emissoras comerciais, a transmissão ao vivo é o padrão, com o apresentador em muitos casos sendo o responsável também pela operação técnica, nos podcasts é possível o desenvolvimento de uma produção mais elaborada, com um trabalho de edição complexo, no qual podem ser incluídos ambientes, efeitos, vozes, trilha musical e material previamente gravado (VICENTE, 2018, p. 105).

¹⁸ É interessante notar, no entanto, que o Spotify utiliza a tecnologia RSS para atualizar as listas de podcasts na plataforma. Diferente das músicas, que utilizam servidores da empresa, os podcasts são hospedados em outros sites. Quando um episódio novo é adicionado pelos usuários nestes espaços, eles aparecem automaticamente no Spotify através do uso dessa tecnologia.

Entender os podcasts como um desdobramento da rádio na contemporaneidade de acordo com os autores citados, também nos permite olhar para o que há de mais fundamental nas práticas radiofônicas: a linguagem em áudio. Para Vicente (2021), mesmo nas tradicionais produções do rádio, imagens e texto aparecem como complementos. O autor conclui que, para além da utilização desses elementos, ou das possibilidades transmidiáticas permitidas pela internet, por exemplo, “a grande novidade do rádio na internet é o áudio” (VICENTE, 2021, p. 297).

Portanto, para compreender o podcasting, é preciso olhar não só para as diferenças tecnológicas entre essa prática e a prática do rádio terrestre. Também é necessário entender as suas especificidades em relação às diferentes linguagens e formatos que começam a se estabelecer. Não desconsideramos que as formas de distribuição e consumo dos podcasts influenciem na narrativa elaborada nesses programas. Nossa análise, no entanto, se dará sobre o texto produzido pelos jornalistas entrevistados no Pauta Pública, e não nos processos de produção e recepção dos conteúdos. Nesse sentido, a questão da linguagem dos podcasts nos soa fundamental.

4.2 PODCASTS JORNALÍSTICOS BASEADOS EM ENTREVISTAS

Assim como o podcasting é mais um dos desdobramentos da linguagem radiofônica na atualidade, também o podcast jornalístico é uma entre as tantas possibilidades de uso desses programas. Vicente (2018) propõe olhar para a diversidade temática e os diferentes usos sociais dos podcasts para entender como essa prática adquire particularidades em relação à linguagem radiofônica tradicional e afirma-se como uma nova forma de produção e consumo.

Além do podcast jornalístico, também são produzidos programas sobre diversas temáticas, como os ficcionais, identitários e de divulgação científica e cultural. Vicente (2018, p. 98) afirma que “o jornalismo é certamente a área para a qual se voltaram alguns dos mais proeminentes podcasts existentes”. O autor cita a influência do programa de rádio *This American Life*, surgido em 1995, e que, posteriormente, em 2014, deu origem ao *Serial*.

De acordo com um relatório produzido por Nic Newmann e Nathan Gallo (2019) sobre a produção de podcasts produzidos nos Estados Unidos, na Austrália, no Reino Unido, na França e na Suécia, os podcasts jornalísticos correspondiam a apenas 6% das mais de 770 mil produções presentes no serviço da Apple. No entanto, os programas jornalísticos constituíam um quinto (21%) da lista dos 250 podcasts mais populares nesse serviço. Os autores também

identificaram que, entre janeiro e outubro de 2019, o número de podcasts jornalísticos existentes no mundo aumentou em 32%.

Com o aumento da produção de podcasts jornalísticos e o sucesso obtido por determinadas produções, que passam a servir de modelo para outras, começam a se consolidar formatos específicos de apresentação desses conteúdos. De maneira semelhante, Álvaro Bufarah (2020) explica que a evolução das tecnologias de radiodifusão e a busca por maiores audiências trouxeram a necessidade de diversificação dos conteúdos produzidos, distribuídos em diversos gêneros e formatos.

Ainda que não seja a intenção deste trabalho classificar a produção de podcasts jornalísticos, achamos importante discutir alguns dos gêneros e formatos que mais se aproximam do nosso objeto de estudo. Bufarah (2020) ressalta que essas classificações não são rígidas e que os programas podem misturar diversas linguagens dentro de um mesmo produto. Como veremos na continuidade desse trabalho, é difícil enquadrar o Pauta Pública dentro de um único gênero ou formato, mesmo considerando algumas classificações recentes específicas sobre o podcasting.

Bufarah (2020) propõe um estudo inicial de gêneros e formatos no podcasting baseado nos estudos radiofônicos. Por gênero, o autor refere-se a uma classificação mais geral da mensagem, que visa atender a demandas específicas da audiência. No rádio, o jornalismo pode ser dividido nos gêneros informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Formatos são subdivisões desses gêneros, e referem-se a modelos mais ou menos bem demarcados de programas que possuem características em comum, como por exemplo a reportagem, a entrevista, o comentário e o debate. O autor não chega a propor, entretanto, uma classificação específica para podcasts jornalísticos.

Podcasts como o Pauta Pública parecem mesclar características dos gêneros informativo, opinativo e interpretativo. O gênero informativo é aquele que se limitaria a relatar os acontecimentos, sem expor juízos de valor ou opiniões. Dentro desse gênero, de acordo com a classificação apresentada por Bufarah (2020), está o formato da entrevista, que se caracteriza por ser a forma básica de levantamento de informações pelos jornalistas. Ela também se constitui como um formato jornalístico quando é apresentada de forma mais longa, “tendo as habilidades do entrevistador no comando deste diálogo” (BUFARAH, 2020, p. 7).

Como vimos anteriormente, a entrevista, para Lage (2002), pode tanto ser uma forma de levantamento de informações quanto uma forma de apresentação do conteúdo jornalístico. Como conteúdo, ela se divide, para o autor, em diversos tipos. Diferente da classificação proposta por Bufarah (2020), portanto, não enxergamos a entrevista como um formato

particular pertencente ao gênero informativo. Como discutiremos adiante, pensamos que esta classificação é insuficiente para caracterizar tipos de podcasts que se baseiam em entrevistas.

O gênero opinativo é aquele que apresenta os fatos expondo as opiniões da empresa, de especialistas e de comentaristas. Dentro deste gênero, está o formato do comentário, que “tem a função de explicar a notícia, seu alcance, suas circunstâncias e contexto” (BUFARAH, 2020, p. 7). O gênero interpretativo é aquele que amplia e contextualiza as informações aos ouvintes. Não encontramos na classificação de Bufarah (2020) nenhum formato dentro do gênero interpretativo que se assemelhe ao Pauta Pública. No entanto, como veremos adiante, a interpretação e a ampliação das informações já repassadas em outros locais pode ser justamente um dos fatores que caracterizam esses podcasts.

Outros autores propuseram classificações específicas para os podcasts. O já citado trabalho de Silva e Santos (2020) sugere a classificação dos 40 programas mais populares no Brasil e nos Estados Unidos mesclando gêneros e formatos. São eles: debate, educativo, jornalismo temático, entrevista, variedades e jornalismo narrativo. Os próprios autores, no entanto, assim como Bufarah (2020), alertam que a classificação é polêmica, já que haveria frequentemente uma mescla de diferentes formatos em um mesmo programa.

O formato debate, por exemplo, é, de acordo com Silva e Santos (2020), o mais popular entre as produções analisadas. Caracteriza-se pelo debate entre apresentadores e eventuais convidados, tem estrutura bastante livre, e mescla-se ao formato entrevista. O formato entrevista, por sua vez, é comparado aos tradicionais *talk shows* da televisão e do rádio. Esses programas são centrados na figura de seus apresentadores, que normalmente já são conhecidos pelo público. A entrevista, de acordo com os autores, aparece frequentemente em vários podcasts, seja como sonoras ou com convidado no estúdio.

O formato jornalismo temático também faz uso de entrevistas com outros repórteres ou especialistas. Além disso, caracteriza-se pela apresentação de um jornalismo factual com uma linha narrativa que envolve a utilização de outros recursos, como sonoras antigas e sonoras captadas nas ruas. Esses programas normalmente têm duração de 15 a 30 minutos. Exemplos dessas produções são os podcasts brasileiros Café da Manhã e O Assunto e o estadunidense *The Daily*.

O relatório elaborado por Newmann e Gallo (2019) apresenta uma classificação de podcasts jornalísticos que guarda algumas semelhanças com os formatos sugeridos por Silva e Santos (2020). Os autores dividem a produção de podcasts jornalísticos nos seguintes formatos: notícias diárias/assuntos atuais, conversas/entrevistas, séries narrativas – assunto único,

documentários – assuntos diversos e leitura de artigos de jornais e revistas em áudio¹⁹. Assim como indicado por Silva e Santos (2020), Newmann e Gallo (2019) identificaram que o formato de podcast mais comum são os de conversas/entrevistas, também descritos como programas de debates.

Os podcasts de notícias diárias são divididos nos formatos de microboletins, resumos de notícias e programas de análise aprofundada. Esse último formato equivale aos programas jornalísticos temáticos descritos por Silva e Santos (2020) e tem como principal exemplo o *The Daily*. O *The Daily* foi lançado em fevereiro de 2017 e rapidamente atingiu uma audiência diária de dois milhões de ouvintes, um número maior que a quantidade de acessos no site do *The New York Times*. De acordo com as entrevistas com produtores de podcasts jornalísticos conduzidas por Newmann e Gallo (2019), este programa serviu como inspiração para a criação de outros podcasts ligados a jornais e sites jornalísticos nos meses seguintes ao seu lançamento.

Os podcasts jornalísticos diários de análise aprofundada são caracterizados pelo nível de detalhamento da informação alcançado através de entrevistas com especialistas ou com jornalistas, que algumas vezes podem referir-se a alguma reportagem já publicada no veículo de origem. Normalmente tem duração de 20 a 30 minutos e utilizam sonoras de outros veículos, como rádio e televisão, para corroborar as informações e auxiliar na construção narrativa do programa.

Ainda que guarde diferenças importantes em relação à periodicidade e aos temas abordados, por exemplo, acreditamos que esse é o formato que mais se assemelha ao Pauta Pública. Baseamos essa aproximação em três elementos: ligação com um site jornalístico de referência, ainda que possa ser considerado independente, presença de repórteres como entrevistados e aprofundamento da informação, que muitas vezes já foi publicada em outros locais.

Em relação aos formatos denominados como debate, conversa ou entrevista, mesmo sendo referidos como os mais populares entre os podcasts, não encontramos informações suficientes de forma a caracterizar essas produções como um formato particular. Silva e Santos (2020) foram os autores que mais se aproximaram de uma melhor definição sobre o formato entrevista, ao afirmarem que esses programas normalmente baseiam-se na figura de um apresentador já conhecido pelo público, característica que certamente não se aplica ao Pauta

¹⁹ Traduções livres para *Daily News/current affairs*, *Talk/interview unscripted*, *Narrative series – single topic*, *Other documentary – many topics* e *audio long read*.

Pública – mas se aplica a programas classificados em outros formatos, como o O Assunto, apresentado pela jornalista da TV Globo Renata Lo Prete²⁰.

Sobre a diversidade de formatos e gêneros no podcasting, é interessante citar a observação de Juliana de Souza, Mônica Fort e Juliana Bolfe (2020). Apesar de outras pesquisas sugerirem diferentes classificações para os podcasts brasileiros, o trabalho das autoras sugere que não há modelos específicos para a produção de podcasts no Brasil.

Tais narrativas atuam de formas variadas nos tópicos investigados, de modo que cada produção se manifesta de acordo com os temas discutidos, os objetivos do projeto e/ou o perfil de seu público. Por conseguinte, parece que a fórmula para o sucesso está em reconhecer um estilo próprio e aplicar um método de produção adequado a este conceito (SOUZA, FORT, BOLFE, 2020, p. 101).

Como já dissemos anteriormente, não temos a intenção de classificar os podcasts ou de enquadrar nosso objeto de estudo dentro de um gênero ou formato pré-definido. Trouxemos essa discussão para demonstrar a diversidade do fenômeno do podcasting dentro do jornalismo. Além disso, considerando essa diversidade, é importante abordarmos características que se apliquem ao nosso objeto de estudo, já que nem todos os podcasts jornalísticos compartilham os mesmos elementos.

Neste trabalho, consideramos, portanto, que a conversa, o debate e a entrevista são elementos que fazem parte de diversos podcasts, incluindo o Pauta Pública. Sendo a entrevista com jornalistas a característica mais básica de programas como esse, decidimos considerá-los de forma mais genérica, como podcasts jornalísticos baseados em entrevistas. Ao ressaltar essa característica, conseguimos separar esses programas de outros formatos populares de podcasts, como os de jornalismo narrativo (SILVA e SANTOS, 2020) ou séries narrativas (NEWMANN e GALLO, 2019), que se baseiam em técnicas de *storytelling* para construir uma narrativa mais elaborada que não se apoia em uma única entrevista.

Felipe Oliveira, Barbara Nickel e Janaina Kalsing (2020) defendem que podcasts como O Assunto e o Café da Manhã, classificados como programas de jornalismo temático ou de análise aprofundada, são espaços que têm como função estabelecer uma mediação qualificada ao aprofundar os conteúdos jornalísticos por meio da explicação e da conversa. A aposta nesses programas seria uma “estratégia para o enfrentamento da crise que se abate sobre o jornalismo ante ao ambiente digital” (OLIVEIRA, NICKEL, KALSING, 2020, p. 152), marcado pela

²⁰ O podcast do site de notícias G1 O Assunto passou a ser apresentado pela jornalista Natuza Nery a partir de 21 de novembro de 2022.

informação fugaz característica das redes sociais e pela concorrência com outros veículos não jornalísticos.

É emblemática a vinheta do Grupo Globo que anuncia seus podcasts: “Podcasts G1: a notícia contada, explicada e conversada”. O recurso aos verbos “explicar” e “conversar” denota um esforço de mediação para além do “contar” (associado à novidade, gene da notícia) e convida o público ao diálogo - seja na dimensão da produção seja do consumo, amalgamados (OLIVEIRA, NICKEL e KALSING, 2020, p. 150).

É interessante notar que, em sua análise, as autoras aproximam esses podcasts de análise aprofundada a outro programa classificado como de debate por Silva e Santos (2020), o Mamilos. Esse seria, portanto mais um programa que exemplifica o podcasting como um espaço de aprofundamento da informação. Oliveira, Nickel e Kalsing (2020) citam um episódio do Mamilos que destaca as principais entrevistas realizadas durante o ano de 2019. Vários dos nomes citados são de jornalistas reconhecidos pelo público, como Leandro Demori, do The Intercept Brasil, Renata Lo Prete, da TV Globo e Reinaldo Azevedo, colunista do UOL. Entrevistas com repórteres é justamente uma das características que consideramos mais notórias nesses programas, e abordaremos esse ponto em detalhes no final desse capítulo.

Em relação às características desses programas e aos recursos utilizados, recorreremos à algumas falas de jornalistas produtores de podcasts que podem ser classificados como de análise aprofundada em eventos recentes dedicados ao tema. Uma das apresentadoras do Café da Manhã, a jornalista Magê Flores, participou do *webinar Dicas para um podcast de sucesso* (2021), promovido pelo *The International Journalist's Network*. Na atividade, a jornalista explicou algumas das características do Café da Manhã que podem ser assim resumidas:

- **Intimidade:** Magê Flores destacou que o podcast pressupõe intimidade com o ouvinte, maior que no formato impresso. Para ela, um bom podcast sempre se apropria disso. A jornalista disse que o Café da Manhã sempre conversa com o ouvinte, utilizando o pronome você, por exemplo. A intimidade também pressupõe informalidade. Os jornalistas utilizam termos e frases bastante informais durante os programas;
- **Valorização da redação do jornal:** o Café da Manhã utiliza jornalistas, repórteres e colunistas da Folha como fontes. Frequentemente, estas fontes relatam reportagens que foram ou estão sendo produzidas. Segundo Magê Flores, “é até educativo [para a audiência] mostrar os bastidores da reportagem” (DICAS, 2021);

- **Atinge um público diferente:** Magê Flores disse que o público do Café da Manhã é mais jovem se comparado ao público do jornal impresso. É, para ela, uma forma de apresentar o jornalismo da Folha de S.Paulo para mais pessoas;
- **Consumo simultâneo:** o podcast pode ser consumido pelas pessoas enquanto elas realizam outras atividades, como rotinas domésticas;
- **Curadoria de notícias:** a jornalista comparou o podcast com uma *newsletter* pela sua capacidade de oferecer ao ouvinte uma seleção de notícias diárias.

Apresentadores e produtores de podcasts participaram de um evento promovido pelo Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NER-UFRGS), em junho de 2021. Os apresentadores de alguns dos principais podcasts brasileiros concordaram com a vertente explicativa dos podcasts e destacaram a possibilidade de aproximação entre público e jornalistas proporcionada por essas produções. Destacamos aqui a fala de dois jornalistas que produzem podcasts de análise aprofundada e que participaram da atividade intitulada *O aprofundamento de notícias no podcast diário* (2021).

Para Roberto Maltchik, apresentador do Ao Ponto, do jornal O Globo, o podcast é o rádio sob demanda, e dá a possibilidade de todos falarem. O jornalismo se insere neste novo formato proporcionando informação e análise de qualidade. O Ao Ponto, de acordo com o apresentador, é a “voz do jornal O Globo” (O APROFUNDAMENTO, 2021), compartilhando das mesmas políticas editoriais. A parte mais importante na produção do programa é a escolha da fonte, que pode ser um jornalista do jornal impresso ou um especialista.

Letícia Arcoverde, apresentadora do podcast Durma Com Essa, do site de notícias Nexo Jornal, considera que o formato tem potencial de disseminar mais informações interpretativas e aprofundadas. Também acredita que o podcast pode aproximar os jornalistas das pessoas, num momento em que, para ela, o jornalismo precisa dessa proximidade. Ela descreveu que o Durma Com Essa normalmente consiste na conversa entre apresentadores e redatores do site sobre uma notícia que foi ou será publicada no Nexo Jornal.

A partir das características expostas aqui, entendemos o podcast como programas que estabelecem uma continuidade da linguagem radiofônica na internet. Além da utilização dos elementos básicos dessa linguagem - as palavras, os efeitos sonoros, o silêncio e a música -, esses produtos jornalísticos também compartilham outras características em comum, como a relação de intimidade com o ouvinte e a possibilidade de consumo simultâneo.

Os podcasts, especialmente aqueles baseados em entrevistas, como definimos neste capítulo, apresentam como características básicas o aprofundamento da informação e a possibilidade da presença de jornalistas como fontes. Além de contar, explicar e analisar os fatos narrados, pensamos que, ao falar sobre o próprio trabalho, esses repórteres também podem construir narrativas que falam sobre a prática jornalística.

4.3 O REPÓRTER COMO FONTE EM PODCASTS JORNALÍSTICOS

Uma das principais motivações para a realização desta pesquisa partiu de nossa percepção de que repórteres eram utilizados como fontes recorrentes em podcasts jornalísticos. Percebemos que os jornalistas acabam abordando informações de bastidores, processos de produção e sensações em relação ao fato narrado ao falar sobre o próprio trabalho. O jornalismo torna-se assim tema destas entrevistas. Com isso, pensamos que os podcasts se tornam espaços privilegiados para a reflexão do fazer jornalístico.

Como afirma Débora Lopez (2022), narrar histórias é uma prática cotidiana no rádio. Também é característica do meio, mesmo antes de sua inserção nas plataformas digitais, que sujeitos e personagens sejam protagonistas dessas narrativas. Ao falar sobre as características do podcast em relação ao rádio, Lopez (2022, p. 29) afirma que

A permanência em meio a essas alterações é a relação com os sujeitos – sejam eles parte da audiência ou protagonistas dos acontecimentos. Com a inserção na nova ecologia de meios e o encaminhamento para um rádio multiplataforma e multimídia, a história de vida aparece como uma potencialização (Palácios, 2003) devido à intensificação das práticas de intercâmbio e exposição do cotidiano que caracterizam a rede.

Embora a autora refira-se aos podcasts ditos narrativos, consideramos um ponto notável o fato de programas como o Pauta Pública escolherem justamente os jornalistas que produziram os conteúdos para recontarem suas histórias. Essa escolha pode estar ligada a aspectos organizacionais, como a facilidade de acesso às fontes e ao aproveitamento da força de trabalho existente. No entanto, a participação dos repórteres como entrevistados nesses programas também pode estar relacionada a esse protagonismo dos sujeitos, característica do rádio potencializada no podcast.

Lucia Santa Cruz e Adriana Barsotti (2021) investigaram os impactos nas práticas profissionais do uso de repórteres como fontes em podcasts jornalísticos. Ao analisar dois dos programas mais relevantes no cenário brasileiro, o Café da Manhã, produzido pelo jornal Folha

de S.Paulo, e o Ao Ponto, produzido pelo jornal O Globo, o trabalho mostra que os jornalistas são de fato as fontes mais utilizadas nesses podcasts. Investigar a forma como esses repórteres atuam nesses programas nos ajuda a compreender esses espaços como também locais de construção de narrativas sobre as práticas jornalísticas.

Lage (2002) define a fonte jornalística como instituições ou personagens que detêm informações, que testemunham ou que participam de eventos de interesse público. A presença de uma fonte de informação no jornalismo é fundamental, já que, de acordo com o autor, “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta” (LAGE, 2002, p. 49). É trabalho do jornalista, portanto, selecionar e questionar fontes a fim de colher dados e depoimentos. Também é necessário que, de acordo com técnicas jornalísticas, os repórteres processem e situem essas informações dentro de algum contexto²¹.

Luã Chagas (2019) afirma que classificar essas fontes jornalísticas possibilita identificar diferenças entre as posições, os interesses e a participação e acesso de pessoas e instituições no discurso jornalístico. No entanto, explica o pesquisador, são raros os trabalhos que se dedicam aos processos de seleção e classificação das fontes no radiojornalismo.

A partir de uma revisão bibliográfica a respeito dos estudos de fontes, Chagas (2019) propõe uma classificação que inclui os seguintes tipos: oficiais, empresariais, institucionais, populares, testemunhais, especialistas e notáveis. As três últimas definições podem nos ajudar a compreender a presença de repórteres como fontes em podcasts jornalísticos.

Especialistas são “profissionais com reconhecido saber científico ou conhecimento específico sobre determinado campo em torno do qual está se desenvolvendo uma cobertura jornalística” (CHAGAS, 2019, p. 75). Os repórteres entrevistados em podcasts podem ser vistos, muitas vezes, como especialistas. Isso porque, ao terem se dedicado na produção de uma reportagem, ou atuarem há um certo tempo na cobertura de um determinado tema, esses indivíduos podem ter conhecimento específico sobre o assunto abordado pelos programas.

A pesquisa de Santa Cruz e Barsotti (2021) indicou que a justificativa dos produtores dos podcasts para a escolha de jornalistas como fontes estaria no fato de que, muitas vezes, eles são os mais adequados para falar sobre determinados assuntos. Por se referirem a conteúdos publicados pelos jornais, esses repórteres já realizaram o trabalho de apuração, a consulta a fontes especializadas e a checagem das informações, garantindo confiabilidade e credibilidade

²¹ O debate acerca da definição das fontes jornalísticas vai muito além do exposto aqui. Alguns autores problematizam o próprio termo, que indicaria um desinteresse por parte de pessoas e instituições que compõem a narrativa jornalística. Outras questões envolvem a participação do público na construção dos textos jornalísticos e a profissionalização das fontes. Não consideramos, no entanto, essas problemáticas relevantes para os objetivos propostos nesta pesquisa.

ao conteúdo. A escolha também se dá em razão da habilidade que os jornalistas têm em explicar um assunto de forma mais direta e objetiva para o público.

O jornalista, portanto, se torna fonte por ter produzido aquele conteúdo, por ter feito uma determinada apuração, abordado aquela pauta. É assim que ele se habilita a falar sobre a notícia, seja apresentando bastidores, seja explicando o assunto ou trazendo informações extras sobre um material publicado no jornal, na edição *on-line* ou na impressa (SANTA CRUZ e BARSOTTI, 2021, p. 16).

Ao tornarem-se fontes, os jornalistas, por um lado, emprestam credibilidade aos acontecimentos reportados nos podcasts. Por outro lado, os próprios programas aportam credibilidade ao trabalho desses repórteres ao lhes conferirem o papel de fontes-especialistas. Dessa forma, os podcasts jornalísticos podem ser vistos “como um local de prestígio profissional, que aporta credibilidade ao próprio jornalista – e este empresta este capital simbólico ao acontecimento que está explicando” (SANTA CRUZ e BARSOTTI, 2021, p. 16).

É interessante ressaltar que Chagas (2019) não considera os jornalistas como fontes de notícias no radiojornalismo. Para o autor, salvo em furos de reportagem, ou quando os repórteres protagonizam acontecimentos específicos, como agressões ou acidentes envolvendo o exercício da profissão, eles sempre estarão referenciando uma fonte. Ajuda a compreender esse ponto de vista a ideia do *continuum* jornalístico. Para Santa Cruz e Barsotti (2021), além de fontes, os repórteres também se tornam produtores de conteúdo, ajudando a alimentar o *continuum* multimídia dos veículos de origem dos podcasts. Nesse sentido, o podcast seria mais um espaço em que o repórter expõe o seu trabalho, resultado de um processo que envolve a apuração junto às fontes.

No entanto, em uma pesquisa sobre podcasts jornalísticos sobre a cobertura da pandemia de Covid-19, Rebecca Nee e Arthur Santana (2022) também identificam o repórter como uma fonte especialista. Isso se daria na medida em que, ainda que muitas das informações e opiniões emitidas pelos repórteres refiram-se a apurações com fontes realizadas anteriormente, eles oferecem seus próprios pontos de vista a respeito do tema abordado. Isso seria demonstrado pela utilização de frases que normalmente iniciam com as palavras “eu acho”.

Diferente dos programas citados anteriormente, em que jornalistas atuam muitas vezes como especialistas em determinados temas, no podcast Pauta Pública, objeto de estudo deste trabalho, as entrevistas sempre se referem a conteúdos já publicados pelos repórteres

entrevistados²². Com isso, os jornalistas acabam por se tornar personagens de suas próprias narrativas. Nee e Santana (2022) também identificaram essa função do jornalista como fonte nos programas analisados. De acordo com os autores, os repórteres se tornam personagens na medida em que dão informações de bastidores sobre como entrevistaram certas pessoas ou ambientando o relato com o uso de sonoras.

Nessa perspectiva, pensamos que os jornalistas também podem atuar como fontes testemunhais nesses podcasts. Chagas (2019, p. 75) explica que essas fontes são constituídas por “personagens que presenciaram acontecimentos com valor-notícia atribuído por comunicadores e chefias de reportagem”. Se o tema desses programas muitas vezes é a própria produção de notícias e reportagens, então esses repórteres podem se apresentar como testemunhas do seu próprio processo de apuração.

Embora a reflexão sobre o jornalismo seja, do nosso ponto de vista, uma das características distintivas desses podcasts, ela não é exclusiva desses produtos. Diversos autores veem a apresentação de bastidores da reportagem e das sensações dos jornalistas em relação ao assunto narrado como algo constante no jornalismo contemporâneo. Isso pode ser observado na grande reportagem e até mesmo no rádio ao vivo. Quadros (2018) sugere que deixar transparecer os bastidores do processo produtivo da notícia é uma característica das transmissões em tempo real no radiojornalismo. Nos interessa aqui, porém, destacar produtos que são construídos especificamente para esse fim.

Como exemplos de espaços de reflexão sobre o fazer jornalístico podemos citar programas como o Profissão Repórter, da TV Globo, a coluna do *ombudsman* do jornal Folha de S.Paulo e as cartas aos leitores presentes em diversos jornais, como a GaúchaZH. Diversos podcasts também têm se dedicado a falar sobre o fazer jornalístico, como o programa As Histórias na Globonews. Produzido pelo site de notícias G1, o programa tem como premissa entrevistar jornalistas a respeito de grandes reportagens produzidas para o canal de notícias da Rede Globo. O podcast Vida de Jornalista discute bastidores de grandes reportagens sobre eventos específicos como o Caso Eloá e o sequestro do ônibus 174, trazendo entrevistas com jornalistas que participaram dessas coberturas²³.

²² Como veremos no capítulo seguinte, o Pauta Pública iniciou com a proposta de entrevistar apenas jornalistas. A partir de sua segunda temporada e até os episódios atuais, no entanto, o programa também passou a realizar entrevistas com especialistas sobre temas variados.

²³ Outros podcasts dedicam-se a refletir sobre o jornalismo, seja com intenções mais acadêmicas ou informativas para o grande público. O próprio Vida de Jornalista produz episódios com reflexões mais gerais sobre o jornalismo, como o uso da plataforma de mensagens WhatsApp durante a apuração jornalística e a cobertura de processos eleitorais. Outro exemplo é a *Reuters Institute for the Study of Journalism*, que também lançou um podcast para divulgar suas pesquisas e debater questões atuais sobre o exercício do jornalismo. Universidades, grupos de

Nestes espaços, de acordo com o trabalho de Borges e Piccinin (2015), as tradicionais ideias sobre objetividade e imparcialidade jornalística são acrescidas pela presença do repórter, que se coloca no texto e apresenta uma realidade mais próxima do público. Nesse sentido, o “fazer” é complementado pelo “mostrar fazer”. Com isso, o veículo parece tentar estabelecer relações de proximidade e de transparência com a sua audiência.

Ainda que o jornalista continue comprometido com as práticas discursivas objetivas e imparciais, o que parece estar sofrendo mutações significativas neste campo diz respeito à emergência do “eu” e à explicitação, por vezes, dos processos produtivos das notícias. Essa dinâmica vai dando uma nova conotação aos princípios balizadores da prática jornalística concernentes à objetividade e à imparcialidade. E que tem como pretensão estabelecer uma nova vinculação com as audiências (BORGES e PICCININ, 2015, p. 3-4).

Sem deixar de relatar os acontecimentos de acordo com preceitos tradicionais do jornalismo, esses programas acrescentam uma nova camada informativa que diz respeito ao processo de produção daquele conteúdo. Pensamos, a partir das ideias expostas até aqui, que o podcast Pauta Pública, ao trazer repórteres para falar sobre o próprio trabalho, constrói uma narrativa que fala sobre o jornalismo. Isso ocorre através da descrição de práticas profissionais, mas também de reflexões mais gerais sobre a profissão.

Por fim, a nossa pesquisa preliminar mostrou que alguns repórteres entrevistados ganham um status próximo ao de celebridades durante os programas. Isso se dá devido às descrições que destacam a notoriedade que os repórteres conquistaram pelo conjunto de seu trabalho. É o caso de um episódio do Pauta Pública em que Eliane Brum é a jornalista entrevistada. Durante o programa, os apresentadores chegam a declarar-se fãs do trabalho da repórter.

Com isso, entendemos que a função desses jornalistas se aproxima das fontes notáveis descritas por Chagas (2019, p. 75) como “pessoas que desempenham ou desempenharam atividades de grande reconhecimento social, sobre as quais se atribui variáveis valores-notícia”. Exemplos dessas fontes seriam celebridades, artistas e esportistas.

Assim como falar sobre os bastidores do processo de produção jornalístico não é uma característica única dos podcasts citados neste trabalho, também o jornalista assumindo o papel de entrevistado não é exatamente uma novidade. Isabel Travancas (2012) percebe que essa troca de papéis vem ocorrendo cada vez com mais frequência, principalmente em pesquisas, teses e livros.

pesquisa e professores também têm utilizado o podcast para fins didáticos. No entanto, esses programas distanciam-se do nosso objeto de pesquisa por não trazerem jornalistas falando a respeito do próprio trabalho.

Enquanto entrevistados, os jornalistas geram uma situação peculiar de interação, pois detêm conhecimento sobre a prática e utilizam em seu cotidiano a entrevista como ferramenta de produção de conhecimento (PEREIRA, 2012). Assim como mostrou o trabalho de Santa Cruz e Barsotti (2021), conhecer a técnica da entrevista facilita a prática jornalística aos entrevistados. Os repórteres entrevistados sabem produzir declarações mais adequadas ao formato noticioso. São boas fontes, para Pereira (2012), na medida em que conseguem render citações em um conteúdo jornalístico sem muita necessidade de adaptação.

Por outro lado, essa situação pode ser problemática quando se deseja conhecer o jornalismo enquanto fenômeno social. Pereira (2012) relata que, em sua pesquisa com jornalistas, ouviu respostas dadas no “piloto automático”. Eram, para o autor, “narrativas idealizadas, que se cristalizam no imaginário dos entrevistados e podem ser repetidas em diferentes ocasiões” (PEREIRA, 2012, p. 38).

Se as declarações sobre o jornalismo dada por repórteres entrevistados podem representar uma visão idealizada da profissão, elas também indicam a existência de uma cultura ou de uma identidade profissional compartilhada. Nas entrevistas com jornalistas realizadas por Travancas (2012), os repórteres foram objetivos, claros em seus pontos de vista e apresentaram reflexões prontas sobre suas funções e sobre os veículos onde atuam. De acordo com a pesquisadora, isso deixa evidente o quanto “a profissão define um estilo de vida e uma visão de mundo” (TRAVANCAS, 2012, p. 28).

Karine Vieira, Marcia Veiga e Thaís Furtado (2012) observam que essa identidade profissional dos jornalistas é constituída não apenas pelos conhecimentos teóricos e práticos a respeito da profissão, mas também envolve suas histórias de vida. Os relatos de jornalistas sobre sua profissão incluem suas vivências, posições de sujeito e visões de mundo.

Alguns dados sobre a experiência de vida, até mesmo anterior ao ingresso na profissão, são abordados pelos jornalistas como parte integrante de suas singularidades da constituição das “lentes” pelas quais percebem, praticam e narram o mundo através do jornalismo (VIEIRA, VEIGA e FURTADO, 2012, p. 132).

Considerando nossa perspectiva teórico-metodológica, entendemos que, ao se tornarem entrevistados no podcast Pauta Pública, os jornalistas se tornam personagens dentro de suas próprias narrativas. Ao relatar suas idas e vindas durante o processo de apuração e elaboração de produtos jornalísticos, os repórteres acrescem uma nova camada narrativa sobre as práticas jornalísticas aos seus relatos. Essas práticas, considerando aquelas que se configuram como procedimentos de controle discursivo, podem dar a ver indícios de uma cultura ou identidade

profissional compartilhada. Algumas dessas práticas podem também revelar-se como ações de resistência dos repórteres em relação às práticas profissionais consolidadas.

5 O PODCAST PAUTA PÚBLICA E O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos nosso objeto de estudo, o podcast Pauta Pública, o *corpus* selecionado para análise e nossos procedimentos metodológicos, construídos com base na metodologia da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013) e em reflexões sobre a análise de elementos sonoros em produtos radiofônicos (MEDISTCH e BETTI, 2019).

5.1 O PODCAST PAUTA PÚBLICA

Este trabalho propõe a análise de quatro episódios da primeira temporada do podcast Pauta Pública, produzido pela Agência Pública, um site brasileiro de jornalismo investigativo fundado em 2011. Em seu texto de apresentação²⁴, a Pública destaca ter sido fundada por repórteres mulheres e o fato de ser a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Afirma, ainda, que todas as reportagens são feitas “com base na rigorosa apuração dos fatos” e que “têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos”.

Ao aliar “preocupação social com jornalismo independente e de credibilidade”, a Pública anuncia como missão a produção de jornalismo investigativo e o fomento ao jornalismo independente na América Latina. O veículo expõe valores como a independência editorial, a promoção de direitos humanos, do direito à informação e da qualificação do debate democrático e o “jornalismo investigativo inovador, com apuração isenta e criteriosa, baseada em fontes primárias”.

Ainda no seu texto de apresentação, a Agência Pública descreve alguns dos temas com os quais lida: a administração pública, os impactos sociais e ambientais de empresas, o Poder Judiciário e a violência contra populações vulneráveis. O acesso ao conteúdo do site é gratuito, embora o veículo anuncie que seu trabalho é possível graças aos apoiadores, chamados de “Aliados”. Qualquer pessoa pode apoiar o site através do pagamento de taxas a partir de R\$10. Além das reportagens, a Agência Pública também realiza atividades como “mentorias” para jornalistas, programas de micro bolsas de reportagem e eventos de discussão sobre o jornalismo.

O Pauta Pública é um podcast disponibilizado quinzenalmente, sempre às sextas-feiras, desde setembro de 2020, no site da Agência Pública e em plataformas de *streaming* de áudio, como o Spotify. A partir do mês de agosto de 2022 o programa passou a ser lançado com periodicidade semanal. O acesso ao podcast é gratuito. Foram lançados 39 episódios até julho

²⁴ Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em: 4 jul. 2022.

de 2022. O programa era apresentado pelos jornalistas da Agência Pública Andrea Dip e Thiago Domenici. Posteriormente, a jornalista Clarissa Levy, também do mesmo veículo, substituiu Thiago na apresentação do podcast.

O programa é distribuído exclusivamente em áudio. A estrutura do podcast é composta por uma entrevista principal seguida de outros quadros que contam com a participação dos jornalistas apresentadores, entrevistados e outros repórteres da redação da Agência Pública. O Pauta Pública é construído majoritariamente sobre a fala dos participantes, descrevendo-se como um programa de entrevista ou de “conversa aberta”, semelhante a tradicionais programas de rádio. Outros elementos que compõe o podcast são vinhetas de abertura e sonoras que normalmente fazem propaganda do site, solicitando apoio financeiro dos ouvintes. Alguns programas trazem áudios de entrevistas e outros sons captados pelos repórteres durante o trabalho de apuração.

A Agência Pública não divulgou dados sobre a audiência do podcast. Das plataformas onde o programa é disponibilizado, a única que contabiliza número de ouvintes é o Youtube. A página da Agência Pública nesse site, que além do Pauta Pública, disponibiliza outros conteúdos em áudio e vídeo, conta com 32,3 mil assinantes. Os dez primeiros episódios do Pauta Pública tiveram um total de 9371 ouvintes, uma média de 937 por episódio. O mais ouvido entre eles registrou 4724 acessos. Como o programa é disponibilizado em outras sete plataformas, além do site do veículo, podemos pressupor que a audiência por episódio é um pouco maior.

A proposta inicial do programa era a realização de entrevistas com repórteres, tanto da Agência Pública, quanto de outros veículos, sobre reportagens e outros trabalhos jornalísticos produzidos por eles. O episódio de apresentação do podcast²⁵ explicita essa intenção, afirmando que o Pauta Pública é “uma conversa aberta sobre as matérias que ajudam a entender estes tempos tão complexos” e que tem “sempre a presença ilustre de um repórter que participou dessa apuração”.

O primeiro episódio publicado em 2021²⁶ também menciona como objetivo do programa a discussão do próprio jornalismo. Na abertura daquela edição, a apresentadora Andréia Dip afirma que a missão do Pauta Pública é “trazer o jornalismo como destaque para falar de assuntos que ajudam a explicar esses nossos tempos”. Os programas podem se referir a reportagens específicas, trazendo inclusive o *link* para a publicação original na descrição do

²⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/46GIHbts2KRXHD90bsHVnR?si=1a1991b8b05c453c>. Acesso em: 4 jul. 2022.

²⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/56ti9EZ75A1QIJsYdKjQFK?si=0193c17917614ebe>. Acesso em: 4 jul. 2022.

episódio, ou outros trabalhos jornalísticos, como livros, documentários e podcasts. Alguns programas também se referem, de forma mais generalizada, a uma cobertura realizada pelo jornalista entrevistado sobre um tema ao longo de um certo tempo.

No começo de 2022, a proposta do podcast foi ampliada para incluir também entrevistas com especialistas. A descrição do episódio publicado no dia 4 de março²⁷, o primeiro do ano, explica as novidades do Pauta Pública. O texto justifica a inclusão de entrevistas com convidados de diversas áreas porque elas ajudariam a entender melhor o ano de 2022, ano em que acontece “uma das eleições mais importantes para a história do país”. Dos nove episódios publicados em 2022 até o mês de julho, cinco deles trazem entrevistas apenas com especialistas.

Os podcasts são quinzenais e têm duração total de 25 a 50 minutos²⁸. A maior parte deles dura em torno de 40 minutos. Além da entrevista principal, outros quadros fazem ou fizeram parte do programa: o “Giro pela Redação”, em que os jornalistas da Agência Pública relatam as reportagens que estão sendo produzidas pelo site naquele momento; o “A Boa do Povo”, em que apresentadores e entrevistados indicam produtos culturais aos ouvintes; e o “Personagem da Semana”, em que algum editor da Agência Pública conta um acontecimento recente com foco nos sujeitos envolvidos.

Sendo o objetivo deste trabalho investigar como os repórteres referem-se às práticas jornalísticas, iremos observar apenas os programas em que os jornalistas são os entrevistados principais. Pensamos que a recente modificação na proposta do programa constitui-se, na verdade, em uma ampliação. As entrevistas com jornalistas continuam sendo uma parte importante do Pauta Pública, representando também a maior parte dos programas. Dos 39 podcasts publicados, poderíamos escolher o *corpus* desta pesquisa a partir de 34 deles.

Os repórteres entrevistados podem ser jornalistas que trabalham para a Pública ou que atuaram em parceria com ela, tendo seus materiais publicados pelo site. Também podem ser jornalistas que atuam em outros veículos ou que produziram materiais não ligados a organizações jornalísticas, como livros e documentários. Com relação ao material de origem, as entrevistas referem-se a reportagens ou coberturas jornalísticas publicadas tanto pela Agência Pública, quanto por outros veículos. Alguns programas também se referem, como já mencionado, a materiais jornalísticos de outra natureza. Dois programas tiveram temáticas

²⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/29xsN68v2wmRqVQzPpbqP8?si=6ad287dfcd0d4d75>. Acesso em: 4 jul. 2022.

²⁸ O Pauta Pública passou a ser publicada em periodicidade semanal a partir de sua terceira temporada, em setembro de 2022.

especiais, sendo um deles sobre os 10 anos de criação da Agência Pública, e outro sobre o aniversário de um ano do podcast.

Reunimos as informações no Quadro 1, disponibilizado abaixo. Separamos os episódios primeiro em relação à fonte entrevistada, demonstrando que a maior parte delas é composta por jornalistas. Num segundo momento, consideramos apenas os programas em que os repórteres são entrevistados e os dividimos em relação ao tipo de material jornalístico sobre o qual a conversa gira em torno. Nesse caso, a intenção é demonstrar que há uma diversidade de tipos de conteúdo jornalístico abordados no programa, sendo a maioria deles notícias e reportagens. Esta divisão será útil para balizar a nossa escolha de episódios a serem analisados.

Quadro 1 – Mapeamento de episódios do podcast Pauta Pública

Quanto à fonte entrevistada	
Jornalista que produziram reportagens para a Agência Pública	18
Outros jornalistas	16
Entrevista com especialistas	5
Total de programas	39
Quanto ao tema que originou a entrevista (em programas onde o entrevistado é jornalista)	
Notícias e reportagens	18
Outros materiais jornalísticos (livros, podcasts e documentários)	14
Programas especiais	2
Total de programas	34

Fonte: elaboração própria

Com esses números, reduzimos o nosso universo de episódios passíveis de análise para 32, já que desconsideramos os programas com temáticas especiais por se desviarem da proposta do podcast. Para obtermos uma melhor unidade temática nos episódios analisados, decidimos também considerar apenas os programas que se referem a reportagens publicadas no site da Agência Pública. Sendo assim, analisaremos os quatro primeiros episódios, em ordem

cronológica, que se enquadram nestes critérios. Consideramos que este número é suficiente para observarmos as narrativas sobre as práticas jornalísticas elaboradas pelo Pauta Pública. Também é uma quantidade considerável dado o volume de dados que a análise de produtos radiofônicos gera. Nosso olhar para esses programas se dará apenas em relação às entrevistas principais. Nos programas analisados, essas entrevistas tiveram duração de 25 a 40 minutos.

O primeiro programa analisado é o episódio de estreia do podcast, denominado *O FBI e a Lava Jato*, publicado em 25 de setembro de 2020²⁹. A entrevistada é Natália Viana, editora da Agência Pública. A entrevista refere-se a uma reportagem publicada pela repórter sobre o envolvimento da agência estadunidense no âmbito das investigações da operação Lava-Jato.

O segundo programa que analisamos foi publicado no dia 9 de outubro de 2020. É o segundo episódio publicado pelo podcast. Intitulado *Cinco mil crianças e um suspeito*³⁰, esta edição do Pauta Pública traz como entrevistadas as jornalistas Elisângela Colodetti e Naiana Andrade. As repórteres publicaram duas reportagens no site da Agência Pública em parceria com o jornal Folha de S.Paulo. O trabalho trata de uma série de denúncias de abuso sexual ocorridos em uma cidade do interior de Minas Gerais.

O terceiro programa que se encaixou em nossos critérios para análise é o sétimo episódio publicado pelo podcast. Foi ao ar no dia 18 de dezembro de 2020 com o título *Jornalismo em Quadrinhos*³¹. Os entrevistados nesta edição do programa são os repórteres Alexandre De Maio e Carol Ito, que produziram reportagens em quadrinhos publicadas pela Agência Pública. Intitulada *Meninas em Jogo*, a reportagem de Alexandre De Maio fala sobre mulheres em situação de exploração sexual durante os preparativos para os jogos da Copa do Mundo de 2014 em Fortaleza. A reportagem de Carol Ito, intitulada *Mulheres da Craco*, trata da situação das mulheres que frequentavam a região da Cracolândia de São Paulo durante a pandemia de Covid-19.

O último programa analisado é a oitava edição do Pauta Pública. Foi publicado em 15 de janeiro de 2021 com o título *Nega-te a ti mesmo – exorcismos e tortura psicológica nas terapias de reversão sexual*³². Os repórteres Bruno Fonseca e Mariama Correia, que realizaram reportagens para um especial de mesmo nome publicado pela Agência Pública, são os

²⁹ Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2020/09/podcast-pauta-publica/podcast-o-fbi-e-a-lava-jato/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

³⁰ Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2020/10/podcast-pauta-publica/podcast-cinco-mil-criancas-e-um-suspeito/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

³¹ Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2020/12/podcast-pauta-publica/podcast-jornalismo-em-quadrinhos/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

³² Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2021/01/podcast-pauta-publica/podcast-nega-te-a-ti-mesmo-exorcismos-e-tortura-psicologica-nas-terapias-de-reversao-sexual/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

entrevistados nesta edição do podcast. Bruno Fonseca escreveu sobre sua participação em um congresso realizado por uma organização que reúne instituições e pessoas interessadas em terapias de reversão sexual. Mariama Correia conversou com pessoas que foram submetidas a esses tratamentos.

Nas entrevistas realizadas pelo Pauta Pública, os repórteres narram seus trabalhos jornalísticos publicados em outros espaços imprimindo o seu próprio olhar, colocando-se como personagens dessas narrativas. Nessas histórias, são explicitados os processos produtivos relacionados ao trabalho jornalístico, incluindo reflexões e comentários sobre suas práticas. Observaremos esses programas através de um protocolo de análise elaborado a partir da metodologia da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013). Esses procedimentos serão descritos no item a seguir.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No jornalismo, a narrativa pode se configurar de múltiplas formas. Em reportagens mais elaboradas, em que o repórter explora o tema com profundidade e se permite exprimir subjetividades, muitas vezes em primeira pessoa, a narrativa é mais explícita. Para Motta (2013), a análise, nesses casos, é menos problemática. Mas há também uma outra forma sob a qual o jornalismo conforma narrativas.

Nas notícias do dia a dia - as *hard news* -, o jornalista faz um esforço para se afastar do texto e torná-lo objetivo, criando um efeito de realidade. Neste caso, a narrativa se desdobra em diversas publicações, nem sempre coesas cronologicamente. O primeiro passo da Análise Crítica da Narrativa seria então empreender um esforço para reordenar e reconstruir a narrativa dispersa em diversos textos jornalísticos.

Nosso esforço de análise se dá no limite entre essas duas abordagens. Não estamos analisando as reportagens acabadas dos repórteres, que já se encontram editadas num todo coeso, com início meio e fim. O texto produzido pelos podcasts, em razão de se dar através de entrevista e da informalidade característica dos meios audiovisuais, é mais difuso, cheio de idas e vindas nem sempre dispostas numa ordem cronológica. Além disso, nos interessa uma camada específica dessas narrativas, aquelas que dizem respeito ao processo produtivo, e não ao produto em si.

Para analisar as narrativas jornalísticas, Motta (2013) sugere sete movimentos operacionais. Em resumo, ele propõe um modelo de análise que parte da reconstrução da narrativa, de forma que ela contenha início, meio e fim e que se adapte aos propósitos da

pesquisa. Esta primeira observação inclui a identificação dos narradores que compõem o texto e a construção de um resumo-síntese, que seria uma espécie de sinopse. A análise encaminha-se então cada vez mais para o interior da história contada, com a identificação de episódios, conflitos, caracterização de personagens e a utilização de estratégias argumentativas pelo narrador. Ao final, cabe ao analista identificar o pano de fundo ético ou moral do texto produzido, o que compõe as metanarrativas.

Motta (2013) sugere que o pesquisador seja inventivo em relação à metodologia, adaptando os passos para que sirvam aos objetivos propostos pela pesquisa. Nossa análise se iniciou com a seleção dos episódios a serem observados. Os episódios selecionados foram então transcritos³³ e analisados individualmente, a partir de quatro procedimentos que serão descritos na sequência deste capítulo. É importante ressaltar que os episódios não foram analisados apenas textualmente. O próprio processo de seleção e transcrição dos programas exigiu uma escuta repetida, atenta e sistemática. Durante a transcrição, também foram realizadas anotações sobre os elementos sonoros dos programas. Cada análise deu origem a sistematizações detalhadas, dispostas na forma de textos e quadros, que foram posteriormente observados em conjunto. Na seção de apêndice dessa dissertação, disponibilizamos algumas dessas observações individuais.

Como já explicitamos anteriormente, o podcast Pauta Pública constitui-se no relato de jornalistas sobre reportagens específicas ou coberturas jornalísticas sobre um determinado tema. A escuta prévia dos programas nos fez perceber que a narrativa resultante dessas entrevistas com repórteres revela pelo menos duas camadas: uma que fala sobre o acontecimento em si, e outra que fala sobre o processo de produção do relato jornalístico. O foco deste trabalho recai justamente sobre esta segunda camada narrativa. A Análise Crítica da Narrativa nos permitiu desconstruir o texto de forma a explicitar os elementos que mais nos interessam.

Além disso, não podemos desconsiderar que nosso objeto de pesquisa se trata de um produto sonoro. Meditsch e Betti (2019) apontam que a maior parte dos estudos do radiojornalismo desconsidera a sonoridade dos materiais analisados. A linguagem radiofônica é constituída pela voz, pelo silêncio, pelo ruído, pelos efeitos sonoros e pela música.

A observação desses elementos constituiu, portanto, o *primeiro passo* de nossa análise. Nesse primeiro momento, buscamos identificar de que forma a sonoridade influencia ou

³³ Para a transcrição dos episódios, utilizamos a ferramenta online Escriba, disponibilizada pelo site de verificação Aos Fatos. A ferramenta permite, entre outras coisas, a escuta de trechos isolados do programa. Disponível em: <https://escriba.aosfatos.org/>. Acesso em 23 nov. 2022.

conforma a narrativa produzida pelo Pauta Pública. Para isso, nos baseamos na proposta de Meditsch e Betti (2019) para uma auditoria dos elementos sonoros da informação radiofônica. Essa perspectiva não chega a constituir uma nova metodologia, mas uma ferramenta que pode ser usada em conjunto com outros métodos de observação. De acordo com os autores,

Uma postura de auditoria em relação aos elementos que superam e acompanham o verbal, voltada a sua análise e interpretação, permitirá uma compreensão mais adequada da informação sonora e dos seus elementos que interferem na compreensão e persuasão da audiência (MEDITSCH e BETTI, 2019, p. 12).

Entendemos que essa observação inicial pôde abrir caminhos para que os passos seguintes de nossa análise levassem em conta a utilização dos elementos sonoros que caracterizam a narrativa produzida pelo Pauta Pública. Meditsch e Betti (2019) focam a sua perspectiva na presença do ruído, da música e da voz na informação radiofônica. O ruído, no jornalismo, refere-se aos “sons da realidade física” (MEDITSCH e BETTI, 2019, p. 6) e devem ter seu significado claramente sinalizado – ou seja, devem ser intencionais. A música é normalmente utilizada como “embalagem” para sinalizar início e fim dos programas e diferenciar para os ouvintes mudanças de quadros ou assuntos.

Em relação à voz, o radiojornalismo sempre tentou dotá-la de uma suposta neutralidade que transparecesse confiança, autoridade, correção, elegância “e a superioridade cultural da classe social que controlava a emissão” (MEDITSCH e BETTI, 2019 p. 7). Para os autores, essa neutralidade é impossível de ser alcançada. A palavra falada deixa transparecer uma intencionalidade que produz um subtexto. No radiojornalismo, esse subtexto constitui-se na curva melódica, no ritmo e nas ênfases tônicas utilizadas por apresentadores e entrevistados. Esses códigos permitem aos ouvintes se situarem no texto.

O subtexto também é utilizado para que as “vozes institucionais” estabeleçam um controle sobre as “vozes admitidas” em situações de entrevista. O tom de uma pergunta, por exemplo, pode expressar submissão, desafio, admiração, desprezo ou desconfiança em relação ao entrevistado. Esse controle das vozes também é produzido pela qualidade do som, estabelecendo uma hierarquia: “na base o entrevistado, com postura amadora; acima dele o repórter, treinado com o microfone; no ápice o apresentador no estúdio, com as melhores condições de emissão” (MEDITSCH e BETTI, 2019, p. 8).

Um dos diferenciais do podcasting em relação ao rádio é, de acordo com Kischinhevsky (2015), a utilização de elementos parassonoros, como textos e imagens. Assim sendo, nesse primeiro passo da análise, também investigamos a utilização desses elementos pelo Pauta

Pública. Nossa observação se deu no site da Agência Pública e na plataforma de *streaming* de áudio Spotify, uma das mais populares de seu segmento no Brasil.

O *segundo passo* da análise consistiu na identificação dos narradores que compõem a narrativa. Nesse ponto, determinamos quais participantes do programa correspondem aos segundos e terceiros narradores e de que forma o primeiro narrador, que seria o próprio Pauta Pública, se mostrou no podcast. O objetivo principal desse procedimento foi verificar como são caracterizados os repórteres entrevistados, que correspondem aos personagens das narrativas elaboradas pelo programa. Nesse momento da análise, investigamos especificamente quais as condições que são atendidas pelos repórteres entrevistados para que lhes seja concedida a voz, tendo em vista os procedimentos de controle discursivo. Também identificamos a função desses narradores como fontes de informações.

De acordo com Motta (2013), é necessário compreender a narrativa como um projeto dramático de construção da realidade empreendido estrategicamente pelo narrador para comunicar certas ideias sobre determinados pontos de vista. O analista precisa então se ater a alguns pontos da construção narrativa que mostram a lógica estabelecida pelo narrador. Além do papel do narrador, Motta (2013) destaca o papel dos personagens. Eles são a figura central da narrativa. É em torno deles que gira toda a intriga. O autor cita três formas por meio das quais os personagens podem agir: ele pode experimentar conflitos para atingir uma necessidade, interagir com outros personagens de forma cooperativa ou antagônica, ou interagir consigo mesmo.

A análise começa então a se dirigir mais para o interior da história, buscando evidenciar a atuação dos narradores e personagens repórteres. Como *terceiro passo*, separamos os diferentes episódios narrativos que compõem o texto em cada programa, dividindo a narrativa por unidades temáticas. Nesse ponto, foi possível observar de forma sistemática o que os narradores dizem sobre o próprio programa e, principalmente, sobre as práticas profissionais envolvidas na elaboração de reportagens. Nesse momento da análise, fizemos um mapeamento das práticas jornalísticas mencionadas no programa e investigamos as principais delas, relacionando-as aos procedimentos de controle discursivo.

Os episódios seriam unidades temáticas narrativas intermediárias, com um sentido mais ou menos fechado, que se coloca dentro de uma história maior, mas que podem funcionar de forma autônoma. Um episódio narrativo pode ser identificado pelo personagem que o protagoniza, por um espaço onde se desenrola ou por uma dominante temática. Motta (2013) sugere que a identificação e a nomeação de episódios narrativos podem revelar estratégias semânticas do narrador na construção de sentidos através do desenvolvimento de personagens,

cenários, incidentes, conflitos e tensões. A organização da intriga muitas vezes se dá em torno de diferentes episódios.

O conflito dramático é, para Motta (2013), um dos principais aspectos a serem analisados na narrativa. É em torno dos conflitos que o narrador organiza a realidade que pretende narrar. O conflito ocorre quando há um desacordo, uma divergência de interesses que gera tensão. Em torno dele são posicionados os personagens e atribuídas suas funções: o protagonista, o antagonista e os coadjuvantes. Nas notícias, o conflito é sempre dado por oposições, personagens são colocados uns contra os outros. Partidos políticos, autoridades, instituições, governo, empresas e grupos sociais, por exemplo, são colocados muitas vezes em posições contrárias, onde interesses são disputados.

Para a análise dos conflitos na narrativa, nos foi útil a ideia de sequências-tipo. As sequências-tipo são partes da história que contém uma unidade. Motta (2013) explica que existem diversos modelos, mas a sequência-tipo mais básica é a que compreende três estágios: a perturbação, a transformação e a resolução. A partir de elementos como esse, o narrador consegue estabelecer encadeamentos, ênfases, retardamentos ou suspenses, elevando ou resolvendo a tensão dramática da narrativa.

A observação dos conflitos também nos auxiliou a verificar se as práticas jornalísticas são mencionadas de forma crítica ou não, de forma a caracterizar sujeição ou resistência, o que compreende o *quarto e último passo* de nossa observação dos episódios do Pauta Pública. Nesse ponto da análise, identificamos práticas jornalísticas que puderam ser relacionadas à noção de ações de resistência dos jornalistas proposta por Marocco (2016). Aqui, nos foram úteis especialmente as noções de autoria e comentário, entendidas como procedimentos de controle interno ao discurso.

De acordo com Motta (2013, p. 205, grifos do autor), “toda narrativa, seja ela fática ou fictícia, se constrói *contra um fundo ético e moral*”. Esse fundo ético e moral é o que constitui a metanarrativa. Diz respeito a uma certa visão de mundo, política e ideológica, que conforma toda a narrativa. Mesmo o relato jornalístico, que se pretende objetivo e isento, diz o autor, é fortemente determinado por um modelo ético. Este pano de fundo normalmente só é plenamente revelado ao final da análise. É neste ponto que o analista alcança o nível da cultura, das significações mais profundas.

Em outras palavras, estou afirmando que as fábulas contadas e recontadas pelas narrativas cotidianas, por mais simples, ingênuas e profanas que sejam, revelam os mitos mais profundos que habitam as metanarrativas culturais, tipo *a individualidade precisa ser respeitada, o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, o*

trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante (MOTTA, 2013, p. 209, grifos do autor).

Analisar a metanarrativa, assim como proposto por Motta (2013), não constituiu um passo metodológico específico desta pesquisa. Mas nos foi útil para compreendermos de que modo as reflexões dos repórteres entrevistados se inserem no contexto mais amplo das práticas jornalísticas na contemporaneidade. Isso, junto dos passos anteriores da análise, nos ajudou a atingir o objetivo geral proposto neste trabalho: *compreender de que forma as narrativas configuradas em podcasts por jornalistas sobre suas práticas refletem e tensionam o modo de fazer jornalismo*.

O Quadro 2 resume os nossos procedimentos metodológicos:

Quadro 2 – Procedimentos metodológicos

Objetivo geral: Compreender de que forma as narrativas configuradas em podcasts por jornalistas sobre suas práticas refletem e tensionam o modo de fazer jornalismo	
1º passo: A linguagem do podcast	Descrever a utilização de elementos sonoros e parassonoros que conformam a narrativa no podcast Pauta Pública.
2º passo: Os personagens da narrativa	Observar a atuação dos narradores e a caracterização dos jornalistas entrevistados.
3º passo: As práticas jornalísticas narradas pelos repórteres	Identificar as práticas jornalísticas através da separação de episódios narrativos e compará-las com os procedimentos de controle discursivos.
4º passo: As ações de resistência dos jornalistas	Verificar se as narrativas elaboradas pelos repórteres entrevistados refletem atitudes que possam ser caracterizados como ações de resistência dos jornalistas.

Fonte: elaboração própria

6 A NARRATIVA SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO PODCAST PAUTA PÚBLICA

Neste capítulo, apresentaremos o resultado de nossa análise. Na primeira parte, descrevemos a utilização de elementos sonoros e parassonoros no podcast Pauta Pública. Nossa intenção foi entender como as características da linguagem do programa conformam a narrativa elaborada pelas entrevistas com os jornalistas. Na segunda parte, investigamos a atuação dos três narradores que compõem essas narrativas, procurando compreender o papel desempenhado por cada um deles e como os repórteres entrevistados se caracterizam enquanto fontes de informações.

Na terceira parte dessa análise, apresentamos as narrativas elaboradas por cada programa, identificando quais práticas jornalísticas foram mencionadas pelos repórteres entrevistados. Relacionamos essas práticas aos procedimentos de controle do discurso propostos por Foucault (2009) e aplicados ao jornalismo por Dent (2013). Na última parte da análise, comparamos essas práticas à noção de ações de resistência dos jornalistas propostas por Marocco (2016).

6.1 A LINGUAGEM DO PODCAST – ELEMENTOS SONOROS E PARASSONOROS

No Pauta Pública, os elementos parassonoros estão dispostos nos locais onde é possível acessar e ouvir os programas. O podcast é disponibilizado em uma variedade de plataformas. Nesta análise, observamos as páginas do programa no site da Agência Pública e na plataforma de *streaming* de áudio e vídeo Spotify.

No site da Agência Pública³⁴, há uma apresentação geral do programa, onde também são listados os atuais apresentadores. A descrição do programa já estabelece os jornalistas como fontes, junto com a participação de especialistas, que passaram a figurar nos episódios da segunda temporada do Pauta Pública. Também deixa claro a intenção do programa de falar sobre o jornalismo. O texto traz ainda informações sobre o financiamento do podcast, que é realizado pelos leitores que apoiam mensalmente o site, e um endereço de e-mail para contato com a editoria de podcasts da Agência Pública. Depois da descrição geral, há uma lista com todos os episódios produzidos. Eles são acompanhados de título, imagem e descrição. Também há a possibilidade de escutar ou fazer o download de cada programa nesta página.

³⁴ Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2021/04/podcast-pauta-publica/>. Acesso em 19 jan. 2023.

Figura 1 – Página geral do Pauta Pública no site da Agência Pública



Fonte: Agência Pública.

Cada episódio também conta com uma página própria que exibe um texto descritivo, uma imagem e um *player* para a execução e audição do programa. Assim como as demais páginas, a do segundo programa³⁵ traz um texto com uma descrição do episódio e link para acesso à reportagem original publicada pela Agência Pública. Mais abaixo também são oferecidos endereços de e-mail para contatos, lista de profissionais que participam da apresentação e da produção do programa e link para a página de assinaturas do veículo.

Figura 2 – Página do segundo episódio do Pauta Pública no site da Agência Pública

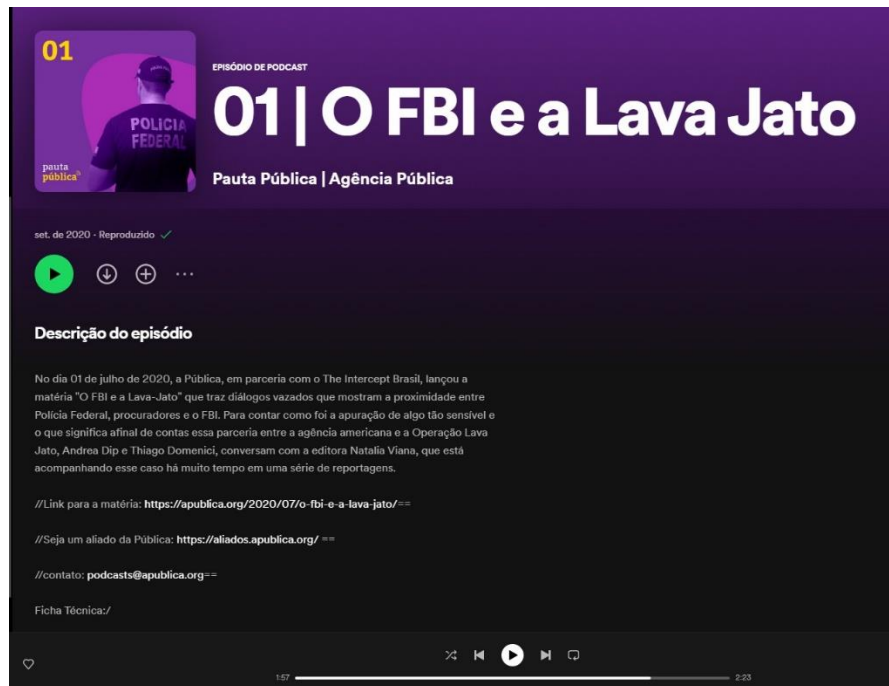


Fonte: Agência Pública.

³⁵ Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2020/10/podcast-pauta-publica/podcast-cinco-mil-criancas-e-um-suspeito/>. Acesso em: 05 fev. 2023.

A página do Spotify³⁶ é parecida, contando com uma descrição geral e uma lista com todos os episódios produzidos. Na plataforma, os episódios também têm páginas próprias, onde são encontradas descrições mais detalhadas, incluindo links para a matéria original e para a página de assinaturas do veículo, e-mail para contato e ficha técnica.

Figura 3 – Página do primeiro episódio do Pauta Pública no Spotify



Fonte: Spotify.

Os textos descritivos, tanto do podcast em geral, quanto dos episódios, ajudam a estabelecer a narrativa que será elaborada pelos programas. Deixam claro o tema do qual se tratam os episódios e as formas como ele será abordado: explicando as reportagens e contando aspectos de bastidores do processo de produção dos conteúdos. Têm, portanto, uma função descritiva, auxiliando o ouvinte a decidir se vai ou não consumir o conteúdo antes mesmo de ouvi-lo. Essa função condiz com a descrição de Motta (2013) a respeito do papel do primeiro narrador na narrativa jornalística.

No Spotify, a descrição do episódio de número um³⁷, por exemplo, traz a data de publicação da reportagem original – 1º de julho de 2020 – e explica que ela é resultado de uma parceria entre a Agência Pública e o site The Intercept Brasil. O texto afirma que a editora do

³⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0XVW3LGHaH6UQXXgDgMn25?si=5594253d77864405>. Acesso em 05 fev. 2023.

³⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/58d4Ll89gYJKi5gJIw0pS0?si=bebca0b4404240db>. Acesso em 05 fev. 2023.

site Natalia Viana, jornalista que acompanha o caso “há muito tempo em uma série de reportagens”, vai “contar como foi a apuração de algo tão sensível e o que significa afinal de contas essa parceria entre a agência americana e a Operação Lava-Jato”. Voltaremos a falar das descrições textuais dos episódios na terceira parte dessa análise, em que abordaremos os episódios narrativos e as práticas jornalísticas narradas pelos repórteres.

Em relação a imagem, ela tem uma função mais estética, de ilustração. Isoladamente, não chega a indicar significados que possam auxiliar na elaboração da narrativa. No episódio de número dois, por exemplo, a imagem, como pode ser vista na Figura 2, é utilizada para ilustrar o tema do programa. Não é explicado se a foto se trata de uma imagem relacionada à reportagem – nenhuma dessas imagens é acompanhada de legendas ou textos descritivos. Ela traz um homem, vestido de palhaço, com cinco crianças à sua frente com os rostos censurados. Como o rosto do homem é reconhecível (apesar da maquiagem), podemos apenas inferir que se trata de uma imagem obtida durante o processo de apuração da reportagem.

Em relação aos elementos sonoros, o Pauta Pública utiliza a voz dos apresentadores e entrevistados, a música, vinhetas e sonoras de entrevistas captadas durante o processo de apuração das reportagens. Um dos programas analisados também utiliza uma sonora retirada de um programa de televisão. A música executada em todos os episódios analisados é a trilha sonora original do programa. Além de identificar o podcast, ela também serve para dar ritmo aos episódios, demarcando o início e o final das entrevistas, e imprimir variedade estética ao conteúdo, que do contrário seria constituído apenas pela voz.

Em todos os episódios analisados, a música estabeleceu o início dos episódios e se estendeu até o fim da fala inicial dos apresentadores. O encerramento da trilha se deu exatamente no início da fala dos entrevistados, demarcando o começo da conversa. A trilha sonora apareceu novamente em outros momentos dos programas. No meio das entrevistas, ela apareceu como elemento estético, sem demarcar nenhum momento específico além da introdução de novas perguntas. Não foi possível, por exemplo, observar mudança de assunto durante a execução da trilha sonora. O trecho final da música também foi utilizado no encerramento das entrevistas, trazendo uma sensação de conclusão para o conteúdo apresentado e separando a entrevista dos demais quadros do Pauta Pública.

Um dos episódios analisados também fez uma utilização breve de uma música diferente da trilha sonora original. O episódio de número dois utilizou uma música percussiva de forma bastante discreta na abertura da entrevista, que acompanhou a execução de uma sonora captada pelas jornalistas entrevistadas no programa. Nesse trecho, em conjunto com a utilização da sonora, a trilha ajudou a estabelecer uma ambientação, conferindo dramaticidade à narrativa.

Embora tenha sido utilizada apenas uma vez com esse propósito, esse elemento nos indica os diferentes usos da música na elaboração da narrativa radiofônica.

Desse modo, a utilização da música pelo podcast Pauta Pública condiz com as descrições de Medistch e Betti (2019). Os autores explicam que a música na linguagem radiofônica serve para indicar aos ouvintes o início e o fim dos programas e diferenciar mudanças de quadros e assuntos. Quadros (2018) adiciona que a trilha sonora, além de funcionar como elemento de encadeamento da programação, também pode ser utilizada como fundo musical. Além disso, a autora também afirma que a música pode ter função descritiva e ambiental, ajudando a situar o ouvinte. Verificamos isso no último exemplo, em que o uso de uma música conferiu dramaticidade à narrativa. Essa dramaticidade condiz com a temática do episódio, que aborda supostos abusos sexuais cometidos contra mulheres e crianças.

O principal elemento sonoro utilizado no Pauta Pública é a voz. Esse recurso está presente na fala dos apresentadores e entrevistados, que compõem a maior parte dos programas, e nas sonoras e vinhetas, que, como veremos adiante, relacionamos aos efeitos sonoros. As entrevistas do programa são marcadas pela informalidade entre os apresentadores e os repórteres entrevistados. Com exceção do início dos programas, em que fica claro que os apresentadores expõem um texto ensaiado, o restante das falas é improvisado, o que pode ser visto em pausas e expressões que indicam reflexões sobre o que vai ser dito.

Os participantes do programa também se identificam por apelidos, o que mostra o clima amigável e não confrontador em que se dá a entrevista. Nesse sentido, podemos classificar a entrevista como dialogal nos termos de Lage (2002). Esse diálogo permite o aprofundamento dos assuntos tratados em uma narrativa que é construída em conjunto por narradores e personagens. O protagonismo, contudo, é dado aos entrevistados, o que pode ser verificado no tempo de fala dos participantes. Nos episódios analisados, os apresentadores fizeram um máximo de oito perguntas por entrevista. Além das perguntas, eles também atuaram fazendo comentários e algumas vezes completando as falas dos entrevistados, auxiliando na elaboração do seu discurso.

Esse último aspecto fica evidente no trecho final do primeiro episódio analisado:

Natália Viana: [...] mas o que eu acho interessante é que essa mistura de, de, de, sabe? De, de visão religiosa com estado laico dá problema, dá problema. Então, é, eles acabaram se perdendo - eles se perderam com certeza. Eu não sei qual que é, eu já disse, é possível que tenha sido por ganância, é possível que tenha sido por interesse, é possível que tenha sido porque a pessoa acredita que tem a mão de Deus.

Andrea Dip: Acredita numa missão divina, né? Acredita que é representante de uma missão divina na terra.

Natália Viana: E que por isso pode romper regras.

Thiago Domenici: E isso fica bem claro, né? Ao longo de todas as reportagens, né? Essa, essa relação de, de romper o limite da, da, da, do permitido ali, né? O que, que o Deltan podia... até o limite que o Deltan podia ir. Você vê nos diálogos que ele ultrapassa sempre e, e sempre com essa lógica de que tudo bem, é permitido porque é por um bem maior, né? O tal de “os fins justificam os meios”.

Andrea Dip: Ou então como dizia o... o pastor Caio Fábio: “minha filha, em nome de Deus, a canalhice é santificada”.

[Risos dos jornalistas]

Natália Viana: Muito bom, muito impactante, adorei, obrigada, gente. (PAUTA PÚBLICA 01, 2020)

Nesse trecho do programa também é possível verificar que os jornalistas entrevistados procuram estabelecer uma narrativa coerente para o fato narrado, recorrendo a reflexões e inferências que vão além das informações apuradas. A conclusão do apresentador Thiago Domenici indica uma possível moral para história, o que Motta (2013) identifica como o plano da metanarrativa. Ao estabelecer essa moral, ou esse tema central que perpassa a narrativa, o jornalista também ajuda a estabelecer uma conclusão para a entrevista, impressão reforçada pela utilização da trilha sonora - que também se encerra nesse ponto do programa.

É possível verificar, portanto, que tanto os apresentadores quanto os jornalistas entrevistados colaboram na construção de uma narrativa coerente, ecoando a afirmação de Pereira (2012) de que o processo de entrevista resulta numa narrativa “coconstruída”. Além deles, o próprio programa, com sua voz institucional representada por textos descritivos e trilha sonora, participa dessa construção de significados.

O trecho citado anteriormente também permite ver que o uso da voz de forma pouco editada, diferente do que ocorreria em um texto escrito, por exemplo, permite que os jornalistas se expressem de uma maneira particular, construindo um pensamento em tempo real a respeito de suas práticas. Isso pode ser visto em pausas e hesitações durante suas falas. Essa observação também fica evidente no exemplo a seguir, em que o jornalista entrevistado no terceiro programa analisado fala sobre sua prática de produção de reportagens em quadrinhos.

Thiago De Maio: Mas no geral tem esse, eu acho, eu tenho bastante, pra mim, é muito, é um negócio pra mim que é quase, a, a, a, fora do meu controle, meio automático, assim. Eu olhar pra uma, pra uma... ir pra uma reportagem e já é o filme, já meio aparecendo ali na minha cabeça, os quadros. (PAUTA PÚBLICA 07, 2020)

Como afirma Marocco (2021d), essas reflexões são possíveis porque os atores sociais, nesse caso, os repórteres, são capazes de explicar suas ações desde que sejam questionados sobre isso. Ao serem perguntados sobre suas práticas, os entrevistados ordenam e reconstróem as suas experiências, conferindo coerência às suas narrativas, como afirma Pereira (2012) sobre o processo de entrevista.

A utilização da voz, como visto nos exemplos anteriores, evidencia aspectos dessa reconstrução narrativa da experiência dos repórteres sobre a sua atuação. Tal fato tensiona a observação de Pereira (2012) de que a entrevista com jornalistas poderia ser problemática por trazer respostas prontas ou dadas no “piloto automático”, reproduzindo versões idealizadas da prática jornalística. É provável que, ao elaborar reflexões sobre suas práticas e sobre o jornalismo de maneira geral, os repórteres entrevistados recorram a ideias pré-concebidas a respeito da profissão.

No entanto, concordamos com Travancas (2012), que afirma que a consonância observada entre as respostas dadas por diferentes repórteres sobre sua profissão indica a existência de uma identidade profissional compartilhada. Tal ideia também ecoa as observações de Ryfe (2017a) a respeito da prática jornalística. Para o autor, os jornalistas são atores sociais que se unem em torno de um entendimento comum a respeito do que é, para que serve e como funciona o jornalismo. Essa ideia compartilhada a respeito do jornalismo é o que permite que os diferentes repórteres entrevistados no Pauta Pública abordem suas práticas sobre um pano de fundo comum, manifestando concordância ou tensionamentos entre suas ações e aquelas tidas como recorrentes na prática jornalística.

Pensamos, portanto, que as características da linguagem sonora do podcast Pauta Pública, centrada na voz dos participantes e no processo de entrevista, realizada de maneira informal e pouco editada, permite e conforma uma narrativa que se dá também sobre as práticas jornalísticas. Essa narrativa se constrói junto daquela que se dá sobre os fatos já reportados nos textos publicados pelo site. As características sonoras do programa não são, contudo, exclusivas do podcast. Antes, revelam sua ligação com a linguagem radiofônica.

Associamos essa informalidade presente na voz dos participantes do podcast à coloquialidade característica do meio radiofônico. De acordo com Quadros (2018), a locução no rádio se dá de forma a reproduzir o tom de uma conversa. Essa característica tem como consequência produzir um efeito de proximidade entre os jornalistas e a audiência, que presenciam um diálogo que poderia estar sendo realizado entre amigos.

Medistch e Betti (2019) também citam a hierarquia das vozes como uma forma do radiojornalismo diferenciar as “vozes institucionais” das “vozes admitidas”. Essa separação se dá na diferença de tom das vozes e na qualidade do som. Essa relação não é percebida entre os entrevistadores e os entrevistados do Pauta Pública. A razão pode ser pelo fato de que os repórteres entrevistados, por trabalharem para o veículo, também podem ser vistos como vozes institucionais dentro do programa.

Além disso, Medistch e Betti (2019) descrevem que a hierarquia das vozes parte do apresentador no estúdio até chegar às fontes na rua. Nos programas analisados, verificamos que os repórteres entrevistados dispõem de melhores condições de gravação, pelo menos semelhantes às dos entrevistadores. O segundo programa, por exemplo, evidenciou que a participação de apresentadores e entrevistados se dava à distância, desde suas casas. Outro ponto a ser considerado e que pode borrar essa questão da hierarquia das vozes, é que os jornalistas entrevistados são protagonistas de suas próprias narrativas, e não apenas mais uma fonte de uma matéria jornalística.

A hierarquia das vozes é percebida na utilização de sonoras captadas pelas jornalistas entrevistadas durante a apuração de suas reportagens. Esse recurso foi utilizado em dois dos episódios analisados: o de número dois e o de número oito. No segundo episódio, a utilização delas é anunciada no início do programa. No entanto, ao longo do episódio, elas são exibidas sem identificação. São percebidas pelo ouvinte pela qualidade do áudio e pela articulação das falas. É perceptível que se trata de conteúdo gravado pelas repórteres durante a apuração da reportagem.

Podemos relacionar o que Meditsch e Betti (2019) chamam de ruído com a utilização de efeitos sonoros na linguagem radiofônica, conforme Quadros (2018). Os efeitos sonoros conferem efeitos de verossimilhança e ambientação. Exemplos desses efeitos seriam o barulho da chuva e apitos de trem. Eles são, no entanto, inseridos de forma consciente pela produção do programa. Os ruídos, para Meditsch e Betti (2019), referem-se aos sons da realidade percebida. Também conferem efeitos de verossimilhança e ambientação. No jornalismo, conforme os autores, a utilização deles deve ser intencional.

No contexto da narrativa elaborada pelo Pauta Pública sobre o processo de apuração da reportagem dos jornalistas entrevistados, podemos relacionar as funções das sonoras utilizadas com o dos efeitos sonoros e dos ruídos. Isso porque as sonoras constituem trechos de áudio inseridos intencionalmente que ajudam a ambientar e contextualizar a narrativa, criando efeitos de verossimilhança, ao exemplificar ou corroborar a fala dos apresentadores e entrevistados. A narrativa elaborada pelas entrevistas não depende dessas sonoras para funcionar. Não há referência direta a esses trechos de áudio nas falas dos apresentadores e entrevistados.

No episódio de número dois, antes mesmo da entrevista iniciar, uma sonora é utilizada de forma a ambientar a narrativa, ajudando a construir o seu tom sério e seu apelo dramático, ao indicar o trauma de uma vítima de abuso sexual. Isolado, o trecho não teria valor informativo claro.

Repórter: Como é que você olhava pros seus brinquedos depois disso, uma boneca?

Fonte: Eu não brincava mais.

Repórter: Do momento da, da, da violência em sequência, nunca mais você brincou?

Fonte: Não. (PAUTA PÚBLICA 02, 2020).

Em outro momento do programa, uma sonora é utilizada para criar um efeito de verossimilhança, indicando um acontecimento relatado por uma das jornalistas entrevistada. Após a repórter descrever que teria sido contatada por uma fonte específica e realizado uma entrevista “forte” e “genuína”, o programa exhibe um trecho dessa conversa.

Elisângela Colodetti: E aí eu estava com a Naiana na, no, no vídeo porque a gente escreveu tudo juntas, assim. Então o telefone tocou, a gente parou de escrever, “é a Silmara. Vamos conversar com ela”.

[Sonora]

Fonte: Ah, gostava de mexer com criança e assediava crianças. Porque ele nunca deu um beijo na minha mãe [...].

[Fim da sonora]

Elisângela Colodetti: E, e foi uma entrevista tão forte, tão genuína, de uma confiança tão grande mesmo, que isso foi... voltou pro inquérito, né? (PAUTA PÚBLICA 02, 2020).

Assim como demonstrado no exemplo anterior, as sonoras também são utilizadas para corroborar a fala dos jornalistas entrevistados. Em outro trecho do episódio, Naiana descreve a fala de uma das entrevistadas em sua apuração. A sonora utilizada logo depois de seu depoimento apenas repete as informações já relatadas.

Naiana Andrade: Na época ela era uma menina de nove anos e, nessa faixa etária, ela estava começando a aprender a parte biológica do corpo, né? Então ela não tinha tido aula de ciências que falava de gestação, como que a mulher fica grávida... e ela nos contou que ela ia pra biblioteca e a ficar... e aí ela começou a entender que, assim, “cara, eu não posso estar grávida depois de dois anos, né?” [...].

[Sonora]

Fonte: Eu comecei a procurar nos livros de ciência. Procurei, comecei a procurar saber e...

Repórter: Calada e sozinha.

Fonte: Aham. Eu cismava que eu estava grávida.

[Fim da sonora] (PAUTA PÚBLICA 02, 2020).

O episódio de número oito utiliza somente uma sonora. Ela tem a função de expandir informações a respeito de uma psicóloga que é apenas citada na narrativa elaborada pela repórter entrevistada.

Apresentador de telejornal: Uma psicóloga do Rio de Janeiro foi punida pelo Conselho Federal de Psicologia por oferecer um tratamento para curar gays e lésbicas.

Repórter: De peruca, óculos escuros e máscara. Foi assim que Rosângela Alves Justino compareceu ao Conselho Federal de...

[Sonora é encerrada com um fade out]. (PAUTA PÚBLICA 08, 2021)

A análise dos elementos que compõem a linguagem do podcast Pauta Pública nos permite aproximar o formato desse programa daqueles descritos como de jornalismo temático (SILVA e SANTOS, 2020) ou de análise aprofundada (NEWMANN e GALLO, 2019). De maneira semelhante a podcasts mais conhecidos como o Café da Manhã, da Folha de S.Paulo, e o *The Daily*, do *The New York Times*, o Pauta Pública é constituído por uma entrevista principal sobre um tema único, algumas vezes realizada com jornalistas da própria redação, e utiliza sonoras captadas pelos repórteres ou retiradas de outros programas televisivos e radiofônicos.

Também é possível comparar algumas das características do Pauta Pública às descritas pela jornalista Magê Flores, apresentadora do Café da Manhã (DICAS, 2021). Semelhante ao programa da Folha de S.Paulo, o Pauta Pública estabelece uma relação de intimidade com o ouvinte, a partir de uma linguagem informal semelhante a uma conversa e valoriza a redação do veículo, mostrando à audiência os bastidores das reportagens. Além disso, o programa também se presta a servir de curadoria de notícias aos ouvintes, elencando conteúdos já publicados pelo veículo tanto através da entrevista principal quanto dos demais quadros, não considerados nessa análise.

Apesar de termos descrito a utilização de elementos parassonoros, verificamos que o áudio é o principal elemento que conforma a linguagem do Pauta Pública. Isso pode indicar um baixo aproveitamento das características proporcionadas pelo meio, como a utilização de textos e imagens, para ampliar o conteúdo veiculado pelos programas, ou de ferramentas interativas, a fim de promover uma maior conexão com a audiência. No entanto, essa observação também ressoa a ideia de Vicente (2021) sobre o protagonismo do som na linguagem dos podcasts, quando afirma que a grande novidade do rádio na internet é justamente o áudio.

Mais especificamente, apesar de termos descrito a utilização de música e efeitos sonoros, o Pauta Pública utiliza o áudio principalmente em sua forma mais básica: a voz humana. Pensamos que é justamente essa característica que permite a construção de entrevistas dialogais (LAGE, 2002) com jornalistas, transformados em fontes especialistas e testemunhais, como veremos na sequência, que ordenam experiências e opiniões na forma de narrativas coerentes sobre suas práticas jornalísticas.

Quadro 3 – Elementos sonoros e parassonoros no Pauta Pública

Elementos parassonoros	
Elemento utilizado	Descrição
Texto	É o espaço onde se mostra a voz institucional do primeiro narrador. Descreve o programa e a entrevistada. Também estabelece relações com o ouvinte, chamando-os a participação e convidando-os a tornarem-se assinantes da Agência Pública. Os textos também trazem links para as reportagens originais e informações sobre os apresentadores do programa.
Imagem	A imagem é utilizada para ilustrar o tema do episódio. Funciona mais como elemento estético na medida em que não é possível apreender significados relevantes apenas a partir dela.
Elementos sonoros	
Elemento utilizado	Descrição
Música	A trilha sonora original do programa serve para abrir e fechar a entrevista. Também funciona como elemento estético, para imprimir ritmo e variedade ao programa. A utilização de uma música diferente na abertura de uma das entrevistas também serviu para conferir dramaticidade à narrativa.
Voz	Elemento sonoro principal do programa. Denota informalidade e improviso. O tom amistoso da conversa nos permite classificar a entrevista como dialogal, nos termos de Lage (2002). Também demonstra uma narrativa que é coconstruída pelos participantes do programa.
Efeitos sonoros/ruídos	As sonoras, por terem função secundária na narrativa e ajudarem a criar ambientação e dramaticidade, podem ser consideradas como efeitos sonoros, considerando o contexto da elaboração narrativa do episódio. Têm função de ambientar a narrativa, criar efeito de verossimilhança e corroborar a fala dos jornalistas.

Fonte: elaboração própria

6.2 OS NARRADORES – OS JORNALISTAS COMO FONTE DE INFORMAÇÕES

De acordo com Motta (2013), as narrativas jornalísticas são compostas por três vozes principais: o primeiro narrador - o próprio veículo jornalístico; o segundo narrador - os jornalistas; e o terceiro narrador, também denominado de personagem – as fontes das

reportagens. No podcast Pauta Pública, associamos o primeiro narrador ao próprio programa, que se faz presente nos elementos parassonoros e em alguns elementos sonoros, como a música e as vinhetas. Ele cumpriu quatro funções básicas nos programas analisados.

O primeiro, foi o de identificar o podcast, associando-o ao veículo de origem, através de textos, identidade visual, vinhetas e trilha sonora original. O segundo, foi o de atrair a audiência, por meio dos títulos e textos descritivos do programa. O terceiro papel foi o de interagir com os ouvintes, convidando-os à participação através de mensagens e a apoiarem financeiramente o site. Essas funções são observadas nos elementos parassonoros que compõem o podcast e na utilização de vinhetas.

Por último, o primeiro narrador também cumpriu a função de auxiliar a conduzir o andamento da narrativa, junto dos apresentadores. Isso se deu através dos textos descritivos, que delimitam o tema das entrevistas, da utilização da trilha sonora, principalmente na abertura e no fechamento dos episódios, e da utilização de sonorais oriundas de outros programas televisivos e radiofônicos. Essas sonorais, como vimos anteriormente, tiveram a função de ambientar a narrativa, criar efeito de verossimilhança e corroborar a fala dos jornalistas.

O primeiro narrador também se mostrou na utilização de vinhetas que fazem propaganda do site e do podcast. Essas vinhetas foram utilizadas em três dos quatro episódios analisados e apareceram no meio das entrevistas ou no final delas. O texto da vinheta diz que o podcast só existe por causa do apoio dos assinantes e convida os ouvintes a assinarem o veículo. Além da voz do locutor, que é diferente das vozes dos apresentadores, a vinheta também é reconhecida pela utilização da trilha sonora original do podcast.

O segundo narrador é composto pelos apresentadores do podcast, os jornalistas Andrea Dip e Thiago Domenici. Os programas não ofereceram muitas informações sobre eles. O primeiro episódio os descreve apenas como editores da Agência Pública. No segundo episódio, Andrea Dip identifica-se como apresentadora do programa e refere-se à Thiago Domenici como um “amigo” com quem “divide os microfones” do Pauta Pública (PAUTA PÚBLICA 02, 2020). Andrea Dip também é identificada como editora da reportagem produzida pelas jornalistas entrevistadas no segundo episódio, produtora de uma das reportagens em quadrinhos mencionadas no episódio de número sete e coordenadora do especial do qual as reportagens mencionadas no episódio de número oito fazem parte.

O principal papel desse narrador foi o de conduzir a narrativa através das perguntas feitas aos entrevistados. No primeiro episódio analisado, por exemplo, os apresentadores realizaram sete perguntas. Os questionamentos demonstraram o papel dos narradores de conduzir a narrativa elaborada pelo programa. Das sete, cinco delas serviram para introduzir

novos assuntos, direcionando a fala da entrevistada. Duas delas foram feitas a partir da fala da jornalista, com o intuito de aprofundar um assunto ou direcionar as respostas para aspectos mais específicos.

Além de conduzir a narrativa, os apresentadores também participaram de sua elaboração, o que pode ser visto no próprio desenvolvimento de algumas perguntas que são bastante longas. Isso ocorre principalmente nos questionamentos de Andrea Dip, que também participou da produção de algumas das reportagens citadas nos programas. A apresentadora, ao fazer algumas de suas perguntas aos entrevistados, fornece várias informações sobre os temas debatidos nos programas. Essa atuação pode ser vista na sexta pergunta realizada no episódio de número sete, em que Andrea Dip cita a reportagem da qual participou, denominada *Meninas em Jogo*³⁸.

Andrea Dip: Eu lembro que no Meninas em Jogo, por exemplo, quando a gente estava entrevistando alguém que era um especialista, uma pesquisadora, alguém que está, né, sei lá, alguém do Conselho Tutelar, enfim, daí podia fotografar. [...] aí o desenho, por exemplo, que o De Maio fez dessas pessoas era super fiel. [...] Mas em outras situações, quando eram as meninas, por exemplo, que estavam abrigadas, né? [...] não só não pôde fotografar, como o De Maio nem entrou na sala pra fazer essas entrevistas com as meninas. [...] e aí já vou aproveitar pra, pra fazer essa próxima pergunta, é, também dá pra ilustrar o que a pessoa tá falando, né? [...] (PAUTA PÚBLICA 07, 2020).

Também houve alguns momentos em que os apresentadores colaboraram com o desenvolvimento da narrativa do programa através de comentários sobre as falas das entrevistadas. O exemplo a seguir demonstra um momento em que o apresentador intervém na fala da entrevistada através de um comentário que expõe uma conclusão e uma opinião sobre o fato narrado:

Natalia Viana: Então assim, havia dinheiro. Não estou dizendo que os procuradores queriam necessariamente botar a mão no dinheiro. Mas haveria uma ampliação do campo em que eles atuam, uma ampliação de influência e uma ampliação de respeitabilidade de, de futuras possibilidades.

Thiago Domenici: Não, e há um desvirtuamento do papel do Ministério Público.

Natalia Viana: Exatamente o que disse o STF pra suspender a fundação (PAUTA PÚBLICA 01, 2020).

Em outros momentos dos programas, os apresentadores interviram de forma mais curta, manifestando concordância com expressões como “sim” e “uhum”. Essas falas podem ser vistas como uma autorização para que a entrevistada continue o seu relato. No episódio de número

³⁸ Disponível em: <https://apublica.org/hq/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>. Acesso em 06 fev. 2023.

dois, Andrea Dip, tendo participado como editora da reportagem abordada no programa, encoraja uma das entrevistadas a aprofundar um pouco mais o assunto.

Andrea Dip: Uma delas diz até que não se sentia especial porque nunca era chamada pra salinha, não era? Tudo isso acontecia dentro da igreja, né? (PAUTA PÚBLICA 02, 2020).

As intervenções realizadas pelos jornalistas mostram como a narrativa é construída em conjunto por narradores e personagens. Analisando a atuação dos apresentadores também é possível verificar a disputa de poder em torno da narrativa construída pelo podcast. Como afirma Motta (2013), esse poder flui, majoritariamente, de fora para dentro. O primeiro narrador, através de uma voz mais institucionalizada, estabelece os temas principais do programa. Os segundos narradores conduzem a narrativa através de perguntas e intervenções que mudam ou direcionam os tópicos abordados.

Também foi possível observar esse papel dos segundos narradores de conduzir a narrativa pela sua falta. Como veremos no capítulo seguinte dessa análise, tivemos dificuldade em identificar um fio narrativo coerente entre os episódios narrativos do último programa analisado da mesma forma como conseguimos nos demais. Associamos essa situação ao baixo número de perguntas e intervenções realizadas pelos apresentadores durante o episódio. Embora essa tenha sido a entrevista de maior duração entre os episódios analisados, com cerca de 40 minutos, os apresentadores realizaram apenas seis questionamentos. Um deles foi um reforço para uma pergunta já realizada anteriormente. Como comparação, a entrevista realizada no primeiro episódio teve cerca de 20 minutos e oito perguntas realizadas pelos apresentadores.

As perguntas e as respostas que constituem a narrativa demonstram novamente que a entrevista se dá na forma de diálogo, de acordo com a classificação proposta por Lage (2002). Nessa circunstância, entrevistadores e entrevistados constroem juntos o tom da conversa, que evolui a partir das questões propostas. Ela também permite o aprofundamento dos temas, o que pode ser visto nos momentos em que as perguntas dos apresentadores partem das falas das entrevistadas. Além disso, o tom da conversa é amigável e marcado pela informalidade. Isso pode ser constatado nas perguntas feitas pelos apresentadores, que não demonstram nenhum confronto com a jornalista entrevistada.

Essa informalidade, inclusive, difere o discurso dos segundos narradores em relação à voz institucional do primeiro narrador. A informalidade também dá a ver outra função deste narrador, que é a de estabelecer uma relação de proximidade com a audiência. Os apresentadores, principalmente na abertura dos programas, estabelecem um diálogo direto com

os ouvintes, ecoando uma das afirmações da apresentadora do Café da Manhã sobre as características do podcast. De acordo com Magê Flores (DICAS, 2021), a intimidade é uma das marcas do programa, e é construída através do diálogo com a audiência.

Andrea Dip: Aê, que saudade que eu estava de ouvir essa música de abertura, e eu tenho certeza que vocês também. E eu espero que vocês ouvintes tenham começado o ano bem. O Pauta Pública está de volta firme e forte. Eu sou Andrea Dip, divido os microfones com Thiago Domenici, que também está pronto para encarar 2021, certo? (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).

Por fim, os apresentadores também cumpriram o papel de identificar e posicionar os personagens na narrativa. Isso ocorreu principalmente através das descrições realizadas no começo das entrevistas. Nos termos de Motta (2013), na narrativa jornalística, os personagens referem-se às fontes de informações e constituem o terceiro narrador. Em nossa análise, o terceiro narrador compreende os repórteres entrevistados. As definições iniciais feitas pelos apresentadores ajudaram a construir os papéis desempenhados pelos repórteres como fonte de informações. Esses textos iniciais também permitiram ver quais são as condições que autorizam o discurso dessas fontes, o que relacionamos aos procedimentos de controle externos ao discurso jornalístico.

De acordo com Dent (2008), os procedimentos de controle externos ao discurso constituem formas de exclusão e referem-se à capacidade de membros de determinada formação discursiva de assegurar o seu direito à fala, negando-o aos indivíduos não iniciados. No oitavo episódio do Pauta Pública, a apresentadora Andrea Dip reafirma que a missão do programa “é trazer o jornalismo como destaque para falar de assuntos que ajudam a explicar esses nossos tempos” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021). Ao eleger os jornalistas que produziram reportagens para o site como fontes de informações, o programa define esses repórteres como indivíduos capazes de explicar acontecimentos do tempo presente.

Nossa análise demonstrou que a fala desses indivíduos é autorizada a partir de duas condições relacionadas: a experiência geral dos repórteres e o fato de terem produzido reportagens aprovadas pelos apresentadores dos programas. Observamos essa primeira condição nos episódios de número um e sete. No primeiro episódio do Pauta Pública, a entrevistada é a jornalista Natalia Viana. Ela é descrita pelos apresentadores como editora e co-fundadora da Agência Pública, com mais de 20 anos de experiência no jornalismo. É destacado que ela recebeu “uma série de prêmios na carreira”. Além disso, a descrição do programa também explica que Natalia Viana está acompanhando o caso há muito tempo, através de uma série de reportagens.

A descrição da experiência da jornalista, os prêmios recebidos e seu lugar como co-fundadora do veículo, também permitem ver procedimentos de controle que não são nem totalmente externos nem totalmente internos ao discurso. Para Dent (2008), no jornalismo, esse conjunto de procedimentos está ligado à hierarquia dentro das redações. Ou seja, mesmo entre os indivíduos que tem acesso à fala dentro da formação discursiva - no caso do nosso objeto de análise, os jornalistas - alguns deles detêm mais poder que outros. A descrição de Natalia Viana como não só uma repórter, mas como co-fundadora do veículo e detentora de um longo tempo de experiência e prêmios na carreira, confere autoridade à sua fala.

Situação semelhante foi observada no sétimo programa. Nesse episódio, o terceiro narrador é composto pelos dois jornalistas entrevistados, Carol Ito e Alexandre De Maio. Eles são descritos pelos apresentadores como “repórteres quadrinistas” e citados como referências no jornalismo em quadrinhos, tema abordado pelo programa. A apresentadora Andrea Dip refere-se a Alexandre De Maio como “o grande mestre” do jornalismo em quadrinhos. Thiago Domenici também se refere aos repórteres entrevistados como dois dos maiores nomes do jornalismo em quadrinhos no Brasil e “quem sabe do mundo” (PAUTA PÚBLICA 07, 2020).

Diferente dos episódios anteriores, nos demais programas analisados a caracterização dos personagens foi bem mais tímida. Elisângela Colodetti e Naiana Andrade, foram as repórteres entrevistadas no segundo episódio do Pauta Pública. Elas são descritas apenas como repórteres que realizaram uma reportagem para a Agência Pública. Embora neste programa não haja uma descrição detalhada dos personagens, destacando tempo de trabalho e prêmios, como nos episódios descritos anteriormente, sua fala é autorizada pela descrição de Andrea Dip. Como apresentadora do programa e editora da reportagem, ela afirma que as repórteres realizaram um trabalho “primoroso” (PAUTA PÚBLICA 02, 2020). O trabalho delas é elogiado principalmente por terem sido sensíveis com as vítimas, fontes principais da reportagem.

No último programa analisado, o terceiro narrador é composto pelos jornalistas entrevistados Bruno Fonseca e Mariama Correia. Na descrição escrita do episódio, são apenas identificados como repórteres que produziram reportagens para um especial lançado em 2020 no site da Agência Pública. Na abertura do programa, os apresentadores explicam que os jornalistas são repórteres do veículo. A apresentadora Andrea Dip é identificada como a coordenadora do especial. Thiago Domenici explica que os repórteres realizaram “grandes reportagens” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).

De acordo com Motta (2013), os personagens se constituem como narradores dos seus próprios relatos. Quando associamos essa afirmação aos procedimentos de controle discursivo, verificamos que as repórteres entrevistadas podem construir as suas narrativas no Pauta Pública

porque constituem sujeitos autorizados a falar dentro da formação discursiva. Consideramos que nesse espaço proporcionado pelo podcast, portanto, os jornalistas se constituem como fontes de informações. Apesar de eles fazerem referência a outras fontes durante os seus relatos, como afirma Chagas (2019), os repórteres narram os acontecimentos desde os seus próprios pontos de vista. Com isso, evidenciam aspectos de suas práticas e refletem sobre o papel do jornalismo.

Utilizando a classificação proposta por Chagas (2019), verificamos que os jornalistas entrevistados no podcast Pauta Pública se enquadram nos tipos de fontes especialistas e testemunhais. De acordo com o autor, as fontes especialistas são constituídas por “profissionais com reconhecido saber científico ou conhecimento específico sobre determinado campo em torno do qual está se desenvolvendo uma cobertura jornalística” (CHAGAS, 2019, p. 75).

No primeiro episódio analisado, Natalia Viana torna-se uma fonte especialista por deter um conhecimento específico sobre os assuntos em pauta. Identificamos esse papel de fonte especialista tanto em assuntos relacionados ao fato sobre o qual discorre a reportagem a que se refere o programa, quanto em relação às práticas jornalísticas. No exemplo a seguir, Natalia Viana explica a parceria com o site The Intercept Brasil e a utilização da base de diálogos vazados como fonte de informações, remetendo a experiências prévias em seu trabalho como repórter.

Natalia Viana: Eu importunei todo mundo do Intercept [risos] pra ver se eles abriam a parceria pra Agência Pública. [...] É... eu já trabalhei com diferentes bases de dados, né? A gente, ã... foi parceiro do Wikileaks durante muito tempo, que eram documentos vazados que a gente analisava. E essa base de dados ela, pra mim, foi muito interessante, muito marcante, porque ela é uma base de diálogos e ela me fez refletir muito sobre como a gente tem se relacionado hoje em dia. [...] Então é um grande quebra-cabeça que foi extremamente interessante a gente juntar pra analisar (PAUTA PÚBLICA 01, 2020).

Considerando que o processo de apuração é um dos temas do programa, a experiência da jornalista nesse tipo de trabalho lhe confere o status de fonte especialista. Para Lage (2002), os especialistas podem ser considerados fontes secundárias, que são procurados pelos repórteres para trazer versões ou interpretações de eventos. Nesse sentido, a base de dados vazados pode ser considerada como uma fonte primária para a reportagem de Natália Viana. Ao relatar o conteúdo dos diálogos, a repórter acaba por assumir um papel de fonte secundária na entrevista conduzida pelos apresentadores do Pauta Pública. Este papel da fonte pode ser visualizado nas perguntas feitas pelos apresentadores, como no exemplo a seguir.

Andrea Dip: É... e um dos diálogos vazados, né, que é revelador, é, mostra o ex-chefe da força tarefa, o Deltan Dallagnol, numa conversa com Vladimir Araras, que estava à frente da Secretaria de Cooperação Internacional da Procuradoria Geral da República. É, você pode contar um pouco pra gente o teor dessa conversa? (PAUTA PÚBLICA 01, 2020)

Exemplos como esse também foram verificados nos demais episódios analisados. A função de fonte especialista desempenhada pelas repórteres entrevistadas no segundo episódio analisado pode ser vista em uma das perguntas realizadas por Andrea Dip. A apresentadora questiona as jornalistas sobre o que elas “acham” que foi mais importante na abordagem das vítimas de violência sexual. Na reportagem, as jornalistas entrevistaram doze mulheres e duas crianças que se dizem vítimas de abusos. Elas adquiriram esses relatos “em primeira mão” e relacionam o sucesso nesses contatos pela sensibilidade com que trataram as vítimas, colocando-se no lugar delas. Os impactos da reportagem descritos ao longo do episódio também ajudam a construir essa impressão de que as entrevistas foram bem realizadas.

Tais fatos autorizam as jornalistas a falarem sobre a relação com as fontes vítimas de abuso sexual como especialistas. Isso fica claro na própria pergunta da apresentadora, que pede a opinião delas sobre o que foi importante nesses contatos. Na resposta, elas destacam estratégias jornalísticas para a obtenção de informações junto a essas fontes: a empatia com as vítimas e a paciência na obtenção das informações. Essas estratégias são fruto da experiência jornalística e do que elas chamam de “intuição”. Além disso, considerando que as vítimas foram as fontes primárias na reportagem, nesse momento do programa, as repórteres cumprem novamente a função de fontes secundárias.

Continuamos a entender, no entanto, os repórteres entrevistados como protagonistas das narrativas elaboradas pelos programas analisados. Nesse sentido, eles são as fontes principais para o conteúdo produzido pelo Pauta Pública. A reflexão em torno da classificação de Lage (2002) das fontes primárias e secundárias serve para essa análise como mais uma evidência de que repórteres podem sim constituir fontes para programas jornalísticos. Ela nos mostra que o próprio ato de referenciar dados e informações obtidas com outros indivíduos pode, em alguns casos, caracterizar uma fonte. Nos episódios observados, isso ocorreu porque os repórteres interpretaram e opinaram sobre dados que relatam terem obtido “em primeira mão” ou sobre a fala de sujeitos com os quais eles relatam ter tido contato “exclusivo”.

Também é possível observar que as repórteres atuam como fontes especialistas em relação ao tema abordado pelas reportagens. Em outra pergunta, a apresentadora Andrea Dip questiona o que as repórteres apuraram sobre a rede de proteção que deveria auxiliar as meninas

vítimas de abuso sexual. Na resposta, Naiana Colodetti é bastante assertiva e não menciona fontes.

Naiana Colodetti: Existe um completo abandono e um, um completo descrédito à fala delas. As poucas que conseguiram relatar pras famílias que foram vítimas ou que achavam estranho o comportamento do, do, do Dinamá em relação a elas, elas eram desacreditadas. (PAUTA PÚBLICA 02, 2020).

Essa convicção da repórter vem do seu próprio trabalho de apuração junto às fontes, que identificou que o agressor detinha a confiança da comunidade e das famílias das vítimas. As repórteres também citam a falta de apoio de instituições como a escola e o Conselho Tutelar. Os jornalistas entrevistados no Pauta Pública agem, portanto, como fontes especialistas, tanto nas práticas e procedimentos jornalísticos narrados quanto nos assuntos a que se dedicaram em suas reportagens.

O papel de fonte especialista fica especialmente evidente no episódio de número sete. Ao serem caracterizados como “mestres” ou precursores na linguagem do jornalismo em quadrinhos, Carol Ito e Tiago De Maio tornam-se fontes especialistas na medida em que detêm conhecimento específico sobre o tema abordado pelo programa. Esse conhecimento se manifesta nos trabalhos jornalísticos que realizaram e que são fruto de um esforço pessoal na construção de conhecimento e de técnicas de uma forma de se fazer jornalismo que se afasta de seus modos mais tradicionais.

Ao narrarem aspectos de suas práticas, os repórteres entrevistados também recorrem a experiências e sensações pessoais, aproximando-se da função de fontes testemunhais. De acordo com Chagas (2019), as fontes testemunhais são aquelas que presenciaram acontecimentos com valor-notícia atribuídos pelos jornalistas. A experiência dos jornalistas como valor-notícia no podcast Pauta Pública pode ser vista nos objetivos do programa, que é explicar os acontecimentos sob o olhar dos jornalistas, abordando também os bastidores da produção noticiosa. Pensamos, contudo, que esses papéis das fontes estão relacionados. É justamente por terem presenciado certos acontecimentos na posição de especialistas, que esses indivíduos se tornam aptos a falar no programa.

No episódio de número sete, Carol Ito exemplifica características do jornalismo em quadrinhos ao narrar um acontecimento envolvendo o processo de apuração da sua reportagem, intitulada Mulheres da Craco.

Carol Ito: Mas eu acho legal que quando eu falava de fazer, é, a matéria em quadrinhos, as mulheres elas se sentiam mais confortáveis até pra, pra dar entrevistas, né? Eu entrevistei uma mulher, que inclusive é usuária, né, de crack, ela estava num

momento de abstinência, né? Aí no final ela ficou tão a vontade que ela, ela, ela *a priori* tava assim, "ah, não, não quero câmera, não quero foto, já vieram me entrevistar pra algum outro programa e ficou, meu pai brigou comigo, meu marido brigou comigo". Enfim, ela já tinha umas experiências ruins. É legal também essa possibilidade de você, é, parecer menos intimidador, né? (PAUTA PÚBLICA 07, 2020).

Esse papel testemunhal também fica evidente no episódio de número oito, em que a participação de um dos jornalistas em um evento torna-se um dos aspectos centrais da narrativa elaborada pelo programa. O repórter entrevistado Bruno Fonseca explicou que a participação no evento era necessária, já que eles eram tidos como obscuros, ou pouco divulgados. A sua participação se deu, ao menos inicialmente, sem ter a sua condição de jornalista revelada.

Esse aspecto testemunhal na fala do jornalista fica claro em duas perguntas realizadas pelos apresentadores. Andrea Dip pede que o repórter Bruno Fonseca faça um “relato pessoal” sobre a sua participação no congresso citado na sua reportagem. Durante a fala do repórter, a pergunta é mais uma vez reforçada pelo apresentador Thiago Domenici, que pede que o entrevistado conte como foi o congresso na sua visão como repórter.

Andrea Dip: É... mas eu queria ouvir de vocês, que eu acho que é muito importante, assim, o relato pessoal, assim. É... porque, por exemplo, o Bruno teve num congresso, né? Foram dois ou três dias, né, Bruno? [...]. Então acho que é bacana você contar o que você viu.

[...]

Thiago Domenici: É, antes de passar a bola pra Mariama, eu acho que seria importante você contar como é que foi esse Congresso, você como repórter se colocando ali, tentando descobrir, enfim, as informações, o que que aconteceu, como é que funciona isso [...] (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).

Embora Chagas (2019) não veja o jornalista como fonte em programas radiofônicos, ele admite momentos que isso pode ocorrer. Um deles é quando os repórteres protagonizam acontecimentos específicos, como acidentes ou agressões envolvendo o exercício da profissão. Isso pode ser visto durante a entrevista com Natalia Viana, quando ela descreve um episódio envolvendo uma entrevista com uma fonte durante a apuração de sua reportagem. Seu papel testemunhal pode ser visualizado em uma das perguntas realizadas pela apresentadora Andrea Dip.

Andrea Dip: [...] um pouquinho antes da gente gravar, né, você tava falando que, é, teve um dos advogados que trabalharam pro Departamento de Justiça americano em parceria com a Lava Jato que disse que as perguntas que você estava fazendo pra ele eram muito bobas e que ele não tinha tempo pra gastar com isso. E aí você falava justamente que isso ficou marcado pra você. Queria que você comentasse porque eu achei muito interessante (PAUTA PÚBLICA 01, 2020).

Os jornalistas entrevistados em todos os programas também manifestaram uma iniciativa pessoal relacionada ao trabalho de reportagem. Natalia Viana tinha uma pergunta que precisava de resposta. Elisângela Colodetti e Naiana Andrade acreditaram numa pauta que já havia sido rejeitada. Essa motivação pessoal relaciona-se com a descrição de Dent (2008) da vontade de verdade como um dos procedimentos de controle discursivo externos no jornalismo. Para o autor, esse controle manifesta-se na busca dos repórteres pela verdade dos acontecimentos. Embora em nenhum momento das entrevistas os repórteres mencionem especificamente uma suposta busca pela verdade, as suas narrativas demonstram no mínimo um interesse em esclarecer um assunto que é de interesse público.

Por fim, retomamos a observação de Motta (2013) de que o poder sobre a narrativa também flui de dentro para fora. Ou seja, assim como os narradores, os personagens da narrativa têm interesse em imprimir certos sentidos na narrativa. Isso se mostra nos momentos em que as perguntas são elaboradas a partir de assuntos introduzidos pelos jornalistas entrevistados. Esse último aspecto fica evidente também no exemplo anterior, em que percebemos que a narrativa é influenciada pela entrevistada antes mesmo de a entrevista ser gravada.

É principalmente através da narração desses personagens jornalistas, na função de fontes especialistas e testemunhais, que se constroem os episódios narrativos e se estabelecem os conflitos dramáticos evidenciados nas histórias elaboradas pelo Pauta Pública.

Quadro 4 – Narradores do podcast Pauta Pública

Narrador	Descrição
1º narrador	<p>É constituído pela voz institucional do podcast Pauta Pública. Aparece nos elementos parassonoros dispostos na página do episódio e na trilha sonora do programa. É composto pelo título, pela descrição, pela arte gráfica que identifica o programa, pela música e pelas vinhetas.</p> <p>Tem como funções: identificar o podcast; atrair a audiência; interagir com os ouvintes; e desenvolver, delimitar e dar ritmo à narrativa.</p>
2º narrador	<p>É composto pelos apresentadores do programa, os jornalistas Andrea Dip e Thiago Domenici. São identificados como editores da Agência Pública e apresentadores do programa. Andrea Dip também participa da elaboração de algumas das reportagens mencionadas no programa.</p> <p>Tem como funções: estabelecer relação e aproximação com a audiência; conduzir e ajudar a elaborar a narrativa; e posicionar os personagens na narrativa.</p>

3º narrador – os personagens	<p>Compreende os jornalistas entrevistados nos programas: Natalia Viana (PAUTA PÚBLICA 01, 2020), Elisângela Colodetti e Naiana Andrade (PAUTA PÚBLICA 02, 2020), Carol Ito e Alexandre De Maio (PAUTA PÚBLICA 07, 2020), e Bruno Fonseca e Mariama Correa (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).</p> <p>Suas falas são autorizadas pela sua experiência jornalística e/ou por terem produzido reportagens para a Agência Pública aprovadas pelos apresentadores do programa. Nas entrevistas, ocupam o papel de fontes especialistas e testemunhais. Sua principal função é elaborar a narrativa sobre as práticas jornalísticas, sobre suas reportagens e sobre os temas delas.</p>
------------------------------	--

Fonte: elaboração própria

6.3 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NARRADAS PELOS REPÓRTERES

A análise dos programas³⁹ nos permitiu verificar a existência de uma narrativa que fala sobre a prática jornalística no podcast Pauta Pública. Ela se desenvolve junto da narrativa sobre o fato propriamente dito, constituindo uma nova camada. Para sistematizar o nosso olhar sobre o objeto de pesquisa, separamos cada um dos programas analisados em três episódios narrativos principais. De acordo com Motta (2013), os episódios narrativos compreendem trechos de uma narrativa maior que possuem um sentido mais ou menos fechado.

Identificamos em cada edição do programa dois episódios introdutórios que servem para explicar a existência do podcast e situar o ouvinte em relação à entrevista. O terceiro episódio narrativo de cada programa é o que diz respeito à narrativa sobre as práticas jornalísticas construídas principalmente pelos jornalistas entrevistados⁴⁰. É esse último elemento que compreende o nosso foco nesse item da análise. No entanto, antes de entrarmos nesse ponto, discorreremos sobre algumas observações importantes a respeito dos episódios narrativos introdutórios.

O primeiro episódio narrativo é aquele que fala sobre o podcast. Por ser sua estreia, no primeiro programa, os narradores dedicaram uma parte dele para explicar a existência do Pauta Pública. Eles falaram que o programa era aguardado tanto pela equipe da Agência Pública quanto pelos apoiadores do site, a quem creditam a própria existência do podcast. *O Pauta*

³⁹ Nesse item de análise, vamos nos referir às diferentes edições do Pauta Pública analisadas como “programas” ou “edições”. Escolhemos esses termos para não confundir com os episódios narrativos, que compreendem subdivisões da narrativa elaborada por cada programa analisado (MOTTA, 2013).

⁴⁰ Na seção de apêndices desse trabalho, disponibilizamos uma descrição detalhada de cada episódio narrativo que compõe os programas analisados. Nesse local, também está disponível uma sinopse da narrativa sobre as práticas jornalísticas elaborada por cada programa.

Pública foi descrito como uma conversa quinzenal⁴¹ com jornalistas sobre as matérias que ajudam a entender “estes tempos tão difíceis” (PAUTA PÚBLICA 01, 2020).

Como citamos anteriormente, no começo do oitavo programa, a apresentadora Andrea Dip reafirma a função do podcast ao explicar que sua missão é “trazer o jornalismo como destaque para falar de assuntos que ajudam a explicar esses nossos tempos” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021). Essas descrições nos ajudam a compreender o podcast como um espaço que confere certa autoridade para que os jornalistas entrevistados expliquem acontecimentos atuais e falem sobre as suas práticas.

A análise desse primeiro episódio narrativo também nos permite inferir uma outra função do Pauta Pública. No final do segundo programa, a repórter Naiana Andrade cita a importância de a sua reportagem ser retomada pelo podcast. De acordo com a jornalista, as investigações relacionadas aos supostos casos de abuso sexual denunciados em seu texto ainda se encontravam em aberto no momento da gravação da entrevista. Para a repórter, retomar essa reportagem no podcast é uma forma de manter o assunto em pauta e fazer com que “as autoridades se atentem à agilidade do caso” (PAUTA PÚBLICA 02, 2020). A apresentadora Andrea Dip, também menciona a importância de manter o tema “vivo”.

A segunda edição do Pauta Pública foi ao ar no dia 9 de outubro de 2020. A reportagem à qual o programa se refere foi publicada no site da Agência Pública meses antes: no dia 14 de agosto de 2020. A distância entre a data de publicação do material referido no programa e o podcast é ainda maior no de número sete. O programa foi ao ar no dia 18 de dezembro de 2020. A reportagem em quadrinhos intitulada *Meninas em Jogo*, produzida pelo jornalista entrevistado Alexandre De Maio, foi publicada no site da Agência Pública no dia 12 de maio de 2014, mais de seis anos antes.

Essas observações, somadas ao fato de que o site da Agência Pública é constantemente mencionado nos programas pelos dois primeiros narradores, nos leva a relacionar o podcast ao conceito de *continuum* multimídia (BARBOSA, 2013). O conceito diz respeito a processos de circulação e recirculação do conteúdo de um mesmo jornal em diferentes plataformas. Nesse sentido, podemos ver o podcast como um espaço que permite à Agência Pública “requestrar” conteúdos já publicados. Essa recirculação tanto pode funcionar para manter assuntos em evidência, como no caso do segundo programa, quanto direcionar os ouvintes a conteúdos que poderiam já estar esquecidos no site, como no caso de sua sétima edição.

⁴¹ O Pauta Pública passou a ser publicado semanalmente a partir de sua segunda temporada, em 2022.

Como dissemos anteriormente, nos episódios analisados, a narrativa sobre as práticas jornalísticas é elaborada em conjunto com uma narrativa que fala sobre o fato reportado pelos entrevistados em textos publicados no site da Agência Pública. Simplificamos essa narrativa sobre a reportagem publicada no site como um episódio narrativo único, por não constituir o foco de nosso trabalho. O segundo episódio narrativo identificado em nossa análise em cada um dos programas é, portanto, aquele que fala sobre a reportagem publicada no site da Agência Pública. A análise desse elemento nos auxiliou a compreender as narrativas elaboradas pelos repórteres entrevistados e, mais especificamente, a construir as sinopses de cada programa.

Unimos a esse episódio narrativo os momentos em que os narradores do Pauta Pública falam sobre o tema da entrevista. Esse aspecto se tornou o mais importante de se observar no segundo episódio narrativo, já que nos fez reforçar a ideia de que o Pauta Pública permite e estimula a construção de narrativas que falam sobre as práticas jornalísticas e sobre o jornalismo de maneira geral. Essas descrições foram feitas pelo primeiro narrador, através das descrições dos episódios, e pelos segundos narradores, na abertura de cada entrevista.

A descrição do primeiro programa analisado afirma que a repórter entrevistada Natalia Viana vai contar “como foi a apuração de algo tão sensível” (PAUTA PÚBLICA 01, 2020). Na parte inicial do segundo programa, Andrea Dip, também editora da reportagem sobre a qual o programa se refere, explica que a pauta teve origem quando as jornalistas entrevistadas levaram a denúncia de supostos casos de abuso sexual até ela. A apresentadora do Pauta Pública adianta, nesse trecho do programa, que as entrevistadas vão explicar como esse fato se deu. Com isso, Andrea Dip indica que a narrativa elaborada pelo programa envolve aspectos de bastidores da construção da reportagem.

Esse aspecto fica ainda mais evidente nos dois últimos programas analisados. No programa de número sete, o texto descritivo afirma que os repórteres entrevistados vão explicar como o jornalismo em quadrinhos “é feito, quais as influências e muito mais” (PAUTA PÚBLICA 07, 2020). A descrição do oitavo programa explica que a entrevista vai “trazer detalhes de como foi se infiltrar em congressos cristãos e realizar toda essa apuração” e mostrar “como foram as decisões jornalísticas para se apurar um tema tão sensível” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).

Essas observações, considerando também as descrições gerais do Pauta Pública e a atuação dos apresentadores e dos entrevistados, descritas no item anterior, reafirmam uma das funções do podcast de ser um programa que fala sobre o jornalismo. De acordo com Borges e Piccinin (2015), produções jornalísticas como essa se caracterizam pela presença de repórter e

parecem tentar estabelecer relações de vinculação e transparência com suas audiências, através da apresentação de uma realidade mais próxima do público.

Essa narrativa que fala sobre o jornalismo é uma das características distintivas do Pauta Pública. Ela é um dos elementos que fazem com que o programa não seja apenas uma repetição daquilo que já foi publicado pelo veículo na forma de reportagens no site. Caracterizam o programa, portanto, como um produto autóctone, nos termos de Barbosa (2013). Ou seja, apesar de ser uma continuidade, ou uma recirculação de conteúdos já publicados, constitui-se num produto independente, com características próprias. Trazer repórteres para falar sobre os seus trabalhos também pode indicar uma tentativa da Agência Pública de se aproximar da audiência e obter novos assinantes e acessos ao site.

O terceiro episódio narrativo identificado em nossa análise é aquele que fala especificamente sobre as práticas jornalísticas. Por constituir o aspecto central do nosso trabalho, foi principalmente sobre ele que elaboramos as sinopses de cada programa analisado. Encontramos essa narrativa dispersa ao longo das entrevistas. Tal qual sugerido por Motta (2013), observar esse aspecto nos exigiu um esforço de reconstrução da narrativa elaborada pelo programa. Para isso, foi importante analisar as formas de ação dos personagens, as suas interações com outros elementos abordados em suas histórias e os conflitos por eles experimentados.

Não foi por coincidência que subdividimos esse terceiro episódio narrativo em três partes que contém um sentido mais ou menos fechado. Essas subdivisões ecoam o que Motta (2013) chama de sequências-tipo. Três dos programas analisados quase reproduziram o que o autor descreve como a sequência mais básica encontrada nas narrativas e que compreende três estágios: a perturbação, a transformação e a resolução. A reconstrução dessas histórias nos permitiu, portanto, verificar a existência de uma narrativa coerente sobre as práticas jornalísticas construída sobre um tema central em quase todos os programas analisados.

No primeiro programa, intitulado *O FBI e a Lava-Jato*, o tema central é a necessidade de o jornalismo fazer e responder às perguntas mais simples. A repórter Natalia Viana parte de uma pergunta que, para ela, ainda não havia sido respondida pela mídia: por que a Odebrecht e a Petrobrás estavam sendo penalizadas nos Estados Unidos por casos de corrupção que ocorreram no Brasil? As fontes oficiais falharam em fornecer respostas aceitáveis, o que gerou, inclusive, uma situação de conflito entre a jornalista e uma de suas fontes. Natalia Viana encontrou a sua resposta através de uma parceria com outro veículo de comunicação, o site *The Intercept Brasil*, que forneceu à Agência Pública acesso a uma base de diálogos vazada entre procuradores e juízes responsáveis pela operação Lava-Jato.

A relação com as fontes e o papel do jornalismo em dar voz a elas se tornam os temas centrais da narrativa sobre as práticas jornalísticas elaborada pelo segundo programa analisado. Intitulado *Cinco mil crianças e um suspeito*, o programa fala sobre uma reportagem envolvendo supostos casos de abusos sexuais contra mulheres e crianças. A repórter Naiana Andrade tomou conhecimento da pauta quando ainda trabalhava em uma emissora de televisão. A pauta foi, no entanto, recusada por falta de informações. Ao longo da apuração, realizada junto da repórter Elisângela Colodetti, Naiana descobriu que as supostas vítimas de abuso sexual também não eram ouvidas pelas instituições que deveriam protegê-las, como a família, a igreja e o governo. Através de uma abordagem empática junto às fontes, constituídas pelas próprias mulheres que diziam ter sofrido os abusos, as jornalistas conseguiram dar voz a essas pessoas. A reportagem teve impacto em outros veículos de mídia, que passaram a cobrir o caso, na vida das mulheres e no andamento das investigações.

O terceiro programa analisado, intitulado *Jornalismo em Quadrinhos*, mostra como o jornalismo, ao experimentar novas linguagens, pode trabalhar com temas considerados sérios de maneira diferenciada. Alexandre De Maio e Carol Ito partem de um desejo pessoal em unir seus interesses em quadrinhos e desenho a suas profissões de repórteres. Os jornalistas, no entanto, se deparam com poucas referências nas quais se inspirar e com resistência por parte de público e editores, que consideravam quadrinhos “coisa de criança” (PAUTA PÚBLICA 07, 2020). Chamados a produzir grandes reportagens em quadrinhos em parceria com a Agência Pública, Alexandre De Maio e Carol Ito conseguiram reverter a situação. Seus trabalhos se tornaram referência para outros jornalistas e mostraram a possibilidade de se trabalhar temas considerados sérios através do jornalismo em quadrinhos.

Como afirmamos anteriormente, no último programa analisado, tivemos dificuldade em extrair uma narrativa coerente da mesma forma como fizemos com os demais. Associamos esse problema ao baixo número de perguntas e intervenções realizadas pelos apresentadores em relação ao tempo de duração da entrevista. Não há nesse programa, portanto, a mesma relação de sequências-tipo entre as subdivisões do terceiro episódio narrativo semelhante à que ocorreu nas análises anteriores. Essas subdivisões funcionaram mais ou menos como episódios narrativos independentes. Foi possível, no entanto, verificar a existência de um tema central que perpassou todos eles.

O quarto programa analisado, intitulado *Nega-te a ti mesmo*, tem a preocupação com a utilização da linguagem correta no jornalismo como tema principal. O programa fala sobre reportagens realizadas pelos repórteres Bruno Fonseca e Mariama Correia sobre procedimentos e terapias de “reversão sexual” realizados por grupos religiosos. Desde o início do programa,

os jornalistas manifestam a preocupação com a linguagem ao problematizar termos como “reversão sexual” e “cura gay”. Ao longo do programa, os repórteres também revelam que é através da linguagem que muitas pessoas submetidas a procedimentos controversos são violentadas. Mostram, ainda, que é através de um discurso considerado “potente” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021) que pessoas entrevistadas manifestam a superação de situações opressivas.

Os temas centrais que compõem as narrativas sobre as práticas jornalísticas nos programas analisados têm relação com o papel do jornalismo de informar a sociedade e servir como porta-voz do público. Nas narrativas descritas anteriormente, esse papel é desempenhado pelos repórteres entrevistados através da resposta a perguntas simples, de uma relação empática junto às fontes, da utilização de técnicas diferenciadas para apresentar o conteúdo jornalístico e da preocupação com a utilização de uma linguagem correta, que não cometa equívocos e violências. Esse papel do jornalismo se relaciona com o que Dent (2008) identifica como o regime de verdade central do discurso jornalístico: a facilitação do discurso público, a confissão pública ou, ainda, o discurso público das fontes.

É interessante notar ainda que, para Dent (2008), esse discurso produzido pelos jornalistas deve ter impacto no mundo real. Esse impacto foi demonstrado no segundo programa analisado, em que as jornalistas entrevistadas descrevem as consequências de suas reportagens. Também é possível verificar na sétima edição do Pauta Pública, em que os repórteres entrevistados demonstram como seu trabalho colaborou para a aceitação do jornalismo em quadrinhos entre público e editores e impactou outros trabalhos jornalísticos.

Ao longo de suas narrativas elaboradas no Pauta Pública, os repórteres entrevistados mencionam diversas práticas jornalísticas específicas usadas na construção de suas reportagens. Ainda acompanhando o raciocínio de Dent (2008), pensamos que as diferentes práticas mencionadas no programa podem ser relacionadas à disciplina, entendida como um dos procedimentos de controle interno do discurso jornalístico. Essas práticas permitem que o jornalismo cumpra seu papel, constituindo um conjunto de técnicas associadas à facilitação de um “discurso público apropriado” (DENT, 2008, p. 213, tradução nossa).

No Quadro 5, mapeamos todas as práticas mencionadas pelos repórteres nos programas analisados acompanhadas de uma pequena descrição. Ordenamos essas práticas de acordo com o número de edições do Pauta Pública que as mencionam. Na continuação desse item de nossa análise, vamos nos deter sobre algumas dessas práticas que consideramos mais significativas.

Quadro 5 – Práticas jornalísticas narradas pelos repórteres

Práticas narradas pelos repórteres	Programas em que a prática é citada	Descrição
Relação com as fontes	PAUTA PÚBLICA 01 (2020), 02 (2020), 07 (2020) e 08 (2021)	É o tema principal da narrativa elaborada pelo segundo programa analisado. Foi através dessa relação que as jornalistas deram voz às vítimas de abuso sexual, se tornaram suas porta-vozes e permitiram sua autonomia. As jornalistas descrevem a empatia como uma das “estratégias” utilizadas para lidar com as fontes identificadas por elas como “pessoas em situação de vulnerabilidade”. A prática também aparece em todos os demais programas analisados.
Presença do jornalista no local dos acontecimentos	PAUTA PÚBLICA 01 (2020), 02 (2020), 07 (2020) e 08 (2021)	A prática é um dos elementos centrais na narrativa elaborada na oitava edição do podcast. O repórter Bruno Fonseca participou de um congresso relacionado a terapias de reversão sexual pouco divulgado fora das igrejas. A participação foi fundamental para a compreensão do tema.
Parceria entre veículos	PAUTA PÚBLICA 01 (2020), 02 (2020) e 08 (2021)	A reportagem citada no primeiro programa foi realizada em parceria com o site The Intercept Brasil, que forneceu os dados básicos utilizados na matéria. No segundo programa, a reportagem foi realizada em parceria com o jornal Folha de S. Paulo. As reportagens citadas na oitava edição do podcast fazem parte de um especial coordenado pela Agência Pública e realizada com o apoio de veículos de diversos países.
Atenção ao uso da linguagem	PAUTA PÚBLICA 02 (2020) e 08 (2021)	Ocupa um lugar central na narrativa elaborada pelo último programa analisado. De acordo com os apresentadores, a utilização de determinadas expressões foi um “dilema” durante a apuração. É também através da linguagem que as pessoas mostradas nas reportagens, por um lado, sofrem violência e, por outro, mostram superação.
Tempo disponível para apuração	PAUTA PÚBLICA 01 (2020) e 02 (2020)	No primeiro, a repórter Natalia Viana menciona o longo tempo em que trabalhou sobre o tema da reportagem e o tempo necessário para estudar e compreender o assunto sobre o qual se dedica. No programa de número dois, as jornalistas entrevistadas mencionam que não tiveram pressa na hora de lidar com as fontes vítimas de abuso sexual.
Inspiração em trabalhos de outros jornalistas	PAUTA PÚBLICA 07 (2020)	Na sétima edição do podcast, os repórteres entrevistados referem-se ao trabalho de Joe Sacco como inspiração para os seus trabalhos. Carol Ito também menciona que a reportagem de Alexandre De Maio “abriu portas” e serviu como inspiração para o seu trabalho.

Presença do jornalista nas reportagens	PAUTA PÚBLICA 07 (2020)	O jornalismo em quadrinhos oferece a possibilidade dos jornalistas se colocarem no texto. Carol Ito se sentiu impactada em sua apuração pela sua condição de mulher que a aproximava das fontes e decidiu falar sobre isso em sua reportagem.
Apresentação de informações de bastidores	PAUTA PÚBLICA 07 (2020)	Ao se colocar na reportagem como um personagem da narrativa, o jornalista também tem a possibilidade de mostrar informações de bastidores a respeito do processo de produção da reportagem.
Reconstituição de cenas	PAUTA PÚBLICA 07 (2020)	Para Alexandre De Maio, a reconstituição das cenas através de desenhos é uma das características distintivas do jornalismo em quadrinhos. Ele oferece a possibilidade de conferir apelo visual a acontecimentos relatados pelas fontes.
Apuração em base de dados	PAUTA PÚBLICA 01 (2020)	A parceria com o The Intercept Brasil possibilitou à repórter Natalia Viana a realização da apuração em uma base de dados. Essa apuração representou um desafio, pois envolvia a reconstrução de diálogos dispostos de forma não cronológica e não coesa.
Separação entre informações públicas e privadas	PAUTA PÚBLICA 01 (2020)	Trabalhar sobre uma base de dados constituída por diálogos pessoais entre colegas fez a repórter Natalia Viana afirmar que o papel do jornalismo é divulgar informações de interesse público e proteger informações privadas.
Utilização de plataforma para recebimento de denúncias	PAUTA PÚBLICA 02 (2020)	A reportagem publicada pela Agência Pública mencionada na segunda edição do podcast trazia um formulário para que outras pessoas pudessem fazer denúncias relacionadas ao caso denunciado. Esses depoimentos geraram novas reportagens sobre o assunto.

Fonte: elaboração própria

A relação com as fontes é o tema central do segundo programa analisado. Foi justamente através de uma fonte que as repórteres Elisângela Colodetti e Naiana Andrade tomaram conhecimento da pauta. Ao longo da apuração, as jornalistas também perceberam que as mulheres vítimas de abuso sexual não eram ouvidas por outras instituições. Para Naiana, existia “um completo abandono e um completo descrédito à fala” das vítimas (PAUTA PÚBLICA 02, 2020). Com a reportagem, as jornalistas deram voz à estas mulheres, que passaram a ser ouvidas pelas instituições que antes as ignoravam. Dar voz aos sujeitos que integram um acontecimento relaciona-se ao que Dent (2008) identificou como o papel dos jornalistas como “confessores”, ou porta-vozes do público.

Para abordar as fontes e obter as informações necessárias para a produção da reportagem, as repórteres utilizaram a empatia como estratégia. Colaborou para isso, de acordo

com Elisângela Colodetti, o fato de as repórteres serem mulheres e mães. Essa identificação com as fontes facilitou o contato sensível e empático com as fontes.

Naiana Andrade: É... eu, eu acho que o mais importante foi saber o limite. [...] E a gente foi lidando e, e respeitando e sempre, assim, sem ter esse afoitamento de ter informação. Eu acho que a gente foi meio que intuitivamente, com um pouco da bagagem jornalística que a gente tem, mas se colocando com empatia no lugar do outro. Eu acho que foi uma estratégia, né? (PAUTA PÚBLICA 02, 2020).

A relação com as fontes também foi mencionada em todos os outros programas analisados. Na oitava edição do Pauta Pública, Mariama Correia revela a empatia no contato com as fontes ao se dizer impactada pelas violências descritas durante suas entrevistas. No programa de número sete, Carol Ito afirma que a reportagem em quadrinhos facilita o contato com as fontes, que se sentem mais à vontade por não precisarem mostrar o rosto.

A relação com as fontes se relaciona com a sua seleção e classificação. Para Dent (2008), classificar as fontes é uma das práticas jornalísticas relacionadas à disciplina, entendida como um dos procedimentos de controle do discurso. Nos programas analisados, as fontes preferenciais foram constituídas por sujeitos que podem ser identificados como vítimas ou indivíduos que sofrem os acontecimentos relatados: as mulheres vítimas de abuso sexual (PAUTA PÚBLICA 02, 2020), as mulheres impactadas pela Copa do Mundo de 2014 e as mulheres usuárias de drogas (PAUTA PÚBLICA 07, 2020) e as pessoas submetidas a procedimentos de “reversão sexual” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).

A relação com fontes oficiais é mencionada apenas no primeiro programa analisado. No contexto da reportagem elaborada por Natalia Viana, essas fontes representavam o outro lado da história contada. Nesse episódio, chama a atenção o fato de um dos apresentadores ter explicado que ouvir os dois lados da história é o que constitui o “bom jornalismo” (PAUTA PÚBLICA 01, 2020). Essa menção ecoa a afirmação de Foucault (2009) de que a disciplina, como procedimento de controle discursivo, exige a observação de certas regras e a reativação delas a cada novo discurso. Essas fontes, no entanto, falharam em fornecer informações à Natalia Viana.

A presença das fontes oficiais nas reportagens jornalísticas também pode ser vista sob o viés dos procedimentos de controle que não são nem totalmente internos nem externos ao discurso. Deste ponto de vista, nem todas as vozes que integram a formação discursiva obtêm o mesmo acesso à fala (DENT, 2008). No jornalismo, existem também determinadas vozes que escapam do controle dos jornalistas. Neste sentido, é interessante notar que as fontes oficiais acessaram o discurso mesmo quando não tinham nada a dizer. É claro que sempre há a

possibilidade de se obter uma declaração surpreendente desses sujeitos. No entanto, o próprio fato de as fontes oficiais não terem nada a dizer possui valor notícia. Além disso, vale a reflexão de que o jornalismo, mesmo aquele que se qualifica como independente, precisa citar essas fontes para que seu discurso seja credível.

A apuração nos diálogos vazados pelo The Intercept Brasil constituiu a fonte principal da reportagem de Natalia Viana. Podemos entender essa base de diálogos como uma fonte primária. A apuração “isenta e criteriosa, baseada em fontes primárias” é outro dos valores citados no site da Agência Pública. Para Lage (2002, p. 65), as “fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria”. Podem ser documentos ou outras fontes de informações produzidas diretamente pelas pessoas envolvidas na situação relatada.

A apuração também fez com que Natalia Viana refletisse sobre os limites éticos do jornalismo. Por serem diálogos pessoais entre colegas, havia ali muitas informações privadas. A repórter afirma que o “jornalismo responsável” é aquele que publica apenas o que é de interesse público. Para Dent (2008) a noção dos jornalistas da separação entre informações públicas e privadas relaciona-se aos critérios de noticiabilidade e é uma prática que integra a disciplina jornalística.

A realização de parceria entre diferentes veículos de comunicação para a produção das reportagens foi uma prática mencionada em três dos programas analisados. A parceria com o site The Intercept Brasil foi o que possibilitou a realização da reportagem citada no primeiro programa. As reportagens citadas nas edições de número dois e oito do podcast também resultam de diferentes parcerias realizadas com jornais nacionais, como a Folha de S.Paulo, e veículos de outros países. Essas parcerias contrariam uma das expectativas clássicas do jornalismo que diz respeito à corrida pelo “furo” jornalístico e a concorrência entre redações. Em sua descrição, disponibilizada em seu site, a Agência Pública destaca que todas as suas reportagens podem ser republicadas gratuitamente. Além disso, o “ambiente cooperativo” é destacado como um dos valores da Agência.

A atenção ao uso da linguagem mostra-se nos programas analisados nos cuidados que os jornalistas manifestaram na escolha de certos termos em detrimento de outros. Na segunda edição do Pauta Pública, a apresentadora Andrea Dip é bastante enfática nesse ponto, ao afirmar que a reportagem produzida pelas jornalistas entrevistadas exigiu “muita responsabilidade na apuração [...] e atenção dobrada na hora de escrever, para que não se cometam injustiças” (PAUTA PÚBLICA 02, 2020). Na abertura da entrevista, a apresentadora abre um parêntese para explicar a escolha do termo “abuso sexual” em detrimento de “pedofilia”. O uso da

linguagem também é o tema central da narrativa elaborada na oitava edição do programa, como já abordamos anteriormente.

Ao explicar os procedimentos de controle discursivo em relação às práticas jornalísticas, Dent (2008) diz que as práticas relacionadas à escrita são comuns a diversas atividades, e, portanto, não constituiriam uma prática específica do jornalismo. A preocupação manifestada pelos repórteres em relação ao cuidado com a utilização de palavras e termos indica o contrário. Embora o ato de escrever não seja uma característica exclusiva do jornalismo, haveria nessa prática discursiva uma especificidade. A escrita jornalística deve ser realizada de acordo com uma série de regras e valores próprios do discurso jornalístico e estaria orientada para a busca da verdade nos fatos. Há aqui, portanto, uma relação com a vontade de verdade no jornalismo, entendida como um dos procedimentos de controle do discurso jornalístico.

Dois dos programas analisados fizeram menções ao tempo que os repórteres levaram para obter as informações ou para compreender os temas abordados. No primeiro programa, a repórter Natalia Viana diz que a reportagem *O FBI e a Lava-Jato* é a “centésima” da série sobre a Vaza-Jato⁴². O número, evidentemente exagerado, demonstra que ela se dedica ao tema já há um bom tempo. Ela também afirma que a série iniciou no começo de 2021, ou seja, cerca de nove meses antes da gravação do programa. Em outro momento, ao referir-se sobre sua pergunta inicial, Natalia Viana diz ter precisado estudar durante um ano para compreender as muitas impostas pela justiça estadunidense às empresas brasileiras.

Na segunda edição do Pauta Pública, Elisângela Colodetti explicou que foi preciso ter paciência para se chegar às informações necessárias para a reportagem. Ela relatou que conversou com a fonte por mais de um mês e já estava fechando a matéria sem esse relato. Naiana Andrade explicou que ter paciência no lugar de “afoitamento pela informação” (PAUTA PÚBLICA 02, 2020) foi outras das estratégias utilizadas para gerar empatia com as fontes. Assim como no programa anterior, aqui o tempo também parece ser um elemento importante para as práticas jornalísticas narradas no Pauta Pública. Embora a narrativa deixe claro que havia um limite para o fechamento da reportagem, o contato prolongado com as fontes demonstra que essas repórteres operavam num tempo diferenciado ao que se espera do jornalismo tradicional, muitas vezes pautado pela velocidade na obtenção de informações.

O tempo disponibilizado aos repórteres da Agência Pública para a produção de suas reportagens pode ser visto como um dos aspectos que diferencia esse veículo do jornalismo tradicional. Embora não tenha sido citado pelos autores, pensamos que o tempo pode ser um

⁴² “Vaza-Jato” é a forma como ficou conhecido o vazamento de diálogos entre juízes, procuradores e outras pessoas envolvidas na operação Lava-Jato pelo site The Intercept Brasil.

dos elementos que limita o discurso jornalístico e, portanto, constitui um dos seus procedimentos de controle associados à disciplina. Não é possível afirmar que a Agência Pública não impõe prazos aos seus repórteres. Mas a quantidade de tempo dedicado a produção dos conteúdos relatada pelos jornalistas nos faz levantar a hipótese de que essas pressões organizacionais possam dar lugar a outros tipos de expectativas dentro desse veículo, como a quantidade e a profundidade das informações obtidas pelos repórteres.

Na oitava edição do Pauta Pública, a participação do repórter Bruno Fonseca em um congresso que concentrava instituições e pessoas interessadas em processos e terapias de “reversão sexual” foi o que possibilitou a realização de sua reportagem. De acordo com o jornalista, esse tipo de evento não costumava ser divulgado e a única forma de obter informações confiáveis sobre o que ocorria neles foi se “infiltrar” em um desses congressos. No programa de número sete, o repórter Alexandre De Maio explica que ter participado do processo de apuração foi um dos diferenciais de sua reportagem em quadrinhos.

No primeiro programa analisado, a repórter Natalia Viana contou que estava nos Estados Unidos apurando informações sobre a sua reportagem quando ficou sabendo dos dados vazados pelo The Intercept Brasil. Na segunda edição do Pauta Pública, as repórteres Elisângela Colodeti e Naiana Andrade chegaram a afirmar que custearam viagens com recursos próprios para poderem ir até o local onde se encontravam as mulheres que denunciavam ter sofrido abuso sexual. A presença física dos jornalistas no local dos acontecimentos torna-se especialmente significativa num momento em que tecnologias possibilitam contato à distância e corte de despesas. Por essa razão, pensamos ser esta outra das práticas jornalísticas significativas mencionadas no Pauta Pública.

A busca por inspiração no trabalho de outros jornalistas foi mencionada apenas no programa de número sete. Os repórteres entrevistados Alexandre De Maio e Carol Ito citam o jornalista e quadrinista estadunidense Joe Sacco⁴³ como um dos precursores na produção de reportagens em quadrinhos. Essa inspiração pode ser relacionada à autoria, entendida como um dos procedimentos de controle internos do discurso. Dent (2008), em sua pesquisa, não identificou jornalistas que exercessem influência sobre o trabalho de outros, mas deixou aberta a possibilidade. O tema foi mais bem explorado por Marocco (2021c), que relacionou jornalistas autores de livros à ideia de autoria como procedimento de controle.

⁴³ Joe Sacco é um jornalista e quadrinista estadunidense reconhecido pela publicação de diversas histórias em quadrinhos que deram origem ao livro *Palestina*. A obra retrata situações reais de guerra apuradas pelo autor ao longo de mais de 100 entrevistas e contadas na forma de histórias em quadrinhos. Também autor de outros livros de jornalismo em quadrinhos, Joe Sacco recebeu diversos prêmios na área.

Apesar da distância do trabalho de Joe Sacco em relação à realidade brasileira, Alexandre De Maio citou características presentes nas obras do autor que ajudaram a definir a prática do jornalismo em quadrinhos: o jornalista se colocar na narrativa, a apresentação de informações de bastidores da apuração e a inclusão de detalhes realistas nos desenhos. São elementos, de acordo com o repórter, que não eram muito explorados em outros formatos jornalísticos. Nesse sentido, podemos relacionar as citações ao trabalho de Joe Sacco com a autoria. As características do trabalho do autor citadas por Alexandre De Maio, seriam responsáveis por imprimir identidade às suas reportagens. Essas características são absorvidas por outros jornalistas, limitando e oferecendo novas possibilidades discursivas.

Embora essa prática tenha sido citada apenas uma vez em nossa análise, destacamos essa questão porque ela abre espaço para uma outra reflexão. Alexandre De Maio e Carol Ito citam o trabalho de Joe Sacco como uma influência comum. No entanto, os dois repórteres queixam-se da falta de trabalhos mais próximos aos seus nos quais se inspirar. Curiosamente, é essa discussão realizada no programa que abre espaço para pensarmos que os próprios jornalistas entrevistados possam ter exercido a função de autores sobre o trabalho de outros profissionais.

6.4 AS AÇÕES DE RESISTÊNCIA DOS JORNALISTAS

As ações de resistência, para Marocco (2016), são resultado de um crescente processo de autonomização do jornalista, que se aproxima cada vez mais da figura do autor. A autoria, enquanto procedimento de controle do discurso, se manifesta na identidade conferida ao texto. Ou seja, para Foucault (2002), não basta que o indivíduo profira um discurso para ser considerado autor. É preciso que seus textos tenham coerência entre si, que sejam diferentes de outros dentro da mesma formação discursiva e que exerçam autoridade sobre outros discursos. Na posição de autor, os repórteres contrariam expectativas usuais do jornalismo ao adotar práticas que tensionam os procedimentos de controle do discurso.

Conseguimos verificar essa condição de autoria nos jornalistas entrevistados no terceiro programa analisado. Os repórteres Alexandre De Maio e Carol Ito dizem ter recorrido a táticas, procedimentos e práticas próprias para lidar com a falta de inspirações próximas para a realização do seu trabalho. Alexandre De Maio cita Joe Sacco como uma influência importante para o seu trabalho. No entanto, ele classifica as reportagens do autor como distantes da realidade brasileira, por se tratar de coberturas de guerras. No Brasil, de acordo com o repórter,

não havia muitas pessoas produzindo reportagens em quadrinhos. A falta de referências mais diretas fez com que os jornalistas tivessem que criar novas formas de trabalhar.

Alexandre De Maio: E eu já tinha passado, né, onze anos trabalhando praticamente diariamente como jornalista. Só que na minha cabeça isso não era muito, né, a gente não tinha não tinha uma experiência sobre isso ou como fazer. Ou como a Carol disse, minha referência era o Joe Sacco, mas ele fazia reportagens de guerra e não tinha ninguém no Brasil muito fazendo isso, né? Então fui ali testando coisas porque não tinha referência literalmente. E aí eu pus na minha cabeça como se fosse ali um, uma coisa que eu aprendi com hip hop também que foi isso, né? Que era você quer que algo dê certo, você precisa militar ali em cima dele, né? (PAUTA PÚBLICA 07, 2020).

Mesmo tendo um autor como referência em comum, portanto, os repórteres entrevistados falam da necessidade de se inventar maneiras de trabalhar. Isso, somado à caracterização dos entrevistados, como especialistas ou, no caso de Alexandre De Maio, como mestre, nos leva a pensar na possibilidade de eles mesmos se configurarem como autores. Além disso, as reportagens que os jornalistas produziram para a Agência Pública são descritas como trabalhos que abriram portas para outros repórteres. Carol Ito menciona que a reportagem publicada por Alexandre De Maio serviu de inspiração para o seu próprio trabalho.

As ações de resistência desempenhadas pelos repórteres podem ser visualizadas na sua busca por novas formas de trabalhar e na insistência em utilizar uma linguagem que não era bem aceita por público e editores. Nesse sentido, a menção do repórter Alexandre De Maio de que precisou “militar” (PAUTA PÚBLICA 07, 2020) em cima de sua ideia de trabalho reforça essa impressão. Em outro momento do programa, os jornalistas também mencionam a dificuldade de se viver apenas do jornalismo em quadrinhos, elemento que também reforça as suas atitudes de resistência em relação ao trabalho jornalístico realizado.

Pensamos que ações de resistência dos jornalistas também podem ser sugeridas nos outros programas analisados. A autonomia manifestada pelos jornalistas na busca pelas informações são exemplos dessas ações. A relação que os repórteres estabeleceram com as fontes também são elementos que os aproximam dos jornalistas autores descritos por Marocco (2016). Não verificamos, no entanto, outros elementos que demonstrem que seus textos possam exercer alguma autoridade sobre outros dentro da mesma formação discursiva.

Nesse ponto, é importante lembrar que Dent (2008) propõe que a autoria no jornalismo é exercida pelo veículo jornalístico, através de suas linhas editoriais e identidade constituída ao longo do tempo. Isso nos leva a pensar na hipótese de que algumas das práticas jornalísticas descritas pelos repórteres entrevistados no Pauta Pública possam dar a ver uma autoria quando analisadas em seu conjunto.

O autor seria, neste caso, a própria Agência Pública. Nessa posição, o veículo exerce um controle sobre os textos dos repórteres, lhes conferindo uma identidade compartilhada. Essa identidade é demonstrada pelos textos institucionais disponíveis no site da Agência Pública⁴⁴, que descrevem um conjunto de princípios e valores que guiam o trabalho de seus repórteres. Entre eles estão a produção de um jornalismo independente e investigativo, baseado na independência editorial, na promoção dos direitos humanos, na apuração baseada em fontes primárias, na construção da igualdade de gênero e na criação de um ambiente colaborativo.

Relacionar a autoria ao veículo jornalístico também nos permite compreender melhor as funções desempenhadas pelo primeiro narrador. Identificamos anteriormente que, na narrativa elaborada pelo Pauta Pública, esse papel é ocupado pelo próprio podcast. Motta (2013), ao descrever as funções dos três narradores presentes na narrativa jornalística, sugere que existe uma hierarquia que vai na direção do primeiro ao terceiro narrador. É através da posição institucional do primeiro narrador, portanto, que se impõem as marcas de autoria do veículo jornalístico na narrativa elaborada pelos demais narradores.

Ryfe (2017b) explica que é pelas ações dos indivíduos que as práticas se constituem enquanto tal. Portanto, é no conjunto dos textos publicados pela Agência Pública, que são fruto da atuação dos três narradores, conforme descreve Motta (2013), que se mostra a autoria exercida pelo veículo como um dos procedimentos de controle interno ao discurso.

Isso pode ser verificado, por exemplo, na apuração realizada por Natália Viana sobre a base de diálogos vazadas pelo The Intercept Brasil, que ecoa um dos valores defendidos pela Agência Pública: a apuração baseada em fontes primárias. A utilização dessa fonte também demonstra o aspecto investigativo do jornalismo produzido pela repórter. As informações obtidas com os dados vazados foram confrontadas com novas pesquisas e com entrevistas a fontes oficiais. Essa ação também reflete a independência editorial do veículo, que buscou nesses diálogos respostas a perguntas “básicas” que não haviam sido respondidas pela grande imprensa.

Naiana Andrade e Elisângela Colodetti, em suas reportagens, também recorreram a fontes que podem ser consideradas primárias: as mulheres que diziam ter sofrido abusos sexuais. A relação com as fontes foi construída de maneira empática, oferecendo voz a indivíduos que antes não eram ouvidos. Bruno Fonseca também buscou essa aproximação ao

⁴⁴ Disponível em: https://apublica.org/quem-somos/?gclid=Cj0KCQiA14WdBhD8ARIsANao07gWwxSCxBHK_H0UNH4bX6vDYAuWNGt8_Zu5IqmooiCprzliX17u-XsaAs5tEALw_wcB. Acesso em 20 dez. 2022.

participar de um congresso na condição de “infiltrado” e se expor aos mesmos riscos e violências que suas fontes diziam ter sofrido.

Essas atitudes ecoam as descrições de Marocco (2021a) a respeito dos jornalistas autores que realizam ações de resistência. Entre as seis características levantadas pela autora, estão a presença do corpo e a exposição às sensações na relação dialógica com o outro, o que contraria a racionalidade jornalística dominante em relação à neutralidade do repórter, e a função diferenciada para a fonte jornalística, que se constituem como sujeitos do próprio discurso (MAROCCO, 2021a). Essa aproximação entre as atitudes da figura discursiva descrita por Marocco (2021a) e os jornalistas entrevistados no Pauta Pública nos leva a crer que as práticas descritas no programa podem ser vistas como ações de resistência, considerando a Agência Pública como o autor que permite a ocorrência desses discursos.

Uma pergunta que nos acompanhou durante a realização desse trabalho foi, no entanto, em relação a o que exatamente esses repórteres resistem. Marocco (2016) explica que os procedimentos de controle discursivo conformam um “código” que circula nos espaços de produção jornalísticos. Em sua pesquisa, a autora identificou que os repórteres identificam algo que pode se considerar como os “jornalismos” (MAROCCO, 2016, p. 35), ou seja, fazem a leitura de que não há apenas uma forma pela qual se materializa a prática profissional. Pelo contrário, eles tensionam o que pode se considerar como o “bom” e o “mau” jornalismo.

As ações de resistência dos jornalistas parecem se dar, portanto, contra o que eles consideram como uma prática geral realizada principalmente pelos veículos tidos como tradicionais. Isso pode ser visto na maneira generalista como os repórteres entrevistados no Pauta Pública referiram-se aos outros veículos de imprensa. Eles utilizaram termos como “a nossa imprensa” (PAUTA PÚBLICA 01, 2020), “mídia” e “imprensa” (PAUTA PÚBLICA 02, 2020 e PAUTA PÚBLICA 08, 2021) e “mídia hegemônica” (PAUTA PÚBLICA 07, 2020). Essas ações podem ser vistas como atitudes críticas dos repórteres em relação ao jornalismo. A crítica das práticas jornalísticas, exigindo um trabalho de reflexão sobre os fundamentos da profissão, foi outra das seis características associadas por Marocco (2016) aos repórteres autores de livros e que realizariam ações de resistência.

Marocco (2016) mostra que o processo de autonomização do jornalista também o leva a produzir materiais em outros espaços. A autora identificou os livros de repórteres como um local onde os jornalistas dão ver ações de resistência e criticam os modos de se fazer o jornalismo. A crítica, portanto, pode ser uma forma pela qual os repórteres confrontam as suas práticas com aquelas que consideram usuais no jornalismo. Isso é possível porque, de acordo com Marocco (2021d), os atores sociais são capazes de explicar o que fazem. Também vimos

com Ryfe (2017b) que os membros de uma determinada formação discursiva, como o jornalismo, possuem um entendimento comum a respeito de seu funcionamento.

A crítica às práticas jornalísticas pode ser equiparada ao comentário, entendido como outro dos procedimentos de controle interno do discurso. O comentário é um segundo texto que tem por objetivo desvelar sentidos que estavam ocultos em textos anteriores. No jornalismo, de acordo com Marocco (2021c), o comentário se manifesta em textos que tratam do próprio jornalismo, desvelando certas maneiras de praticá-lo. No Pauta Pública, esses comentários revelaram-se críticos, portanto, porque normalmente foram elaborados a partir do que os jornalistas consideraram como certo ou errado, ou, ainda, próprio ou impróprio dentro da formação discursiva.

Nesse sentido, os episódios analisados do Pauta Pública podem ser vistos como comentários tecidos sobre reportagens que foram publicadas anteriormente no site da Agência Pública. São textos construídos a partir de entrevistas dialogais com jornalistas que se tornam fontes por serem especialistas nas práticas jornalísticas que utilizam e por terem testemunhado alguns dos acontecimentos sobre os quais tecem suas narrativas. Como vimos no item anterior dessa análise, esses acontecimentos muitas vezes referem-se ao próprio processo de apuração das reportagens.

Dentro das narrativas, o comentário se manifestou quando os repórteres se dispuseram a refletir de forma mais direta sobre o jornalismo. No primeiro episódio do programa, identificamos alguns momentos em que isso ocorre. Ao falar sobre o processo de apuração na base de dados fornecida pelo The Intercept Brasil, Natalia Viana acaba por reafirmar uma das funções básicas do jornalismo: a separação entre informação de interesse público e informação de interesse privado.

Natalia Viana: E mais interessante ainda, você pensar um pouco todas as questões dos limites éticos que isso implicava. Porque são diálogos, é... criptografados, mas há diálogos entre colegas, há diálogos entre, ã... pessoas que são marido e mulher. Então, obviamente, a base de dados, ela tem muito mais. Gente, eu sei de várias fofocas, mas não vou falar porque é assim que faz, se faz jornalismo [risos], é assim que se faz jornalismo responsável, né? A gente só publicou o que era de interesse público (PAUTA PÚBLICA 01, 2020).

O texto publicado por Natalia Viana, conforme narrado por ela durante o programa, questiona a atuação de membros da operação Lava-Jato em relação ao espaço dado para que investigações do FBI ocorressem em solo brasileiro. Trata-se, em suma, de uma acusação. Ao fazer uma pergunta à repórter, o apresentador Thiago Domenici afirma que o “bom jornalismo” é aquele que busca a versão dos acusados (PAUTA PÚBLICA 01, 2020). Indica, portanto, que,

além de separar o público do privado, o jornalismo ético é aquele dá voz aos interesses antagônicos da sociedade.

Em outro momento do programa, Natalia Viana afirma que o papel do jornalismo é o de responder às perguntas mais simples. Essa afirmação ecoa uma das práticas que Dent (2008) associou à vontade de verdade, entendida como um dos procedimentos de controle do discurso. No jornalismo, ela se manifesta no papel questionador dos jornalistas, que buscam separar o conhecimento verdadeiro do conhecimento falso. Ao exemplificar as perguntas às quais o jornalismo deve responder, a fala de Natalia Viana lembra a construção do lead jornalístico.

Natália Viana: É... e é isso que, que o jornalismo, ele... você, você tem que responder às perguntas mais simples. Por que que uma pessoa fez alguma coisa, o que a levou a isso e qual que foi a consequência do ato (PAUTA PÚBLICA 01, 2020).

Comentários relacionados ao papel da imprensa que revelaram ações que podem ser consideradas como ações de resistência dos jornalistas entrevistados também foram encontrados nos outros programas analisados. No segundo episódio, Elisângela Colodetti e Naiana Andrade criticam o fato de a imprensa só ter se interessado pelo caso após a repercussão gerada pela reportagem delas. Na sétima edição do Pauta Pública, Carol Ito diz ver no jornalismo em quadrinhos uma possibilidade de trabalhar com temas geralmente ignorados pela “mídia hegemônica” (PAUTA PÚBLICA 07, 2020). No episódio de número oito, os jornalistas criticam a utilização do termo “cura gay” por parte de outros veículos de imprensa.

Através da nossa análise, entendemos, portanto, que as ações de resistência dos jornalistas entrevistados no podcast Pauta Pública em relação aos procedimentos de controle do discurso puderam se mostrar de duas maneiras: através de práticas que se relacionam com a autoria enquanto procedimento de controle interno do discurso e de comentários tecidos sobre o fazer jornalístico. É interessante destacar que esses comentários não são dirigidos ao jornalismo de maneira geral, mas sobre formas de praticá-lo. As ações de resistência dos repórteres parecem reafirmar valores fundamentais do jornalismo. No podcast Pauta Pública, o jornalismo é uma ferramenta importante para explicar “esses tempos tão complexos”. O repórter deve responder às perguntas mais simples, participar dos acontecimentos públicos, relacionar-se de forma empática com as fontes e dar voz a elas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos as narrativas sobre as práticas jornalísticas elaboradas pelos repórteres entrevistados no podcast Pauta Pública. Em nossos capítulos teóricos iniciais, identificamos o jornalismo como conformador de narrativas sobre a contemporaneidade. Através de seus textos, publicados sob as mais variadas estéticas, os jornalistas criam representações do mundo, construindo histórias coerentes com início, meio e fim. Essas narrativas expõem significados e valores sobre diversos temas que são compartilhados pela sociedade.

A ideia central dessa pesquisa é que, ao trazer jornalistas para falarem sobre as suas reportagens, o podcast Pauta Pública permite a construção de narrativas que configuram e reconfiguram as práticas jornalísticas. Os textos elaborados pelo programa constituem modos específicos de narrar, caracterizados pela linguagem em áudio, o que aproxima o podcasting do jornalismo radiofônico, e pela realização de entrevistas com jornalistas.

Entendemos as práticas jornalísticas como um conjunto de princípios, valores e ações que são interiorizados e compartilhados pelos jornalistas. Para que o jornalismo exista da forma como o conhecemos, é necessário que ele seja caracterizado por determinadas práticas específicas que são performadas pelos indivíduos que integram a profissão. Essas práticas específicas, que fazem com que o jornalismo seja uma coisa e não outra, podem ser vistas como procedimentos de controle do discurso.

Apesar de definirem quais indivíduos estão aptos a ter voz e conformar e limitar o universo de discursos possíveis, esses procedimentos não são completamente estanques. No cotidiano profissional, os jornalistas encontram espaço para agir de acordo com suas necessidades e suas visões de mundo. Essas ações, que podem ser lidas como de resistência em relação aos procedimentos de controle, são evidenciadas nos comentários e nas críticas que os jornalistas tecem em determinados espaços, como no podcast Pauta Pública. As atitudes que contrariam aquilo que é esperado dentro da formação discursiva também aproxima os repórteres da figura do autor, entendida como um dos procedimentos de controle do discurso.

Ainda em relação aos nossos capítulos teóricos, identificamos o podcasting como uma prática relativamente recente. Ela tem sido cada vez mais apropriada por veículos de comunicação tradicionais e independentes, como a Folha de S.Paulo e a Agência Pública, por exemplo. Caracteriza-se pela utilização da linguagem sonora em conjunto com outros elementos, como textos, fotos, vídeos e espaços para interação. Configura-se, portanto, como mais um espaço possível para que as empresas jornalísticas alcancem suas audiências.

Embora haja uma diversidade de gêneros e formatos sendo produzidos atualmente, identificamos que os programas jornalísticos de entrevistas sobre temas únicos e ligados a veículos reconhecidos são uma forma de produção constante. Esses programas trazem, muitas vezes, os próprios jornalistas que trabalham para o veículo como fontes de informação. Esse é o caso do nosso objeto de estudo, o podcast Pauta Pública. Pensamos, portanto, que esse programa pode possibilitar a construção de narrativas sobre as práticas jornalísticas e que estas podem ser relacionadas aos procedimentos de controle do discurso.

Com esse objetivo, analisamos quatro programas publicados entre 2020 e 2021 que trouxeram jornalistas autores de reportagens publicadas pela Agência Pública como fontes de informações. A nossa observação se deu sob um protocolo de análise construído a partir da metodologia da Análise Crítica da Narrativa. Também procuramos identificar os elementos sonoros e parassonoros que caracterizam a narrativa elaborada pelo programa. O método nos permitiu desconstruir as narrativas e nos deter sobre os elementos que mais nos interessavam. Assim, dividimos a nossa análise em quatro momentos: os elementos sonoros e parassonoros, a atuação dos narradores e o papel dos jornalistas entrevistados como fontes de informações, as práticas jornalísticas narradas pelos repórteres e as ações de resistência dos jornalistas.

Ao nos deter sobre os elementos sonoros e parassonoros que integram a linguagem do podcast, pudemos confirmar a afirmação de Vicente (2021, p. 297) de que “a grande novidade do rádio na internet é o áudio”. Apesar de trazer outros elementos possibilitados pela característica multimídia da internet, como textos, links e imagens, o texto do Pauta Pública é construído majoritariamente através da linguagem sonora. Tão importante quanto esta constatação, foi a observação de que o principal elemento sonoro utilizado no programa é a voz humana.

É principalmente através da voz, portanto, que o Pauta Pública constrói narrativas que falam sobre o jornalismo. Essa característica permite que entrevistadores e entrevistados construam narrativas em conjunto, através de uma entrevista que se assemelha a uma conversa. Nesse ambiente controlado estabelecido pela entrevista dialogal (LAGE, 2002), os jornalistas sentem-se à vontade para falar sobre as suas práticas e para comentar e criticar o próprio jornalismo.

O segundo elemento de nossa análise demonstrou o protagonismo dos terceiros narradores na elaboração narrativa feita pelo programa. Também denominados personagens, de acordo a metodologia proposta por Motta (2013), esse narrador é constituído pelos repórteres entrevistados. O Pauta Pública coloca, portanto, os repórteres entrevistados como personagens de uma narrativa em que a produção do conteúdo jornalístico é um dos assuntos principais. Na

condição de personagens de suas próprias histórias, identificamos que os repórteres entrevistados experimentam conflitos e solucionam problemas. Essa é uma das possibilidades conferidas pela metodologia da Análise Crítica da Narrativa.

Identificamos também que esses personagens ocupam a função de fontes especialistas. Isso pode ser observado na forma como os jornalistas são caracterizados, com destaque para o tempo de trabalho e os prêmios adquiridos em suas carreiras. Essa caracterização também dá a ver a existência dos procedimentos de controle externos ao discurso, constituídos por processos de seleção e exclusão dos sujeitos que falam. Em nossa análise, também identificamos a função de fontes testemunhais na atuação dos jornalistas entrevistados. Isso ocorre nos momentos em que eles trazem a sua participação e o seu olhar a respeito dos eventos narrados.

Após termos realizado essas observações iniciais, passamos a investigar as práticas jornalísticas mencionadas pelos repórteres entrevistados. Em primeiro lugar, conseguimos verificar a existência de uma narrativa que fala sobre o jornalismo. Este texto, que não deixa de abordar os acontecimentos, cria histórias com início, meio e fim sobre a prática jornalística através da descrição de práticas profissionais e reflexões dos repórteres sobre a profissão. Pudemos observar, portanto, o jornalismo enquanto conformador de narrativas, na medida em que cria representações sobre a realidade, conforme descrito por autores como Leal (2013). No caso do Pauta Pública, essas narrativas criam representações sobre as práticas jornalísticas.

Foi possível, portanto, construir resumos-síntese destacando essa camada narrativa. É interessante notar como a desconstrução gradual desses textos foi revelando temas centrais que perpassaram cada um dos episódios analisados. No primeiro programa, o tema principal foi a capacidade da jornalista de fazer e responder às perguntas mais simples. No segundo, o papel dos jornalistas de dar voz às suas fontes através de uma abordagem empática. No terceiro, a utilização de estéticas diferenciadas para tratar de temas sérios que nem sempre são abordados pela imprensa tradicional. No último episódio analisado, o tema central foi o cuidado com a utilização da linguagem pelos jornalistas.

Ao dividir os textos em episódios narrativos e nomeá-los, foi possível observar que os repórteres descrevem e refletem sobre um conjunto de práticas profissionais que estão balizadas por um entendimento a respeito do que é e para o que serve o jornalismo. Tal observação reverbera as definições de Ryfe (2017) e Marocco (2021) a respeito das práticas jornalísticas, e as de Dent (2008) a respeito do jornalismo enquanto formação discursiva.

Além de estabelecer temas centrais sobre o jornalismo, os repórteres entrevistados também mencionaram práticas específicas. Destacamos a relação e a seleção das fontes, a atenção ao uso da linguagem, o tempo disponível para apuração e a presença dos jornalistas no

local dos acontecimentos. Os temas centrais identificados em nossa análise têm relação com a descrição de Dent (2008) a respeito da função do jornalismo de servir como porta-voz do público através de discursos que tenham impacto no mundo real. Ainda seguindo o pensamento do autor, pensamos que as práticas jornalísticas mencionadas pelos repórteres se relacionam com a disciplina, entendida como um dos procedimentos de controle internos do discurso jornalístico, e que tem por função permitir que o jornalismo concretize seu objetivo principal.

Finalizando a nossa análise, procuramos identificar se as práticas jornalísticas mencionadas pelos repórteres podem ser relacionadas à noção de ações de resistência dos jornalistas, tal qual proposta por Marocco (2016). Essa resistência em relação aos procedimentos de controle discursivo pode se mostrar de duas maneiras. Uma delas é através de um conjunto de práticas diferenciadas performadas por repórteres que se distanciam cada vez mais dos ambientes tradicionais de produção jornalística, alcançando o status de autor. A outra, é através da realização de comentários e críticas ao jornalismo em espaços específicos como o proporcionado pelo podcast Pauta Pública.

Verificamos a ocorrência dessas duas situações nos programas analisados. A noção de autoria em relação ao trabalho dos jornalistas pôde ser visualizada em apenas um dos episódios. Os repórteres autores de reportagens em quadrinhos, entrevistados na sétima edição do Pauta Pública, por terem poucas influências sob as quais trabalhar, criam práticas próprias e influenciam o trabalho de outros jornalistas. No entanto, levantamos a hipótese de que, caso a autoria seja deslocada para o veículo jornalístico, como propõe Dent (2008), a própria Agência Pública possa se configurar como um autor. Nesse papel, ela permite práticas que podem ser lidas como de resistência em relação aos procedimentos de controle discursivos e que a distanciam dos modos tradicionais de produção jornalística.

Também observamos a ocorrência de comentários e críticas em relação ao jornalismo realizados pelos repórteres entrevistados. Essas falas foram dirigidas ao que pode ser lido como uma noção generalizada do jornalismo praticado pelos veículos de comunicação tradicionais. Ao fazê-lo, os repórteres entrevistados no Pauta Pública procuraram diferenciar o seu trabalho dessas produções. O mais interessante nessa observação é que eles realizaram essas críticas ao mesmo tempo em que reafirmaram valores fundamentais do jornalismo.

Um outro ponto importante sobre o comentário, é que, se considerarmos que as narrativas elaboradas pelo Pauta Pública são discursos que se referem explicitamente a outros textos que lhes são anteriores, também é possível sugerir que o programa constitui, ele mesmo, um comentário sobre a prática jornalística. Ao entendermos o comentário como um dos

procedimentos que controlam o discurso, é de se perguntar de que forma programas como esse podem influenciar o trabalho de outros jornalistas.

Essa reflexão nos leva a sugestão de outras pesquisas que podem ser realizadas sobre o tema. Pensamos que o nosso trabalho abre diversos caminhos para que se continue a investigar os podcasts jornalísticos. Um deles é justamente sobre o público que consome esses programas. Ao abordar a prática jornalística, será que programas como o Pauta Pública são ouvidos por jornalistas ou estudantes de jornalismo? Se é, ele exerce alguma influência direta sobre a prática desses profissionais ou os leva a refletir sobre as suas ações?

Também é possível realizar outras indagações relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. Sobre a linguagem, já sugerimos em outro ponto deste trabalho que a utilização de vídeos em podcasts possa ser melhor investigada. Sobre o papel dos jornalistas enquanto fontes de informações, é possível perguntar se a participação deles em podcasts tensiona conceitos fundamentais do jornalismo, como a objetividade e a neutralidade.

Um último ponto importante de ser levantado na conclusão de nosso trabalho é um tema que também pode ser melhor investigado. Diz respeito a reflexão de Sacramento (2020) a respeito da mudança do regime de verdade na contemporaneidade. Para o autor, o regime de verdade, antes baseado na confiança nas instituições, estaria se deslocando para outro, regulado pela experiência pessoal. O trabalho de Oliveira, Nickel e Kalsing (2020) também demonstra que os podcasts se tornam um espaço de aprofundamento da informação. Isso soa especialmente relevante num contexto em que se denuncia a brevidade e fugacidade das informações disponibilizadas na internet.

Nesse sentido, é interessante refletir sobre como, num cenário de crise de confiança do público em relação à instituição jornalística, veículos como a Agência Pública recorrem à linguagem dos podcasts para possivelmente tentar reestabelecer uma relação de proximidade com a sua audiência. Estes programas deslocam a credibilidade do relato jornalístico para os repórteres, tendo como base as suas experiências. Assim como argumenta Sacramento (2020) em relação ao debate da pós-verdade, esses podcasts estariam enfatizando o caráter testemunhal em suas narrativas. O relato desses jornalistas seria credível porque eles estiveram lá, viram e viveram os acontecimentos reportados.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ANTUNES, Elton. Narrativa. *In*: FRANÇA, V.; MARTINS, B.; MENDES, A. (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – PPGCOM – UFMG, 2014. p. 191-199. Disponível em: https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Gris_Trajet%C3%B3ria-conceitos-e-pesquisa-em-comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 13 fev. 2023.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. *In*: CANAVILHAS, J. (Org.) **Notícias e Mobilidade: o Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013. p. 33-54. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/livro/94>. Acesso em 13 fev. 2023.

BERTASSO, Daiane. **Jornalismo de revista e ethos discursivo: as imagens de si nas capas e nos editoriais de *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital***. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95065>. Acesso em 13 fev. 2023.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1999. p. 263-277.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BORGES, Natany; PICCININ, Fabiana. Bastidores em cena: notas sobre o programa Não Conta Lá em Casa. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3149-1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BUFARAH, Álvaro. Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43, Virtual. **Anais [...]**. Virtual: UFBA, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2533-1.pdf>. Acesso em 13 fev. 2023.

CHAGAS, Luã José Vaz. **Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/8854>. Acesso em 13 fev. 2023.

CUNHA, Luiz Cláudio. A entrevista: 1 fundamento, 2 perguntas, 3 condições. *In: MAROCCO, B. (Org.). Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 55-74.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. A entrevista contada: estratégias, procedimentos e formatos. *In: MAROCCO, B. (Org.). Entrevista na prática jornalística e na pesquisa*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 83-100.

DENT, Chris. Journalists are the confessors of the public, says one Foucaultian. *Journalism*, v. 9, n. 2, p. 200-219, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884907086875>. Acesso em: 31 jul. 2022.

DICAS para um podcast de sucesso. [S.l.]: The International Journalists' Network, 31 mar. 2021. 1 vídeo (1h18min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KhGUDgwdzmI&t=2s>. Acesso em 04 fev. 2023. Participação de Magê Flores, editora de podcasts da Folha de S.Paulo e apresentadora do podcast Café da Manhã.

FERRARETTO, Luiz Artur. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. Anais [...]*. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0046-1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio**: Do roteiro à direção. Tradução Eduardo Medistch e Juliana Gobbi Betti (Org.). Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. *Revista FAMECOS*, v. 19, n. 2, p. 410-437, out. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.2.12323>. Acesso em: 31 jul. 2022.

_____. Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido. *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Virtual. Anais [...]*. Virtual: Unicap, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/marcelo-kischinhevsky.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. *Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana*, v. 11, n. 01, p. 06-12, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333>. Acesso em: 31 jul. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais [...]*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0989-1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2002. 189 p.

LEAL, Bruno Souza. As estéticas do jornalismo em transformação: perspectivas de pesquisa em comunicação. *In*: SILVA, G.; KÜNSCH, D. A.; BERGER, C.; ALBUQUERQUE, A. (Orgs.). **Jornalismo Contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2011. p. 103-117.

_____. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. *In*: **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 25-48.

LOPEZ, Debora Cristina. **Novo Rádio, Velhas Narrativas: apropriações estéticas na Ficção e no Jornalismo Sonoros**. Covilhã, Portugal: Editora LabCom, 2022. 131 p. Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/novo-radio-velhas-narrativas-apropriacoes-esteticas-na-ficcao-e-no-jornalismo-sonoros/>. Acesso em 13 fev. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 156 p.

MAROCCO, Beatriz. Como interrogar as práticas jornalísticas desde uma abordagem crítica? *In*: MAROCCO, B.; ZAMIN, A. (Orgs.). **Crítica das práticas jornalísticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021a. p. 409-448. Disponível em: <https://www.ufsm.br/editoras/facos/critica-das-praticas-jornalisticas>. Acesso em 13 fev. 2023.

_____. Os procedimentos de controle e a resistência na prática jornalística. *In*: MAROCCO, B.; ZAMIN, A. (Orgs.). **Crítica das práticas jornalísticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021b. p. 63-82.

_____. Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. *In*: MAROCCO, B.; ZAMIN, A. (Orgs.). **Crítica das práticas jornalísticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021c. p. 83-101.

_____. Outra via para interrogar as práticas jornalísticas. **Galáxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, n. 46, p. 1-17, publicação contínua, 2021d. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/50598/35144>. Acesso em: 31 jul. 2022.

_____. **Ações de resistência no jornalismo: “Livro de repórter”**. Florianópolis: Insular, 2016. 172 p.

MARTINO, Luís Mauro Sá; COUTO, Ana Luíza. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Radio-leituras**, Ouro Preto, v. 9, n. 2, p. 48-68, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/1394>. Acesso em 13 fev. 2023.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17., 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2019. Disponível em:

<https://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/2030/1173>. Acesso em 13 fev. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013. 254 p.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

NEE, Rebeca; SANTANA, Arthur. Podcasting the Pandemic: Exploring storytelling formats and shifting journalistic norms in news podcasts related to the Coronavirus. **Journalism Practice**, [S.l.], v. 16, n. 8, p. 1559-1577, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1882874>. Acesso em: 14 out. 2022.

NEWMAN, Nick; GALLO, Nathan. **News Podcasts and the Opportunities for Publishers**. Reuters Institute e University of Oxford, 2019. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2019-12/Newman_Gallo_podcasts_FINAL_WEB_0.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. **Daily News Podcasts: Building New Habits in the Shadow of Coronavirus**. Reuters Institute e University of Oxford, 2020. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/node/4566>. Acesso em: 20 abr. 2023.

O APROFUNDAMENTO de notícias no podcast diário. [S.l.]: Núcleo de Estudos em Rádio – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 17 jun. 2021. 1 vídeo (1h42min). [Live]. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=538979573953629>. Acesso em 04 fev. 2023. Participação de Letícia Arcoverde, apresentadora do podcast Durma com Essa do Nexo Jornal, e Roberto Maltchik, apresentador do podcast Ao Ponto do jornal O Globo.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; NICKEL, Barbara; KALSING, Janaína. A notícia contada, explicada e conversada: colaboração e mediação no jornalismo praticado em podcast no Brasil. **Fronteira – estudos midiáticos**, Porto Alegre, v. 22, n. 03, p. 148-160, set./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.223.12>. Acesso em: 13 fev. 2023.

PAUTA PÚBLICA 01: O FBI e a Lava Jato. Entrevistada: Natalia Viana. Entrevistadores: Andrea Dip e Thiago Domenici. São Paulo: Agência Pública, 25 set. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/58d4Ll89gYJKi5gJIw0pS0?si=4f002b88dbdf4b16>. Acesso em: 4 jul. 2022.

PAUTA PÚBLICA 02: Cinco mil crianças e um suspeito. Entrevistadas: Elisângela Colodetti e Naiana Andrade. Entrevistadores: Andrea Dip e Thiago Domenici. São Paulo: Agência Pública, 09 out. 2020. **Podcast**. Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2020/10/podcast-pauta-publica/podcast-cinco-mil-criancas-e-um-suspeito/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

PAUTA PÚBLICA 07: Jornalismo em quadrinhos. Entrevistados: Alexandre de Maio e Carol Ito. Entrevistadores: Andrea Dip e Thiago Domenici. São Paulo: Agência Pública, 18 dez. 2020.

Podcast. Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2020/12/podcast-pauta-publica/podcast-jornalismo-em-quadrinhos/>. Acesso em 4 fev. 2023.

PAUTA PÚBLICA 08: Nega-te a ti mesmo – exorcismos e tortura psicológica nas terapias de reversão sexual. Entrevistados: Bruno Fonseca e Mariama Correia. Entrevistadores: Andrea Dip e Thiago Domenici. São Paulo: Agência Pública, 15 jan. 2021. **Podcast.** Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2021/01/podcast-pauta-publica/podcast-nega-te-a-ti-mesmo-exorcismos-e-tortura-psicologica-nas-terapias-de-reversao-sexual/>. Acesso em 4 fev. 2023.

PEREIRA, Fábio Henrique. Conversando com jornalistas – A perspectiva do interacionismo simbólico. In: MAROCCO, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 31-45.

PISA, L.; SOUZA, R.; VIZIBELI, D. **Análise do discurso: conceitos e aplicações**. Pouso Alegre: Lume Editora, 2018. 78 p.

QUADROS, Mirian Redin de. **O lugar do ouvinte nas narrativas radiofônicas: concessão de voz e critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/15122>. Acesso em: 13 fev. 2023.

_____. Análise de narrativas jornalísticas radiofônicas: reflexões sobre os desafios metodológicos da pesquisa em rádio. In: MAIA, M.; MARTINEZ, M. (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018, p. 317-331. Disponível em: https://www.academia.edu/47784487/An%C3%A1lise_de_narrativas_jornal%C3%ADsticas_radiof%C3%B4nicas_reflex%C3%B5es_sobre_os_desafios_metodol%C3%B3gicos_da_pesquisa_em_r%C3%A1dio. Acesso em 13 fev. 2023.

QUADROS, Mirian Redin de; AMARAL, Márcia Franz. Análise Crítica da Narrativa aplicada ao radiojornalismo: uma proposta de adaptação metodológica. **Tríade**, Sorocaba, v. 5, n. 9, p. 82-97, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2958/2683>. Acesso em: 31 jul. 2022.

REIS, Clóvis. Taxonomia dos gêneros jornalísticos no rádio: proposta de uma nova tipologia. **Comunicação & Sociedade**, s/l, ano 32, n. 54, p. 51-70, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/1134>. Acesso em 13 fev. 2023.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Contracampo: Brazilian journal of communication**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 85-101, 1º sem. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i12.560>. Acesso em: 31 jul. 2022.

_____. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629>. Acesso em: 31 jul. 2022.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (tomo 1)**. Campinas: Papyrus, 1994.

RYFE, David. News routines, role performance and change in journalism. *In*: MELLADO, C.; HELLMUELLER, L.; DONSBACH, W. (Eds.). **Journalistic role performance: Concepts, contexts and methods**. Nova York: Routledge, 2017a.

_____. A practice approach to the study of news production. **Journalism**, v.1, n.2, p. 1-17, mar. 2017b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884917699854>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SACRAMENTO, Igor. Fake news e saúde: regime de verdade e consumo de informações na contemporaneidade. *In*: **Fake News e Saúde**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42586>. Acesso em 13 fev. 2023.

SANTA-CRUZ, Lucia; BARSOTTI, Adriana. O jornalista como fonte: Os casos dos podcasts Café da Manhã e Ao Ponto. **Comunicação Pública**, [S.l.], v. 16, n. 31, 2021. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/69>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SOUZA, Juliana de; FORT, Mônica Cristina; BOLFE, Juliana Simões. Produção Audiofônica: uma análise de estilos frequentes na podosfera brasileira. **Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 11, n. 01, p. 78-11, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4324>. Acesso em 13 fev. 2023.

SILVA, Sérgio; SANTOS, Régis. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa sobre os podcasts mais populares no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4317>. Acesso em 13 fev. 2023.

TRAVANCAS, Isabel. A entrevista no jornalismo e na antropologia: pesquisando jornalistas. *In*: MAROCCO, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 15-30.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo: Brazilian journal of communication**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, s/p, dez./2020-mar/2021, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.43248>. Acesso em: 13 fev. 2023.

VICENTE, Eduardo. A grande novidade do rádio na internet é o... áudio! **Rumores**, [S.l.], v. 15, n. 29, p. 277-299 jan./jun., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2021.183972>. Acesso em 13 fev. 2023.

_____. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. *In*: SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene (Orgs.). **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018. p. 88-107.

VIEIRA, Karine; VEIGA, Marcia.; FURTADO, Thaís. As narrativas de si e os modos de operar na construção das práticas jornalísticas por jornalistas. *In*: MAROCCO, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 129-143.

VOGEL, Daisi L. A entrevista, um traçado aberto. *In*: MAROCCO, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 101-116.

ZAMIN, Ângela. A crítica das práticas no dizer do repórter. *In*: MAROCCO, B.; ZAMIN, A. (Orgs.). **Crítica das práticas jornalísticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021. p. 153-172.

ZAMIN, Ângela. *et al.* “O mundo tem que saber disso de alguma maneira”: crítica das práticas jornalísticas na reflexão de jornalistas brasileiras. **Animus**: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, v.14, n.28, p. 239-240, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2175497718210>. Acesso em: 31 jul. 2022.

ZAMIN, Ângela; SCHWAAB, Reges. Um acidente no relato, um atentado na edição; e outras reflexões acerca das práticas jornalísticas. **Galáxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, n. 34, p. 163-174, jan.-abr., 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/27205/22312>. Acesso em: 31 jul. 2022.

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO INDIVIDUAL DOS EPISÓDIOS NARRATIVOS NOS PROGRAMAS ANALISADOS

Pauta Pública 01: O FBI e a Lava-Jato	
<p>Sinopse: Natália Viana, repórter da Agência Pública, produzia uma série de reportagens sobre a Operação Lava-Jato. Apesar da intensa cobertura da mídia sobre o tema, uma pergunta fundamental ainda não havia sido respondida. Ao tomar conhecimento de áudios vazados por outro veículo jornalístico, a repórter viu a oportunidade de respondê-la. Para isso, Natália recorreu a uma parceria com este veículo, a apuração em bases de dados, ao estudo de leis e a consultas com fontes oficiais. O processo de apuração a fez refletir sobre o próprio papel do jornalismo, que, para ela, é o de responder às perguntas mais simples.</p>	
Episódio narrativo 1: O podcast Pauta Pública	
<p>O Pauta Pública é descrito como uma produção aguardada tanto pelos apresentadores quanto pela audiência. Sua existência é creditada ao público apoiador do site. Define-se como uma conversa aberta com jornalistas sobre reportagens que ajudam a entender os tempos atuais.</p>	
Episódio narrativo 2: A reportagem	
<p>O episódio refere-se a uma reportagem de mesmo título publicada no site da Agência Pública. Refere-se a uma investigação sobre as relações entre o FBI e os integrantes da Operação Lava-Jato a partir de uma base de dados composta por diálogos vazados pelo site The Intercept Brasil. Nomeada como “apuração”, é parte de uma cobertura mais ampla. Partiu de uma pergunta que, para a repórter Natalia Viana, a “grande mídia” falhou em responder: por que a Odebrecht e a Petrobrás estão sendo penalizadas nos Estados Unidos por casos de corrupção que ocorreram no Brasil?</p>	
Episódio narrativo 3: O processo de apuração	
Episódio narrativo 3.1: Parceria com outros veículos	<p>Natália Viana já trabalhava no tema há algum tempo, realizando uma série de reportagens. A imprensa brasileira, em geral, já havia noticiado claramente os casos de corrupção envolvendo a Odebrecht e a Petrobrás e a aplicação de multas milionárias. O que não se sabia, de acordo com a repórter, eram “os meandros, as nuances”. Ao saber dos diálogos vazados pelo site The Intercept Brasil, viu uma oportunidade de responder à sua pergunta e buscou uma parceria com o site.</p>
Episódio narrativo 3.2: Apuração em base de dados	<p>A utilização da base de dados de diálogos vazados apresentou um desafio especial para a reportagem. Isso se deu em razão de não constituírem um bloco de informações coeso, exigindo um processo de análise e reconstrução da jornalista. Essa apuração também levou Natalia Viana a refletir sobre a ética no jornalismo, em razão da existência de informações pessoais que não são de</p>

	interesse público. Para ela, o jornalismo deve publicar o que é de interesse público e proteger informações privadas.
Episódio narrativo 3.3: Relação com fontes oficiais	De acordo com um dos apresentadores, o “bom jornalismo” é aquele que ouve todos os lados. As fontes oficiais, no entanto, falharam em fornecer as informações para Natalia Viana. As assessorias não ofereceram boas informações, comportando-se de maneira “escorregadia”. Uma fonte criticou uma de suas perguntas, classificando-a como “boba” e encerrando a entrevista. A conclusão da jornalista a leva de volta à questão inicial: o papel do jornalismo é o de responder às perguntas mais simples.

Fonte: elaboração própria

Pauta Pública 02: Cinco mil crianças e um suspeito	
<p>Sinopse: Naiana Andrade, então repórter de uma emissora de televisão, recebeu uma denúncia de um morador da cidade de Várzea da Palma, em Minas Gerais, sobre um possível caso de abuso sexual. A pauta foi recusada pela emissora por falta de informações. Suspeitando da gravidade do caso, Naiana Andrade, junto da repórter Elisângela Colodetti, iniciaram a apuração do caso. Descobriram que os abusos sexuais cometidos por Dinamá Pereira de Resende podiam ter atingido muitas crianças. Assim como a emissora de TV que recusou a pauta, as vítimas não eram ouvidas pelas instituições responsáveis. Coube às jornalistas darem voz a essas pessoas. Elas fizeram isso de maneira empática, se colocando no lugar do outro. As informações obtidas nas entrevistas acabaram gerando impacto, tanto em relação ao inquérito, quanto na vida dessas pessoas. Após a repercussão, a mídia, inclusive a emissora de TV que havia inicialmente recusado a pauta, passou a cobrir o caso.</p>	
Episódio narrativo 1: O podcast Pauta Pública	
<p>O programa é descrito pelos apresentadores como um “podcast quinzenal que traz entrevistas com jornalistas cujas matérias ajudam a explicar o Brasil”. Uma das entrevistadas afirma que o podcast serve como uma forma de pôr novamente em circulação conteúdos jornalísticos produzidos anteriormente. Na vinheta, a existência do programa é creditada ao apoio dos assinantes do veículo.</p>	
Episódio narrativo 2: A reportagem	
<p>A reportagem produzida pelas jornalistas Elisângela Colodetti e Naiana Andrade trata de denúncias de abuso sexual de um número ainda não definido de crianças contra um homem chamado Dinamá Pereira de Resende. Os apresentadores descrevem a reportagem como “estranhadora” e que exigiu dos repórteres “muita responsabilidade na apuração, muita sensibilidade do repórter para ouvir e acolher as vítimas e atenção dobrada na hora de escrever”. Ela é também descrita como um conteúdo disponibilizado “em primeira mão” e que traz o depoimento de 12 mulheres e duas crianças que afirmam terem sofrido abusos sexuais.</p>	
Episódio narrativo 3: O processo de apuração	

<p>Episódio narrativo 3.1: O primeiro contato com a pauta</p>	<p>Elisângela Colodetti e Naiana Andrade receberam a denúncia sobre o caso de um morador da cidade onde os abusos sexuais teriam ocorrido. Na época, as jornalistas trabalhavam em uma emissora de televisão que não aceitou a pauta por falta de informações. Ao longo da apuração, as jornalistas descobriram que as vítimas também não receberam a devida atenção de outras instituições. Elas afirmam, no entanto, que sabiam que estavam lidando com um caso muito grande e que impactava muitas pessoas. Elas levaram a pauta até Andrea Dip, editora da Agência Pública, que se tornou também editora da reportagem.</p>
<p>Episódio narrativo 3.2: A relação com as fontes</p>	<p>O principal elemento da reportagem foi o depoimento das mulheres e crianças que se diziam vítimas de abuso sexual. As repórteres classificaram essas fontes como “pessoas em situação de vulnerabilidade”, o que exigiu sensibilidade e que elas se colocassem no lugar das vítimas. Colaborou para isso o fato de elas se identificarem como mulheres e mães, a “bagagem jornalística” e a intuição. O resultado dessa abordagem empática foi a criação de uma relação de confiança que marcou a reportagem.</p>
<p>Episódio narrativo 3.3: Os impactos da reportagem</p>	<p>Um dos diálogos resultantes da abordagem com as fontes foi tão “forte” e “genuíno” que foi anexado à investigação policial sobre o caso. As fontes se sentiram tão acolhidas e confiantes no trabalho das repórteres que estas se tornaram “conselheiras” das vítimas em relação aos desdobramentos do caso. A primeira publicação gerou depoimentos de outras vítimas, sobre os quais as jornalistas pediram prioridade, e uma nova reportagem. A imprensa, mesmo a emissora que havia inicialmente recusado a pauta, também passou a cobrir o caso.</p>

Fonte: elaboração própria

<p>Pauta Pública 07: Jornalismo em Quadrinhos</p>
<p>Sinopse: Com o jornalismo em quadrinhos, Alexandre De Maio e Carol Ito uniram seus interesses em desenho e em histórias em quadrinhos às suas carreiras de repórteres. No entanto, os jornalistas encontraram poucas referências e identificaram uma baixa aceitação por parte de público e editores, que viam os quadrinhos como “coisa de criança”. Em contrapartida, os repórteres viram nesse formato jornalístico características que lhes permitiam trabalhar com temas sérios. As reportagens que produziram para a Agência Pública serviram de inspiração para outros repórteres e ajudaram a mudar a visão do público e dos editores brasileiros a respeito do jornalismo em quadrinhos.</p>
<p>Episódio narrativo 1: O podcast Pauta Pública</p>
<p>O programa traz poucas informações a respeito do podcast. Os apresentadores afirmam apenas que o programa trata de um tema mais “leve” para encerrar o ano de 2020. Uma das jornalistas participantes ressalta o fato de o programa oportunizar que os jornalistas estejam</p>

<p>“do outro lado”, referindo-se ao fato de ser entrevistada. Ela destaca também a oportunidade de conversar com “grandes jornalistas”. Um dos repórteres entrevistados destaca o papel positivo da Agência Pública para a sua carreira como jornalista.</p>	
<p>Episódio narrativo 2: Os autores e as reportagens</p>	
<p>A apresentação dos jornalistas entrevistados autores de reportagens em quadrinhos torna-se mais importante do que a descrição das próprias reportagens. Isso ocorre porque as práticas narradas por esses repórteres tornam-se a tônica do programa, sendo o conteúdo das reportagens em si citadas de forma secundária. Andrea Dip explica que o programa “vai falar sobre como a nona arte pode ser também um meio muito interessante de produzir material jornalístico, como isso funciona, como essas áreas se comunicam e tudo que elas têm em comum”. Os jornalistas entrevistados Alexandre De Maio e Carol Ito são descritos como dois dos nomes mais importantes do jornalismo em quadrinhos do Brasil. A reportagem de De Maio, intitulada “Meninas em Jogo” fala sobre mulheres em situação de exploração sexual durante os preparativos para a Copa do Mundo em Fortaleza. A reportagem de Carol Ito, intitulada “Mulheres da Craco” fala sobre como durante a pandemia as mulheres da região da Cracolândia em São Paulo são as mais vulneráveis.</p>	
<p>Episódio narrativo 3: O processo de apuração</p>	
<p>Episódio narrativo 3.1: Referências para o trabalho e autoaprendizado</p>	<p>Alexandre De Maio e Carol Ito encontraram no jornalismo em quadrinhos uma maneira de unir seus interesses em desenho e histórias em quadrinhos às suas carreiras jornalísticas. No entanto, os repórteres encontraram poucas referências nas quais basear seus trabalhos e resistência por parte de público e editores, que viam os quadrinhos como “coisa de criança”.</p>
<p>Episódio narrativo 3.2: Características e possibilidades do jornalismo em quadrinhos</p>	<p>Os repórteres entrevistados veem no jornalismo em quadrinhos uma série de características que o tornam um “formato” ou um “gênero” propício para tratar de temas “sérios”. O jornalismo em quadrinhos diferencia-se de obras de não-ficção ou autobiografias ao basearem-se em apurações jornalísticas de temas atuais e trazerem informações verídicas. Também tem entre suas características a presença do jornalista na narrativa, a apresentação de informações de bastidores e a reconstituição de cenas. Além disso, é uma ferramenta útil para se aproximar de fontes em situação de vulnerabilidade.</p>
<p>Episódio narrativo 3.3: A elaboração das reportagens em quadrinhos para a Pública</p>	<p>Os dois repórteres entrevistados destacam que as reportagens em quadrinhos produzidas para a Agência Pública foram as maiores e mais importantes de suas carreiras. A reportagem produzida por Alexandre De Maio foi uma oportunidade para trabalhar sobre um tema sério e sobre os problemas do Brasil. Serviu, de acordo com o repórter, para tirar da cabeça de público e editores que quadrinho era coisa de criança. Para Carol Ito, o trabalho de De Maio abriu portas para outros jornalistas, inclusive para ela mesma, tendo servido de referência para a sua reportagem publicada pela Agência Pública. A repórter explicou que sua reportagem foi uma</p>

	oportunidade de se aproximar das fontes, se colocar no texto e refletir sobre o tema e de trabalhar um tema sério por meio de uma linguagem pop, poética e leve.
--	--

Fonte: elaboração própria

Pauta Pública 08: Nega-te a ti mesmo	
Sinopse: Os repórteres da Agência Pública Bruno Fonseca e Mariama Correia produziram reportagens para o especial intitulado Nega-te a ti mesmo. Bruno Fonseca infiltrou-se em um congresso cristão de uma instituição conhecida por reunir pessoas interessadas em terapias de reversão sexual. Mariama Correia conversou com pessoas que se submeteram a essas práticas. A questão da linguagem torna-se um dos elementos centrais na narrativa elaborada pelo programa. O tema aparece na preocupação com a correta utilização dos termos pelos jornalistas durante a produção da reportagem. É também através da linguagem que as pessoas mostradas nas reportagens, por um lado, sofrem violência e, por outro, mostram superação.	
Episódio narrativo 1: O podcast Pauta Pública	
Na abertura do programa, a apresentadora Andrea Dip explica que o programa continua com a missão de “trazer o jornalismo como destaque para falar de assuntos que ajudam a explicar esses nossos tempos” (PAUTA PÚBLICA 08, 2021).	
Episódio narrativo 2: As reportagens	
O programa fala sobre uma série de reportagens que fazem parte do especial publicado no site da Agência Pública denominado Nega-te a ti Mesmo. Os textos falam sobre terapias e práticas de “reversão sexual” realizado por grupos principalmente ligados à religião evangélica. Os apresentadores referem-se ao trabalho como um especial investigativo. Os textos dos repórteres entrevistados Bruno Fonseca e Mariama Correia são referenciados como “grandes reportagens”. A descrição do programa afirma que o episódio vai trazer detalhes de como foi se infiltrar em congressos cristãos e como foram as decisões jornalísticas para se apurar um tema “tão sensível”.	
Episódio narrativo 3: O processo de apuração	
Episódio narrativo 3.1: O cuidado com a utilização da linguagem	A utilização da linguagem acaba se tornando um dos aspectos centrais da narrativa elaborada pelo programa. Os jornalistas, tanto os apresentadores quanto os entrevistados, trazem à tona a questão do cuidado com a utilização de certos termos. Os apresentadores afirmam que a utilização do termo “cura gay” foi um dilema durante a produção das reportagens e que os repórteres que as redigiram tomaram muito cuidado com as nomenclaturas. Os jornalistas entrevistados afirmaram que a linguagem é uma das formas pelas quais as pessoas submetidas a processos de “reversão sexual” sofrem violência.

<p>Episódio narrativo 3.2: A participação de Bruno Fonseca no congresso da Êxodus</p>	<p>O repórter Bruno Fonseca participou de um Congresso que tinha como tema os supostos processos e terapias de “reversão sexual”. A decisão de sua participação se deu em conjunto com sua editora, a também apresentadora do Pauta Pública Andrea Dip. De acordo com o programa, ele participou na condição de “infiltrado”, sem se identificar como jornalista. A sua participação no processo serviu para se aprofundar no tema e conhecer pessoas ligadas a ele. O repórter relatou ter ouvido falas “muito violentas”.</p>
<p>Episódio narrativo 3.3: Os relatos pessoais ouvidos por Mariama Correia</p>	<p>De acordo com a apresentadora Andrea Dip, a repórter Mariama Correia ouviu histórias “muito fortes” durante entrevistas com pessoas que dizem ter sido submetidas a processos de “reversão sexual”. Uma dessas entrevistas foi bastante longa e empática, tendo abalado a repórter pelo relato dos abusos sofridos. A questão da linguagem, tema que identificamos como central na narrativa, volta a aparecer em dois pontos. Primeiro, em relação à violência das falas a que essas pessoas são submetidas. Depois, no discurso de pessoas que conseguiram superar essas condições e assumir suas identidades sexuais. De acordo com Mariama Correia, elas hoje têm uma fala “muito potente”.</p>

Fonte: elaboração própria